UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS

VIAGENS ÀS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS DE SÃO PAULO: CURA, REGENERAÇÃO, DIVERTIMENTO E EDUCAÇÃO DO CORPO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

CAMPINAS
2016

DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS

VIAGENS ÀS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS DE SÃO PAULO: CURA, REGENERAÇÃO, DIVERTIMENTO E EDUCAÇÃO DO CORPO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração Educação

Orientadora: Carmen Lúcia Soares

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS E ORIENTADA PELA PROFª. DRª. CARMEN LÚCIA SOARES

CAMPINAS
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VIAGENS ÀS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS DE SÃO PAULO: CURA, REGENERAÇÃO, DIVERTIMENTO E EDUCAÇÃO DO CORPO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS

COMISSÃO JULGADORA:

Orientadora Profª Drª Carmen Lúcia Soares

Prof. Dr. André Dalben

Profª Drª Heloísa Helena Pimenta Rocha

Profª Drª Jussara Marques de Oliveira Marrichi

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2016

AGRADECIMENTOS

À Carminha;

Ao Grupo de Pesquisa e todos aqueles que por ele passaram;

Aos solícitos memorialistas das cidades de Serra Negra e Águas de Lindoia, que disponibilizaram tempo, histórias e cafés para a produção desta pesquisa. A saber: Nestor de Souza Leme, José Paulo de Campos e Silva, Francisco Goulart (professor Chico), Mirian Tozzi;

À Jussara Marrichi, que disponibilizou o acervo das Thermas Antônio Carlos, deveras importante na constituição das fontes deste trabalho;

Às professoras Heloísa Rocha e Jussara Marrichi pelas contribuições na qualificação;

Aos funcionários dos museus e bibliotecas tantas vezes consultados ao longo deste trabalho.

RESUMO

As indicações de viagens com destino a lugares em que uma natureza preservada e, ao mesmo tempo, *lapidada* pela mão humana tornaram-se mais frequentes no início do século XX no Brasil. Prescritas por um discurso médico que considerava os benefícios oriundos dessa natureza preservada como contrapontos à aglomeração urbana, elas se tornaram uma necessidade para parte significativa da população. Este discurso, que teve seu esplendor em cidades como São Paulo na década de 1930, tomava as estâncias hidrominerais como locais mais apropriados para refazer as forças, recobrar o equilíbrio e a energia do corpo e do espírito, já que eram dotadas de natureza exuberante e modelada pela mão humana. É desse modo que parte de um pensamento médico do período, passa a enaltecer os benefícios para a saúde da população urbana e a indicar este destino em diferentes publicações científicas, bem como naquelas voltadas a vulgarização destes trabalhos. Assim, as estâncias hidrominerais se fizeram importante reduto de uma nova educação do corpo e práticas de exercícios físicos, quer sejam indicadas por um discurso médico que prescrevia uma fuga em direção à natureza, ou através de novos divertimentos procurados pelos viajantes. Entre curas, regenerações e divertimentos, este trabalho propõe uma viagem em meio a natureza nas estâncias hidrominerais de Serra Negra e Águas de Lindoia, nas décadas de 1930 e 1940, período de seu esplendor.

Palavras-chave: *estâncias hidrominerais; educação do corpo; natureza*.

ABSTRACT

The indication of travelling destinations amid a preserved nature that is at the same time *polished* by human hands became more frequent in Brazil at the beginning of the 20th century. Prescribed by the medical discourses that considered the benefits originated from this preserved nature as a counterpoint to urban areas, they became a need for a great part of the population. This discourse had its glory in cities like São Paulo during the 1930s and understood thermal springs as the most appropriate places for restoring strength and recovering the balance and energies of both body and spirit, because they had a nature that was at the same time exuberant and shaped by human hands. This is the reason why such places were praised by the medical thought of the period and indicated in scientific magazines and promotional materials as suitable destinations for recovering the health of urban populations. Thermal springs were thus an important place for a new education of the body and the practice of physical exercises, whether they were indicated by medical doctors who prescribed an "escape" towards nature, or they were new amusements searched by travelers. Between healing, recovering and amusements this research proposes a travel through the nature of thermal springs from Serra Negra and Lindoia during their glory period in the 1930s and 1940s.

Keywords: *thermal springs; body education; nature*

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 Área onde se situa o balneário de Águas de Lindoia (com Hoteis ao fundo) – Década de 1920. FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia. 12
Fig. 2 Área onde se situa o atual balneário de Águas de Lindoia (com Hotéis ao fundo) – Década de 1930. FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia. 13
Fig. 3 – Cartão postal da primeira piscina do balneário de Lindoya. [1944]. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme. 14
Fig. 4 Hotel Glória antes da reforma [1921-1942]. FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi. 15
Fig. 5 Área onde se situa o atual balneário de Águas de Lindoia (com Hotéis ao fundo) – Década de 1930. FONTE: Acervo Pessoal Professor Francisco Goulart. 16
Fig. 6 Cartão postal da cidade de Serra Negra. [194-]. FONTE: Acervo pessoal Nestor de Souza Leme. 17
Fig. 7 Fachada do Hotel Glória com Francisco Tozzi, curistas hospedados e funcionários. [1930 – 1937]. FONTE: Acervo Pessoal Miriam Maria Tozzi. 18
Fig. 8 Foto do saguão das Termas de Lindoia, [194-]. FONTE: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi. 19
Fig. 9 Foto do lago do Recreio Caruso. Serra Negra. s/d. FONTE: Acervo pessoal Nestor de Souza Leme. 20
Fig. 10 Piscina do Hotel Radium. Serra Negra. s/d. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme 21
Fig. 11 Cartão postal com vista da piscina das Thermas de Lindoya. s/d. FONTE: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi. 22
Fig. 12 Piscina do balneário de Águas de Lindoia com banhistas ao fundo, s/d. FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia 23
Fig. 13 Detalhe da contracapa do folheto de divulgação das Termas de Lindoya (s/d). FONTE: Acervo pessoal José Paulo de Campos e Silva 59
Fig. 14 Folder da Estação Thermal de Lindoia, s/d. Capa e p.2. FONTE: Acervo Pessoal José Paulo de Campos e Silva. 86
Fig 15 Propaganda das Thermas de Lindoia FONTE: Jornal do Estado, S/N, 25-03-1933. 87

Fig. 16 Rótulo da água engarrafada de Lindoia. No detalhe os dizeres “CONCLUSÃO: Esta água é fortissimamente radiactiva. É a mais radioctiva das águas, por nós, até hoje, analysadas.” FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi 90
Fig. 17 Receita emitida pelo dr. Credídio, médico das Termas de Lindoia, em 1955. FONTE: Acervo Pessoal José Carlos de Campos e Silva. 97
Fig. 18 Foto de Francisco Tozzi com produtos de seu pomar, utilizada em propaganda da estância (s/d). FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi 112
Fig. 19 Franciso Tozzi em meio a seu pomar (s/d). FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi 114
Fig. 20 Jazz-band de serra negra (1935). FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme .. 118
Fig. 21 Baile do Havaí no Serra Negra Hotel, 1947. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme 119
Fig. 22 Piscina do Radio Hotel, s/d. FONTE:Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme. 120
Fig. 23 Piscina das Thermas de Lindoya e banhistas realizando hidroterapia no “Solarium” FONTE: RIZZO, 1937. 121
Fig. 24 Passeio de bicicletas pelas ruas de Serra Negra. [1940 – 1949]. FONTE:Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme 123
Fig. 25 Competição de motocicletas nas ruas de Serra Negra. [1940 – 1949]. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme 123
Fig. 26 Foto do engarrafamento de águas em Lindoya. s/d. FONTE: Acervo Pessoal Miriam Maria Tozzi 130
Fig. 27 Propaganda do Creme Lindoya. s/d. FONTE: Acervo da Biblioteca Municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia. 131
Fig. 28 -Propaganda do Creme Lindoya. s/d. FONTE: Acervo da Biblioteca Municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia. 131

LISTA DE TERMOS ESPECÍFICOS LIGADOS ÀS ÁGUAS

Água Medicinal: Água mineral utilizada para finalidades medicinais.

Água Mineral: Toda aquela que, pelas suas propriedades físicas ou composição química, se afasta de tal modo da média das águas potáveis e de uso comum, e que possa ser utilizada com fins terapêuticos ou como águas de mesa naturalmente gasosa.

Crenologia: Um dos ramos da hidrologia, responsável por abranger o estudo e o conhecimento das águas minero medicinais nas suas aplicações práticas, na prevenção e tratamento de várias entidades mórbidas.

Crenólogo: Médico responsável pelas aplicações da crenologia.

Curistas: Indivíduos que procuravam as estações termais em busca de cura dos males através das águas.

Hidrologia: Ciência que estuda as águas em geral, em todas as suas formas e manifestações na superfície da Terra, seja na atmosfera, nas nuvens, nos mares, nos lagos, nos rios, nos subsolos e nas geleiras.

Turistas: Indivíduos que buscavam um distanciamento da vida urbana e procuravam prioritariamente pelos divertimentos que poderiam ser usufruídos nas cidades termais.

SUMÁRIO

1. As estâncias hidrominerais: antes da palavra, algumas imagens 12
2 A "descoberta" das águas que curam: da narrativa heroica aos seus usos econômicos 24
2.2 Percursos da escrita 35
3 As viagens de férias e as estâncias hidrominerais 37
3.1 As águas, seus usos e suas indicações 51
3.2 Às indicações, uma escolha: a viagem rumo às estâncias hidrominerais 61
4. A transformação das cidades de serra negra e águas de lindoia em estâncias hidrominerais 64
4.1 A cidade de serra negra 71
4.2 A cidade de águas de lindoia 77
4.3 Turistas e curistas às estâncias: como determinar o bom uso destes locais? ... 82
5 Uma miríade de atrativos: educação do corpo, saúde e divertimentos 84
5.1 As curas 85
5.2 A regeneração 103
5.3 Os divertimentos 115
5.4 Educação do corpo e as estâncias hidrominerais: da cura ao divertimento, múltiplas facetas dos ditames médicos 125
6 Antes de concluir, algumas considerações quase finais 127
7 Referências bibliográficas 134
7.1 Arquivos consultados 134
7.2 Fontes de pesquisa 134
7.2.1 Revista Vida E Saúde 134
7.2.2 Revista Educação Physica 135
7.2.3 Outras fontes 135
7.3 Memorialistas 138
7.4 Legislação 138
7.5 Bibliografia 139

1. AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS: ANTES DA PALAVRA, ALGUMAS IMAGENS

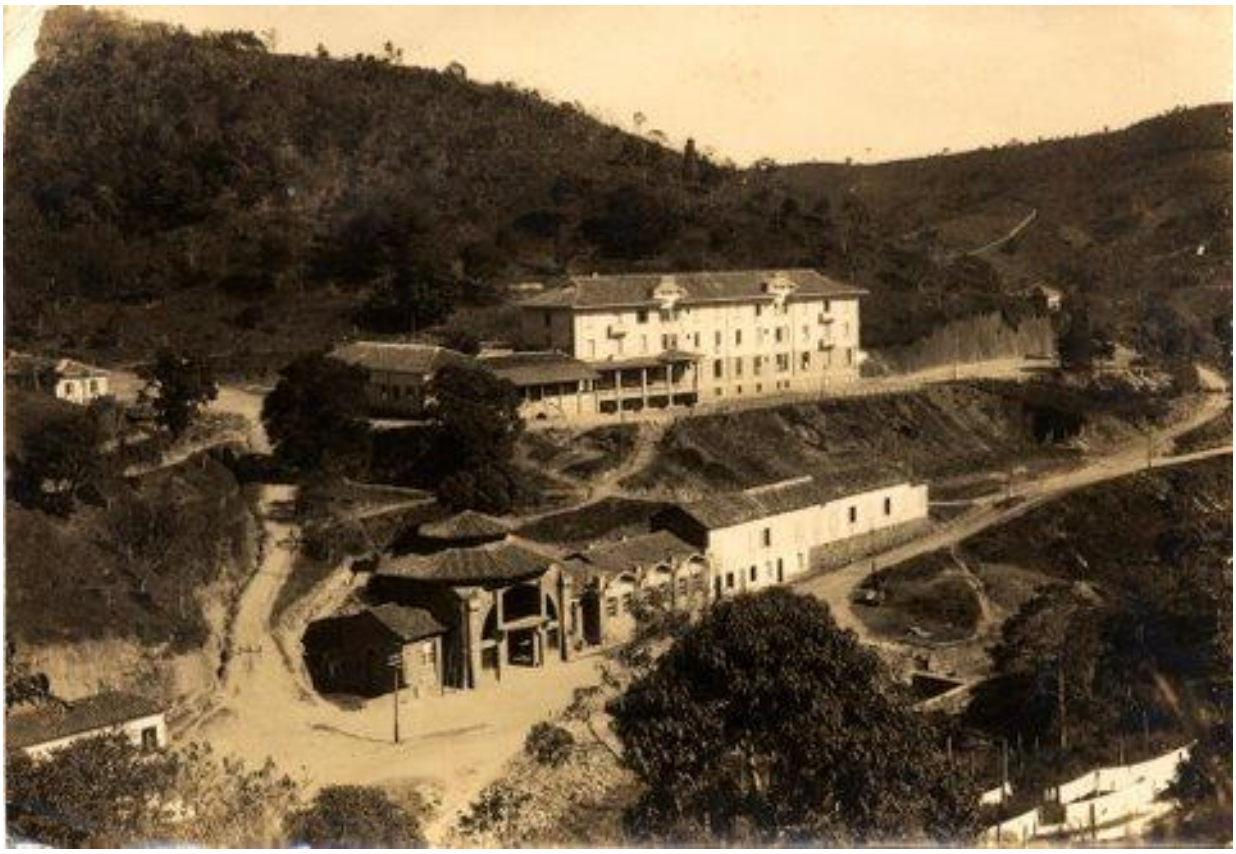


Fig. 1 Área onde se situa o balneário de Águas de Lindoia (com Hoteis ao fundo) – Década de 1920.
FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia.

Fig. 2 Área onde se situa o atual balneário de Águas de Lindoia (com Hotéis ao fundo) – Década de 1930.
FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia.

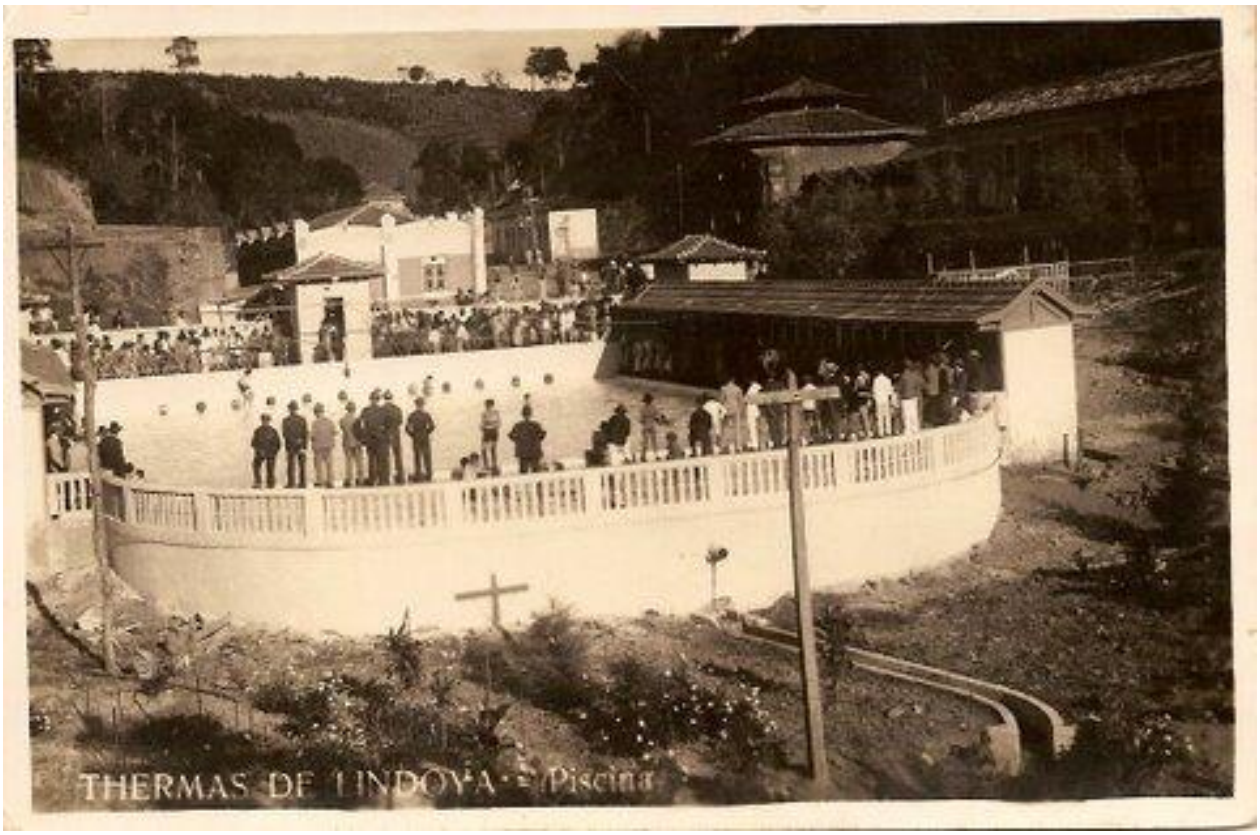


Fig. 3 – Cartão postal da primeira piscina do balneário de Lindoya. [1944]. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme.

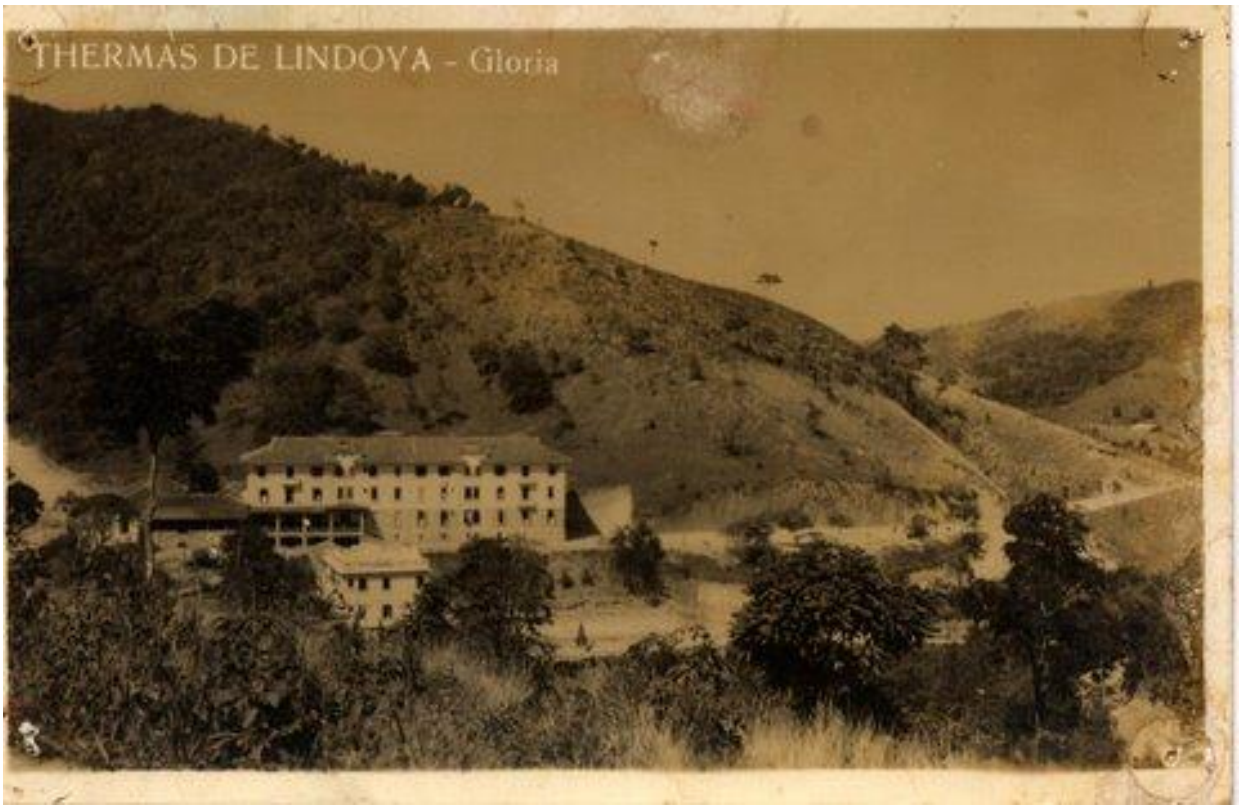


Fig. 4 Hotel Glória antes da reforma [1921-1942]. FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi.

Fig. 5 Área onde se situa o atual balneário de Águas de Lindoia (com Hotéis ao fundo) – Década de 1930.
FONTE: Acervo Pessoal Professor Francisco Goulart.

Fig. 6 Cartão postal da cidade de Serra Negra. [194-]. FONTE: Acervo pessoal Nestor de Souza Leme.

Fig. 7 Fachada do Hotel Glória com Francisco Tozzi, curistas hospedados e funcionários. [1930 – 1937]. FONTE: Acervo Pessoal Miriam Maria Tozzi.

.

Fig. 8 Foto do saguão das Termas de Lindoia, [194-]. FONTE: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi.

Fig. 9 Foto do lago do Recreio Caruso. Serra Negra. s/d. FONTE: Acervo pessoal Nestor de Souza Leme.

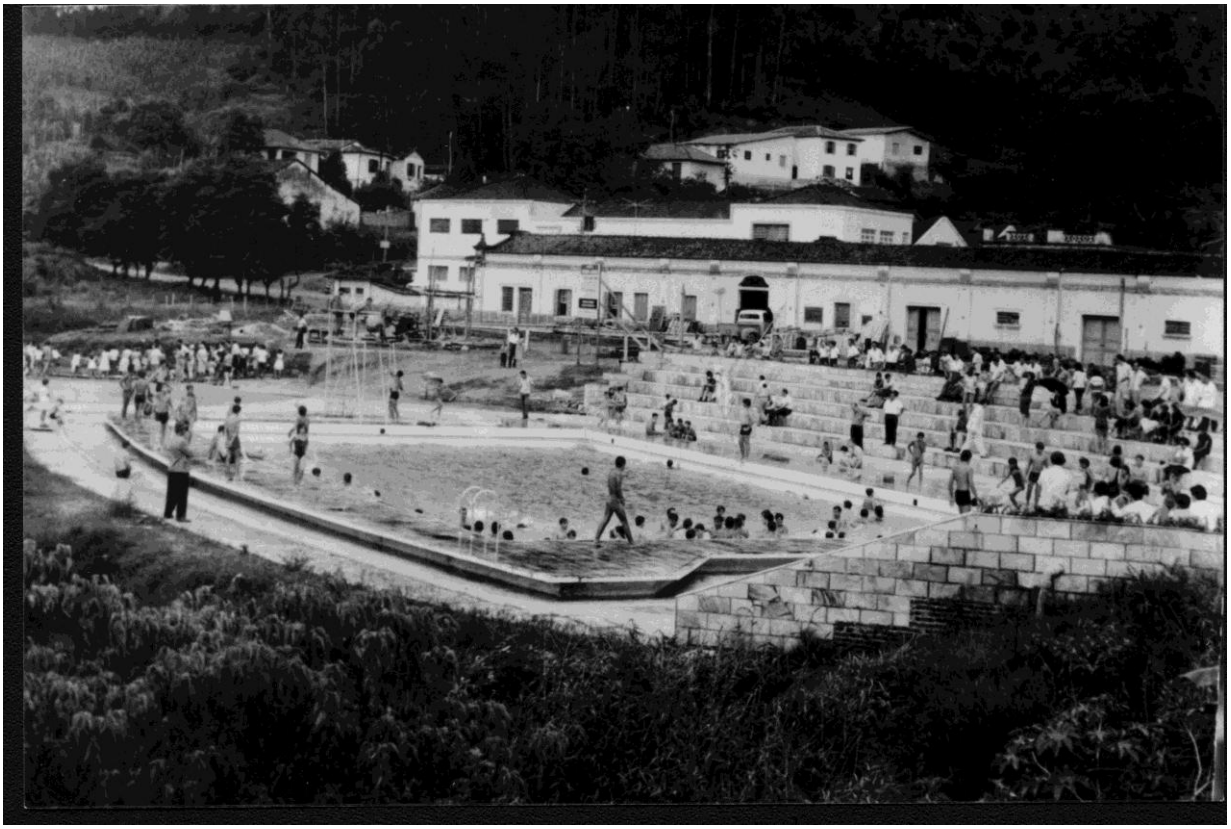


Fig. 10 Piscina do Hotel Radium. Serra Negra. s/d. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

Fig. 11 Cartão postal com vista da piscina das Thermas de Lindoya. s/d. FONTE: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi.

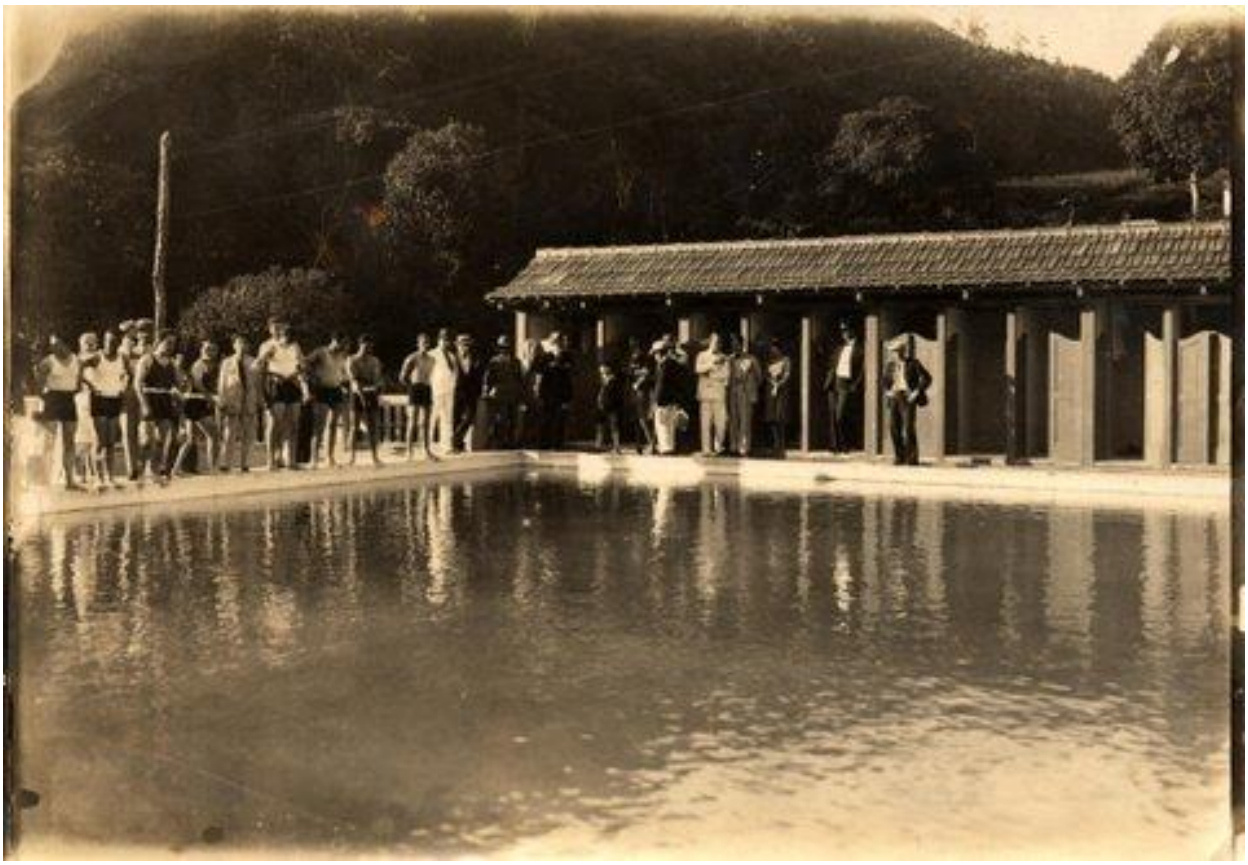


Fig. 12 Piscina do balneário de Águas de Lindoia com banhistas ao fundo, s/d. FONTE: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindoia

2 A "DESCOBERTA" DAS ÁGUAS QUE CURAM: DA NARRATIVA HEROICA AOS SEUS USOS ECONÔMICOS

> Antes de 1928, Serra Negra se apresentava como uma cidade relativamente antiga e pouco conhecida. A cultura do café era a sua maior e talvez única fonte de riqueza. Rompendo tremenda crise com a queda vertiginosa dos preços da preciosa rubiácea, os fazendeiros locais sofreram enormes prejuízos. Levando muitos dêles a completa ruína e as atividades do município cessaram quase que totalmente.
> Um período de franco declínio tomou conta da cidade, causando geral apreensão a todos, principalmente porque nenhuma solução se vislumbrava para sanar o mal. Temia-se pelo destino de Serra Negra, na iminência de retrogradar seu desenvolvimento. Foi neste cenário de mágoa e desolação, cercado de dúvidas cruéis, que estourou, em 1928, como uma dádiva do céu, a notícia que empolgou a todos, dando conta do descobrimento, pelo Sr. Luiz Rielli, de uma fonte de água fortemente radioativa, em terreno de sua propriedade – a atual fonte Santo Antônio. (DALLARI, 1966, p. 55).

Nasce, desta forma, a narrativa heroica contada repetidas vezes pelos álbuns turísticos de Serra Negra a respeito da descoberta de sua "vocação" para a exploração das águas termais. Como num romance, que tem seu enredo, ápice e a solução da problemática no final, a história da relação desta cidade com as águas é narrada tendo como ponto de partida a "heroica" descoberta do fazendeiro sobre as águas quentes, descoberta esta que possivelmente fora de ajuda dos céus. É a partir deste notável fato e da incomparável descoberta que Serra Negra abandona sua dependência de uma antiga base econômica e se abre à exploração das águas quentes; é a partir deste ponto que uma nova história para a cidade começa a ser escrita.

Porém, desconstruindo a narrativa acima citada, podemos pensar se, de fato, as causas e consequências funcionam desta forma na história. Evidentemente, não. É fato que, no momento em que a cidade perdia sua principal fonte econômica era preciso com urgência estabelecer uma nova área de exploração, geração de empregos e renda. E esta nova fonte de exploração financeira surge com as águas termais, estas que já eram conhecidas da população há muito tempo, de acordo com este trecho do Almanach de Serra Negra, de 1913. Esta publicação aponta, inclusive, que estas águas termais já haviam sido analisadas cientificamente no início do século:

> Um dos elementos de mais riqueza e de grande futuro do Município são incontestavelmente as fontes thermaes existentes no Bairro da Água Quente, a 3 léguas da cidade. Em novembro de 1903, no Laboratorio Chimico desse Estado, foi feita a analyse da Água Quente (como vulgarmente é conhecida). (LOMBARDI, 1913, p. 77)

Tomaremos então a "descoberta" do ano de 1928 de forma não literal, ou seja, vamos considerar que as fontes não foram descobertas naquele momento, e sim seu potencial econômico, pois foi somente quando o principal produto de mercado da cidade perdeu seu valor é que as fontes de águas quentes foram "descobertas" em seu potencial financeiro que trouxe a possibilidade de: engarrafar as águas e revendê-las; incorporar às fontes ladrilhos, encanamentos e banheiras, tornando-as aptas ao recebimento de visitantes. Em outras palavras, uma descoberta que abriu caminho para a criação de uma *estância hidromineral*. Este *Almanach* nos permite pensar também que não foi a partir do achado do Sr. Rielli que as águas passaram a ser utilizadas pela população para as curas, pois, seu potencial neste aspecto já era conhecido há mais tempo, já que a própria população local havia dado o nome ao bairro de "Água Quente". O título de *estância hidromineral* cria, na verdade, uma nova relação da cidade com as águas termais.

O termo *estância hidromineral* nasce legalmente com o decreto estadual nº 6501, de 19 de junho de 1934, e serve para designar "localidades onde as condições do meio físico ou a existência de nascentes de águas sejam indicadas para o tratamento de determinadas moléstias" (SÃO PAULO, 1934). Este decreto teve como objetivo regulamentar o aproveitamento das águas de nascentes que possuíam virtudes terapêuticas, além de apontar os requisitos para que a cidade se tornasse uma estância, como a necessidade de hotéis, de cuidados especiais com os locais das nascentes, além de medidas higiênicas e profiláticas. Esta legislação marca nosso olhar sobre este objeto: ela aponta uma verdadeira tomada das fontes de águas por um embasamento médico e científico.

Podemos afirmar que a estância de Águas de Lindoia (na época ainda parte da cidade de Lindoya) também foi alcançada por esta legislação e por seus desdobramentos: se Serra Negra tornou-se uma estância hidromineral em 12 de dezembro de 1938, um mês antes, em 16 de novembro daquele mesmo ano, Lindoya também havia sido agraciada com tal titulação, a partir de outro decreto (SÃO PAULO,

1938). Tais decretos surgiram como desdobramentos da legislação de 1934, e operaram como uma legitimação, nestas cidades, das determinações médicas e higiênicas a respeito do trato com as águas medicinais. Isto nos leva a questionar qual a origem destes decretos, através de perguntas como: quais as forças que estavam por trás da aprovação destas legislações que destinavam verbas estaduais específicas para a manutenção destas cidades? Quais foram os embates e os apoiadores que fizeram com que estas duas cidades fossem condecoradas com o título de estâncias hidrominerais? Estas são algumas questões que dão margem à construção desta pesquisa e que nortearão algumas respostas ao longo do texto.

Esta pesquisa trata da influência de um discurso médico[1] propalado a respeito das nascentes e das fontes de águas quentes que fora divulgado em eventos científicos, revistas e guias de viagens e mesmo dentro dos estabelecimentos das cidades termais, que procurava legitimar, através da pesquisa científica, tais cidades como locais de cura e regeneração. Era preciso transformar uma prática que fora historicamente associada à sabedoria popular ou à cura mágica e religiosa em um saber científico, "cumpria exorcizar as águas de diabos, santos ou votos, em favor de ácidos, óxidos e índices de alcalinidade. Cumpria infundir-lhes modernidade e ciência" (MARRAS, 2004, p. 43).

Ao tomarmos as estâncias hidrominerais como objeto de pesquisa, tivemos uma pergunta que antecedeu esta investigação: qual a importância destes destinos nas décadas de 1930 e 1940, período delimitado para esta pesquisa?

De acordo com Marrichi (2009) e Quintela (2004a), as estâncias hidrominerais foram os destinos que inauguraram as viagens de férias no Brasil; pode-se afirmar inclusive que o primeiro passo com relação ao turismo dentro do país se deu através destas viagens, principalmente em direção à já famosa estância hidromineral de Poços de Caldas, em Minas Gerais. Para exemplificar esta afirmação, podemos tomar a revista Poços de Caldas em seu número especial (1944), que produziu um quadro com o número de visitantes que a estância recebeu ao longo dos dez anos anteriores. De 1933, ano em que a cidade recebera aproximadamente 10 mil visitantes, até 1943, em que atingiu a marca de mais de 30 mil, o crescimento no número de turistas fora constante.

[1] Este discurso, que não se fez homogêneo e tampouco uníssono a respeito da importância da cura através das águas minerais, será explorado e esmiuçado ao longo do texto.

Sobre as estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia não há números tão precisos. Apenas conhecemos as memórias de antigos moradores que enaltecem ainda hoje os anos de 1930 e 1940 como o período áureo da visitação às estâncias (FELIX, 2012; CAMPOS E SILVA, 2005). Temos, ainda, os relatos sobre os visitantes ilustres recebidos como o então presidente da Republica Washington Luiz, a nadadora Maria Lenk, ambos na estância de Serra Negra (FELIX, 2012), assim como a química Madame Curie e o escritor Mário de Andrade, em Águas de Lindoia (CAMPOS E SILVA, 2005).

A fama destes destinos nas décadas de 1930 e 1940 pode ser explicada por uma aliança estabelecida entre o discurso médico e a divulgação das viagens no âmbito nacional. Era do interesse do governo de Getúlio Vargas que o turismo fosse potencializado dentro do país, pois, a seu ver, o Brasil deixava de explorar este quinhão econômico e os brasileiros desconheciam seu belo país (GOULART, 1990). Por outro lado, as viagens rumo às estâncias termais europeias como Vichy (França) e Bath (Inglaterra) eram voga na época, e serviam de modelo de diferenciação da elite brasileira no início do século (MARRAS, 2004; MARRICHI, 2009). Tais estâncias figuravam para a própria burguesia europeia como destino majoritário nos períodos de vilegiatura, dado seu refinamento arquitetônico e estético, que promoveu a transformação do período de curas em um momento luxuoso de turismo (RAUCH, 2001). De acordo com Corbin (1989), a ascensão da classe média na Europa, entre os séculos XVIII e XIX se ligou diretamente à criação de novos hábitos, que permitiram certa diferenciação desta classe social. Dentre estes hábitos, a visitação às estações de águas foi um dos principais fatores que conferiu certa visibilidade social e prestígio.

A partir do fim da primeira guerra e com a crise econômica de 1929, esta elite nacional teve que optar por usufruir das estâncias que nasciam no país sob os auspícios do discurso médico. Foi desta forma que tais estâncias foram atreladas a ideias de um local específico de diferenciação desta classe. Este imaginário social a respeito das estações balneárias acompanhou a construção das estâncias termais brasileiras: elas tornaram-se um espaço de encontro e visibilidade deste grupo social até então inexistente no país. De acordo com Marrichi (2009), elas estiveram ligadas à emergência de um mundo burguês no Brasil do século XX.

A importância destes destinos para a classe burguesa urbana que se formava no país pode ser notada, por exemplo, no romance de João do Rio, “A correspondência

de uma estação de curas", que retratou com precisão o cotidiano de uma estância hidromineral na década de 1930[2]. Através de cartas trocadas entre aqueles que estavam fazendo a estação em Poços de Caldas e aqueles que em São Paulo ou no Rio de Janeiro ficaram, era possível perceber o *frisson* que envolvia a estação. Todo o requinte necessário e as regras de conduta ali retratadas nos levam a perceber de que forma uma determinada educação de maneiras e condutas era nestas estações proposta e seguida à risca pelos visitantes. É possível perceber o quanto estas estações serviram ao papel de espaço de diferenciação para esta classe social que ansiava por uma legitimação e por seus próprios locais de visitação.

Logo, um incentivo propalado através da aliança da medicina aos propósitos governamentais, somado a um desejo de diferenciação das elites - que fora suprido, dadas as circunstâncias, nas estâncias brasileiras - foram fatores que elegeram as estâncias hidrominerais brasileiras como destino certo de viagens nas décadas de 1930 e 1940. A procura por estes locais envolvia um misto de necessidade das curas, regeneração do esfalfamento causado pelo ambiente urbano, um distanciamento dos ritos e ritmos urbanos, além, é claro, da procura por divertimentos e passeios que seriam nestas estâncias proporcionados.

Os diferentes interesses envolvidos nas estâncias também caracterizavam diferentes indivíduos que procuravam por elas. Nesta pesquisa, diferenciamos os curistas e turistas baseadas nas classificações que os próprios médicos faziam em seus relatos. Nestes, os crenólogos e médicos responsáveis costumavam chamar de curistas os indivíduos que procuravam as estações termais em busca de cura dos males através das águas, e de turistas aqueles que buscavam apenas um distanciamento da vida urbana e os divertimentos que poderiam ser usufruídos nestas cidades. Ambos faziam parte da heterogênea população que procurava por estes espaços, e que pretendemos acompanhar no intuito de conhecer a fundo suas práticas durante as estações de curas.

Este distanciamento da vida cotidiana, independentemente de qual fosse o interesse nos benefícios proporcionados pelas estâncias, exigiria novos comportamentos, novas relações com o meio, novas apropriações corporais e

[2]O romance "A correspondência de uma estação de curas", fora publicado por João do Rio no jornal O País de forma parcelada, para que depois se tornasse um volume único. Através de correspondências, o autor fala da fina sociedade frequentadora do balneário numa estação em 1917. Apesar de ficcional, o romance é, para Antônio Cândido, a melhor exposição publicada sobre os costumes realizados na estância durante a alta estação.

sentimentais daquilo que seria vivenciado durante o período de estadia nestas estâncias. O escopo das práticas e prescrições incentivadas pelo discurso médico dá pistas sobre algumas exigências para a estadia nas estâncias: a) as indicações de banhos; b) exercícios físicos e esportes em meio a natureza; c) copiosas refeições servidas em horários definidos; d) regramento do tempo, entre outras. Tais diretrizes nos auxiliam na compreensão de qual ideário médico voltado à cura e à regeneração era proposto nestas estâncias. Além disso, outras diferenciações comportamentais seriam proporcionadas pelos festejos, passeios, divertimentos; pelos encontros no hall dos hotéis, pelas trilhas realizadas em meio à natureza. Podemos pensar ainda que esta diferenciação se iniciava já no fazer das malas, na quebra da temporalidade do cotidiano urbano prometido na viagem que seria experimentada, ou, no sentimento voltado à natureza campestre admirada através das janelas da companhia Mogiana[3] no percurso que se fazia em tons de verde por todo o caminho.

Ao analisarmos os cuidados corporais necessários voltados à frivolidade da estadia, somados aos cuidados corporais que marcavam as determinações médicas necessárias ligados ainda a um novo sentimento voltado aos elementos da natureza presentes nesta viagem, compreendemos a necessidade que se criava de lidar com os corpos ali presentes e mesmo controlá-los. Compreendemos, ainda, que estas necessidades apontam para novas possibilidades de educar os corpos daqueles que se deslocavam rumo às viagens de férias para as estâncias.

Educar os corpos: codificar, submeter a normas, regras, produzir técnicas e pedagogias; Soares (2001, p. 110; 2014) nos ajuda a compreender a dimensão do alcance desta noção:

> Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem.

Assim, tomando por base a noção aqui apresentada, nosso objetivo nesta pesquisa é compreender de que forma se dava uma educação do corpo nestas estâncias,

---

[3]A companhia Mogiana era a responsável pela linha férrea que ligava a cidade de Campinas a Serra Negra.

forjada nas prescrições de usufruto destes locais pelas determinações médicas contidas nas fontes que serão analisadas neste trabalho, além do usufruto dos viajantes para a regeneração do corpo e o divertimento nas estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia nas décadas de 1930 e 1940.

Em pesquisa realizada anteriormente (MEDEIROS, 2012), direcionamos nossa investigação acerca do período áureo da estância de Poços de Caldas, entre as décadas de 1930 e 1940, esta que foi a mais famosa estância hidromineral da época no país, e se tornou inspiração às demais no período estudado. Nosso objetivo foi analisar a fuga do cotidiano de habitantes paulistanos. No entanto, não tivemos clareza se estes eram, de fato, os veranistas majoritários de Poços de Caldas. Embora tal cidade gozasse de prestígio social nos meios influentes da época, outras estâncias hidrominerais com igual fama pelo poder curativo das águas eram encontradas no meio do caminho, ainda no estado de São Paulo, evitando que o turista se esfalfasse em longas viagens até Poços de Caldas.

Tais estâncias, hoje chamadas de *Circuito Paulista das Águas* – Águas de Lindoia, Amparo, Lindóia, Monte Alegre do Sul, Serra Negra e Socorro – eram também conhecidas na época pelo poder de cura de suas águas. Será que as indicações a Poços de Caldas se baseavam apenas no prestígio da estância? Analisando o discurso médico que envolvia a aura destes locais, será que as estâncias aqui citadas também não eram largamente indicadas como destinos de férias aos que buscavam locais distantes do bulício urbano?

A elitização da estância hidromineral de Poços de Caldas certamente impedia a outros grupos sociais de gozar de todos os seus benefícios, seja pelo preço das estadias e serviços, ou pela distância do trem, seja pelo aporte corporal e social necessários para compor os *footings* do *grand monde* poço-caldense. Portanto, se analisados os propósitos higienistas de cura e recuperação do corpo, voltados principalmente para os trabalhadores dos novos centros urbanos, Poços de Caldas tornava-se inviável mediante tais objetivos.

Diante de tal cenário, será que as necessidades de educação do corpo e regeneração para o trabalho, tão divulgados como benefícios das estâncias de águas nas revistas de vulgarização científica, não eram atendidas nas estâncias paulistas? Dirigimo-nos a este novo rumo da viagem em busca das respostas a estas perguntas,

procurando nestes destinos por estas outras condutas corporais necessárias àqueles que procuravam por este tipo de viagem.

Deslocamos, portanto, nossa pesquisa para o então conhecido "Circuito das Águas Paulista". Descobrimos, entretanto, que este consórcio entre as cidades participantes fora formado em 2004, na tentativa de desenvolver o turismo na região. Logo, para o recorte temporal de nossa pesquisa, esta divisão operacionalizada em 2004 não seria conveniente, já que nem todas as cidades que fazem parte do Circuito são Estâncias Hidrominerais determinadas pela legislação estadual citada; algumas cidades se caracterizam apenas como estâncias turísticas (FUINI, 2010). À época estudada, as décadas de 1930 e 1940, apenas Serra Negra e Lindoia (hoje Águas de Lindoia) eram consideradas estâncias hidrominerais (SÃO PAULO, 1938). Foi desta forma, portanto, feita nossa seleção das estâncias a serem estudadas.

2.1 PERCURSOS DA PESQUISA

Nesta pesquisa, em que nos detivemos na educação do corpo forjada pelas prescrições médicas e nos cuidados corporais necessários à estadia nas estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia, empreendemos uma busca por aquilo que nos levasse a conhecer sobre a formação destas cidades e as transformações ocorridas para que se tornassem estâncias hidrominerais, bem como vestígios dos discursos médicos que indicassem tais destinos aos veranistas. Entretanto, na visitação aos arquivos públicos e hemerotecas[4], poucos eram os vestígios da importância e magnitude destes destinos nas décadas aqui analisadas. Isto desfazia nossa primeira hipótese de que tais estâncias tivessem sido um grande polo turístico da época. Se poucos eram os vestígios, o que faria esta temática ser de grande importância nos estudos da história da educação do corpo e das práticas corporais? Talvez, como compreendemos com Marc Bloch (2001), o que devesse ser mudada era a pergunta então elaborada, pois, conforme o autor, nem sempre se pergunta pelo livro que existe na prateleira; às vezes, é importante consultar a lacuna que se faz dentro desta sequência. Isto significa que possivelmente nos arquivos e hemerotecas consultados, ou em arquivos que guardam a memória desta época

[4] Arquivo Edgar Leurenroth (AEL – Unicamp); Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP – SP); Coleções especiais da biblioteca da Faculdade de Educação Física (FEF – Unicamp); Biblioteca Nacional (hemeroteca online).

específica, a temática das viagens e do período de férias com seus destinos não seja uma das mais procuradas. Dentro destes arquivos, raros foram os guias de viagens encontrados, ou publicações específicas para este período. Desta forma, a procura pelas fontes se desdobrou em outra busca: procuramos nas cidades estâncias quais eram as memórias e registros que elas mesmas faziam deste período áureo de sua existência.

Assim, a seleção que nos foi possibilitada foi aquela previamente realizada pelos arquivos e museus municipais e os arquivos pessoais de memorialistas das cidades. Ricos em detalhes e diferentes artefatos da cultura material, estes arquivos foram de suma importância na constituição das fontes e asserções desta pesquisa. Destacamos aqui alguns locais em que esta pesquisa das fontes foi realizada:

1 – Biblioteca municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia;

2 – Arquivo pessoal do memorialista José Paulo de Campos e Silva – Águas de Lindóia;

3 – Arquivo pessoal do historiador Francisco Goulart – Águas de Lindóia;

4 – Arquivo pessoal da memorialista Miriam Tozzi – Águas de Lindoia;

5 – Arquivo do balneário municipal de Águas de Lindóia;

6 – Biblioteca municipal de Serra Negra;

7 –Museu municipal Casco de Ouro de Serra Negra;

8 – Arquivo pessoal do jornalista Nestor de Souza Leme;

9- Biblioteca Orosimbo Correia Neto - Balneário Antônio Carlos – Poços de Caldas.

Recorremos novamente a Marc Bloch e a sua afirmação de que “nenhum historiador pode presenciar aquilo que estuda. Ele está sempre sujeito às nuances dos vestígios históricos” (BLOCH, 2001, p. 69). Analisar os vestígios pré-selecionados nestes arquivos é um trabalho que exige uma crítica histórica que se faça minuciosamente desde sua formação. Tais museus e bibliotecas funcionam hoje como pontos turísticos destas cidades que ainda vivem das imagens forjadas nos tempos áureos das décadas de 1930 e 1940. Logo, seus recortes procuram enfatizar aquilo que “engrandeceu” a história da cidade: obras vultosas, visitantes ilustres, períodos de economia em expansão. Mesmo os recortes dos memorialistas selecionavam aquilo que fosse relevante à sua família ou amigos próximos, e quase nunca a história detalhada dos adversários políticos. Recolhendo estes fragmentos de história, procuramos analisar

algo que ia além da história política destas cidades, o que por muitas vezes encontrava recusa e dúvida àqueles que "detinham" tais vestígios.

Distante de tudo o que fora produzido a respeito destas cidades até agora, esta pesquisa suscitava um novo olhar destinado a este objeto: capturar as práticas de educação do corpo realizadas nas estâncias. Mas, como conseguimos depreender as práticas de educação do corpo se o próprio corpo como matéria não deixa rastros? Oliveira e Vaz (2004, p.16) apontam a dificuldade de pesquisar os rastros que a educação do corpo deixa na história:

> O corpo não deixa marcas tão precisas para o estudo histórico. Os registros dos quais dispomos são sempre mediações, ou representações, se preferirmos. O que efetivamente faziam corporalmente alunos e professores, que atividades e manifestações desenvolviam e experimentavam só podem ser objeto de estudo histórico considerando as "falas" preservadas sobre aquelas. A linguagem que manifesta a corporalidade não é passível de ser apreendida plenamente nas formas textuais, orais, iconográficas, monumentais. [...]. As narrativas sobre aquelas práticas só podem ser aproximativas, não só no que se refere ao seu conhecimento, como naquilo que diz respeito à sua inscrição como fato histórico. As práticas corporais são fugidias, difíceis de serem registradas e apreendidas, impossíveis de se reduzir a quaisquer formas discursivas que não sejam as próprias práticas no seu momento de efetivação.

Dada a dificuldade da empreitada desta nova tarefa, elegemos um vasto conjunto de fontes para esta pesquisa, diversos artefatos da cultura material que continham rastros desta educação do corpo presente e necessária nas estâncias. Em busca destes rastros, analisamos nas páginas das revistas médicas, guias de viagens e as demais fontes selecionadas quais eram as prescrições dos deveres dos curistas. Tais publicações indicavam a o aporte correto do corpo, da gesta e dos sentidos daqueles que frequentassem as estâncias: os horários de sono, o tempo de contato com a água, as boas maneiras dos hóspedes, os passeios permitidos em meio à natureza, as regras de boa convivência do curista.

Nosso conjunto de fontes se estendeu por:

1 – Revistas voltadas à divulgação de exercícios físicos – Revista Educação Physica

2 - Revistas voltadas à vulgarização médica – Revista Vida e Saúde; Revista de Crenologia e Hidrologia Médica

3 – Guias de viagens e guias produzidos por hotéis, balneários e outros estabelecimentos comerciais,

4 – Receituários médicos,

5 – Anais de Congressos de Crenologia e Hidroterapia das décadas de 1930 e 1940

6 – Fotografias e cartões postais,

7 – Legislações estaduais e federais.

Uma das formas de nos aproximarmos de um questionamento mais próprio da história cultural com relação às fontes é a relação existente em suas práticas de representação, questionando quais as formalidades nas representações das práticas nas fontes que serão utilizadas para compor o trabalho (CHARTIER, 1990). Ou seja, é preciso pensar em quais eram as revistas e guias analisados sob aspectos de sua própria materialidade, quais as condições de fabricação, de distribuição, qual o preço. Tânia Regina de Luca (2005) exalta que a materialidade dos periódicos deve ser levada em conta ao considerá-lo como fonte, já que não é possível considerá-la neutra: ela diz muito a respeito da própria história da imprensa. Além disso, compreende-la permite que seja destinado um outro olhar à função social que aquele periódico exerce.

Havia também a divulgação destas estâncias através das revistas de vulgarização médicas. Fica claro que o aspecto das estâncias eleito para figurar nestas revistas era o da cura e regeneração, e não do divertimento. Podemos também nos embrenhar por outras questões a respeito do espaço das estâncias hidrominerais nestas publicações: qual era o espaço que as matérias sobre as estâncias e sobre a natureza ocupavam? Houve algum número especial que tratasse deste assunto? Qual a frequência com que tais assuntos apareceriam nas publicações? Quais eram os autores destes artigos – eram também médicos, como os autores das demais reportagens? Era exaltado um aspecto científico dos elementos da natureza ou um aspecto de sociabilidade e bom aproveitamento das férias?

Os guias de viagens, por sua vez, exerciam o papel de prestimosos indicativos de viagens, de acordo com Marc Boyer (2003). Já na Europa do século XVIII Corbin (1989, p. 156) pontua que “A geologia, a etnologia, a botânica, a história, a economia e a estética contribu [iram] para o aumento da curiosidade e a procura pela novidade.”. O olhar acurado e permeado pela ciência que os guias destinavam aos locais de veraneio desde o século XVIII configura-se ainda como prestimosos indicativos na divulgação do destino adequado aos veranistas.

A legislação também compreende o escopo documental desta pesquisa como uma importante fonte. Embora por muito tempo as leis tenham sido vistas como um terreno pouco fértil para a história cultural, Moreno e Segatini (2008, p. 72) compreendem que no plano da educação do corpo elas tornam-se fontes promissoras, já que "as prescrições nela contidas codificam valores e atributos desejáveis aos (e desejados dos) sujeitos, regulamentando, sancionando e legitimando comportamentos sociáveis para eles".

Tais documentos, portadores de uma linguagem racional e ordeira, podem ser compreendidos como um dispositivo educativo, e, em nosso objeto de pesquisa, um dispositivo que tenta prescrever hábitos, comportamentos e atitudes necessárias relacionadas ao corpo, num processo de introjeção considerado necessário (MORENO, SEGATINI, 2008).

Relativizamos diversas certezas e nos aproximamos de inúmeras novas indagações estimuladas por tais perguntas e pelo vasto conjunto de fontes. Compreendemos que, na tentativa de analisar as nuances da educação do corpo nestas estâncias, é preciso compreender algo além das prescrições médicas – precisamos olhar para as práticas corporais e apropriações daqueles que procuravam tais estâncias como destinos.

2.2 PERCURSOS DA ESCRITA

A popularização das viagens de férias com destino à natureza nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil, através das publicações que procuravam divulgar estas viagens é discutido no capitulo 3 desta pesquisa. Temos como objetivo analisar como o discurso médico, que apontava um distanciamento das cidades como cura das mazelas urbanas, elege a natureza e especificamente as estâncias hidrominerais como sinônimo de bom aproveitamento do período de férias. Utilizamos artigos e reportagens publicados em duas revistas do período: um periódico de divulgação de exercícios físicos (*Revista Educação Phyísica*) e uma revista de vulgarização médica (*Revista Vida e Saúde*). Além destas revistas, diversos jornais da região das estâncias aqui selecionadas, guias de viagens e cartões promovidos nas próprias cidades foram utilizados como fontes na busca pelo estímulo a estas excursões. Tais viagens foram incentivadas principalmente por um discurso médicos higienista que ganha força no seio

da vida urbana do século XX, e eram ditadas como úteis e necessárias à regeneração do corpo. Dentre as indicações encontradas, as águas e estâncias hidrominerais figuravam como um dos destinos indicados para os veraneios.

Como um dos destinos mais recorrentes nas publicações das décadas de 1930 e 1940, as estâncias hidrominerais constituem o tema central do quarto capítulo. Para analisar as duas estâncias paulistas de Serra Negra e Águas de Lindoia, partimos de sua constituição e formação como estâncias hidrominerais. Ou seja, pretendemos problematizar de que forma a materialidade destas cidades tornaram-nas estâncias hidrominerais, ou ainda, quais foram as forças que convergiram para que as águas tomassem lugar como o principal artefato econômico destes locais. O Objetivo do capítulo é apontar como o discurso médico toma para si a responsabilidade pelas fontes de águas e por toda a materialidade construída ao redor delas, e através de congressos e reuniões médicas, dão suporte para que tais estâncias figurem, de fato, como destino indicado aos curistas e turistas.

O quinto capítulo procura problematizar, enfim, o cotidiano dos turistas e curistas nas estações de curas. Através de três eixos de compreensão, quer seja, as curas, as regenerações e os divertimentos, valemo-nos de inúmeros artefatos da cultura material listados como fontes nesta pesquisa para procurar pelos rastros de educação do corpo dos visitantes destas estâncias. Ora problematizados através do olhar médico, ora fugindo às condutas necessárias as curas e voltados aos divertimentos, procuramos apreender e compreender de que forma se dava uma estação de curas nestas cidades nas décadas de 1930 e 1940.

O capítulo derradeiro se envereda pelos meandros do fim da aurora termal vivida no Brasil no período estudado e procura por motivos, explicações e caminhos percorridos pelas cidades no fim do período recortado para esta pesquisa. Situamos aqui também os limites da pesquisa e inúmeras outras possibilidades que se desenham a respeito da história das estâncias hidrominerais brasileiras.

Iniciemos, pois, esta viagem, que tem como destino final as estâncias hidrominerais paulistas nas décadas de 1930 e 1940.

3 AS VIAGENS DE FÉRIAS E AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS

> Fuja da poeira das cidades e do ar confinado dos seus escritórios ou salas de trabalho. Aproveite os sábados e os domingos para procurar o ar dos campos. [...] . Ande pelo mato, respire o ar da manhã, longe das poeiras e dos rumores. [...]. Limpe o seu corpo das infecções orgânicas e a sua mente das ideias pesadas de trabalhos e de preocupações. Aprenda a viver em contato com a terra. (PROCURE... 1940 p. 18).

A natureza, em seus destinos como as praias, as montanhas, as estâncias hidrominerais e os campos foi eleita como um contraponto a este meio urbano descrito no trecho, cheio de impurezas no ar e no solo, de sons dos carros e buzinas, de fadiga mental e de doenças. Fugir do meio urbano significava também fugir das transformações e mudanças que ocorriam a todo o momento e amedrontavam os transeuntes, que viam a cada dia a formação de uma nova cidade.

São Paulo crescia fremente com seus ritmos e ritos urbanos, alavancada por uma população de imigrantes que aumentava de forma abrupta somada aos provenientes do mundo rural, todos com distintas particularidades dos usos do corpo, dos espaços e distintas concepções de higiene (RAGO, 1987). A chegada destes novos contingentes populacionais possibilitou o crescimento da circulação de bens e pessoas e a consolidação do capitalismo com as fábricas e indústrias que lá se instalavam, e permitiu que a cidade tomasse ares de um grande centro urbano; este capital, por sua vez, era o responsável por atrair cada vez mais moradores para a cidade.

A cidade crescera, entre os anos de 1890 e 1900, 269%, e no ano de 1920 já contava com mais de quinhentos mil habitantes (ROCHA, 2003), que levaram consigo novidades e problemas difíceis de serem assimilados pelos que lá estavam. Rocha (2003, p. 24) sintetiza este misto de sentimentos com relação ao meio urbano: “entusiasmo, fascínio, pessimismo, desconfiança e medo mesclam-se nas representações produzidas nesse momento em que, perplexos, os homens assistem às transformações que fazem nascer uma nova e estranha cidade”.

Os choques culturais e percepção das diferenças tornaram-se fatores relevantes com esta nova confecção da malha urbana, e nem sempre eram relações fluidas; por vezes, as diferenças culturais tornavam-se relações drásticas e marcantes. Para Alvim (1998), para além dos choques culturais enfrentados pelo encontro de diferentes povos neste fim do século XIX

na cidade de São Paulo, houve também um choque cultural higiênico, em que hábitos de asseio e de cuidados individuais daqueles que desembarcavam em solo brasileiro e daqueles que chegavam das zonas rurais soavam estranhos aos olhos daqueles que na cidade já estavam. A autora relata, dentre outros casos, que os imigrantes italianos não hesitavam em retirar piolhos na frente de todos, ou que japoneses retiravam as roupas e nadavam nus nos rios da cidade, fatores que causavam estranhamento em toda a população. Além disso, a associação dos habitantes da zona rural à imagem de pessoas com pouca higiene e portadores de mazelas das mais variadas era comum aos olhos dos habitantes das cidades e das políticas sanitárias nela intrínsecas.

Este descompasso higiênico entre as populações, aliado a falta de controle dos poderes públicos quanto à reorganização urbana[5] (SANT'ANNA, 2007) resultou em inúmeras novas doenças e epidemias, que se alastravam com facilidade pela cidade (SOUSA, 2011). A guisa de exemplificação, podemos citar duas destas epidemias que marcaram as relações sanitárias da cidade: uma delas foi a de febre tifoide em 1914 e a outra a de gripe em 1918 (ROCHA, 2003).

Estes problemas oriundos da vida urbana, da vida na cidade em contato com todos os males nela existentes, não foram tomados como responsabilidade de um sistema econômico que exauria os trabalhadores sem oferecer benefícios em troca. Eles foram associados ao modo de vida da população mais pobre, da população imigrante ou advinda da zona rural, e era esta forma de vida que deveria ser combatida e excluída dos aportes aceitos para a vida em sociedade (ROCHA, 2003). Nascia desta forma, no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX, uma nova ciência, baseada nas premissas médicas, que iria se responsabilizar por esta relação entre as pessoas e o meio em que elas vivem: a medicina social (GOIS JR, 2005). Esta vertente médica reafirmava a ideia de que a origem, causa e determinação das doenças era, de fato, a realidade social (SOARES, 1990; 1994).

Assim, as incumbências desta vertente da medicina visam regulamentar os usos e espaços da cidade, desde as arrumações arquitetônicas que deveriam ser feitas até as relações interpessoais, opinando na manutenção dos bons hábitos de convívio social e nos costumes que deveriam ser deixados para trás; até mesmo as relações de trabalho seriam permeadas por

[5]De acordo com Denise Sant'Anna (2007), as obras realizadas no século XIX na cidade de São Paulo rapidamente tornaram-se obsoletas e insuficientes. E, mesmo depois de 1920, com a ampliação de algumas dessas obras, os problemas com cheias e enchentes continuaram fazendo parte do dia a dia do paulistano.

estas preocupações médicas. Era preciso incutir na população que a higiene era, antes de tudo, uma nova forma de viver, que requeria novos hábitos e comportamentos perante a vida em sociedade; mais do que isto, era preciso instaurar uma nova moral higiênica, que combatesse a degenerescência da vida na cidade.

Diversas ações e soluções para os problemas desta vida no meio urbano foram apontados por este discurso, por diferentes vertentes que se ocupavam desta nova relação entre medicina e sociedade; entretanto, nem todas as ações eram acordadas por todas as partes e tampouco agradavam a todos os olhares estabelecidos a este problema. Assim, não podemos falar sobre uma medicina homogênea e uníssona dentro desta vertente higienista, embora o objetivo geral fosse o de apontar uma forma coletiva de se obter a saúde, esbarrava-se em controvérsias a respeito de diversos aspectos; Edler (1998) aponta que estas controvérsias se instalavam desde o âmbito das prescrições – se estas deveriam ser individuais ou coletivas – até mesmo na legitimidade científica dos métodos aplicados. Gois Jr. e Lovisolo (2003) afirmam que houve continuidades e descontinuidades neste movimento, que não pode ser caracterizado como neutro e tampouco de forma homogênea.

Dito isto, as soluções dos problemas urbanos também não encontravam apenas uma resposta adequada determinada pela medicina. Além dos rearranjos urbanos, uma das indicações deste discurso era que a cidade era um local vicioso e sujo e que o campo tornar-se-ia o contraponto ideal para combater estes males, já que este era um local mais benéfico e prazeroso e, desta forma, seria capaz de apagar as marcas dos ritmos e ritos urbanos inscritas nos corpos fatigados dos habitantes das cidades (LUZ, 1982).

Uma ideia de natureza como benéfica e benfazeja, capaz de restabelecer os males proporcionados pela cidade, não foi uma ideia inventada pelo discurso médico brasileiro do período, tampouco nenhuma outra ideia voltada aos seus usos e relações: os usos da natureza se alteram, e ela assume formas e responsabilidades perante a humanidade de acordo com o período analisado.

Desde muito antes do advento da ciência moderna a humanidade se ocupa de construir compreensões e conhecimentos acerca da natureza e seus fenômenos. O medo, o entusiasmo, os castigos; depois, a observação, o manuseio, a ciência: as rupturas e continuidades na relação humana com o meio natural não cessam de se alterar. Robert Lenoble, em livro clássico intitulado “História da ideia de natureza”, (1969), afirma que “como todas as nossas ideias, a imagem de natureza que prevalece em cada época e em cada meio toma assim o peso de um valor social” (LENOBLE, 1969, p. 37). Assim, o imaginário a

respeito dos fenômenos provenientes dos céus, mares, ou os segredos guardados nos cumes das montanhas não é algo dado e perpetuado ao longo do tempo; ele se transforma e altera consigo as possibilidades de compreensão dos fenômenos observados, desde a magia, passando pelo empirismo, e, de forma mais recente, através da ciência moderna. Podemos afirmar então que as ideias e conceitos construídos a respeito da natureza são históricos, que se transformam e se alteram com o percurso da humanidade.

De acordo com Thomas (1996), já no século XVIII a poesia, os quadros e a literatura ajudaram a compor um cenário de apreciação do campo, como se ele fosse moralmente mais benéfico que a cidade. Novas sensibilidades foram forjadas, e permitiram que outros usos e relações com a natureza se dessem: o toque nas texturas, os sons da natureza, as paisagens bucólicas, prazeres sensoriais impensáveis até então, tornaram-se parte da relação humana com o meio natural. Nascia então uma concepção de natureza pura e benéfica, que contrastava com os elementos da cidade.

A intensificação da separação e das diferenças entre cidade e campo, experimentada no período, encorajou este anseio sentimental pelos prazeres rurais, além de uma idealização dos elementos morais provenientes do campo; "ele [o campo] oferecia uma fuga dos vícios e afetações urbanos, um descanso para as tensões dos negócios e um refúgio contra a sujeira, a fumaça e o ruído da cidade" (THOMAS, 1996, p. 294). Na própria literatura não cessaram os exemplos que exaltavam a tranquilidade, a inocência, o ar pueril do interior, que contrastava com a realidade urbana: o campo era retratado como um meio moralmente mais benéfico que a cidade (WILLIAMS, 2011).

O século XIX abriu passagem para novos usos e novas concepções a respeito da natureza, inclusive somando ao interesse pelo campo um novo gosto por paisagens menos simétricas e menos trabalhadas pela mão humana; assim, as montanhas, os cumes, os mares, elementos que outrora proporcionavam receio e distância adentraram também o imaginário de apreciação e mesmo de usufruto (THOMAS, 1996). Novas concepções a respeito da natureza se construíam a todo o tempo, indo desde a cura dos males e do esfalfamento cotidiano até a diversão e relaxamento.

Não demorou para que a medicina percebesse estas diversas possibilidades de uso da natureza e a inserisse em seu cabedal de prescrições. Se o ideário da medicina social era o de prevenir os males da civilização, os elementos da natureza se faziam peça fundamental: sua função passou a ser a de regenerar, educar e curar, de acordo com os preceitos médicos vigentes na época. O receituário médico objetivava educar pela e para a natureza, seja

utilizando seus elementos em curas e remédios, seja indicando a forma adequada de usufruir de uma estadia junto a ela:

> O passeio, a procura do ar livre, as distracções no campo ou à beira-mar, revelam-se auxiliares dos médicos. A mudança introduzida na rotina, a diversão do espaço, o efeito do campo e a atraente sedução do mar e das vagas e os seus resultados terapêuticos, não deixam de ser recomendados sem hesitação pelos médicos que observavam a influência do meio no estado de saúde geral dos indivíduos de ambos os sexos e de todas as idades. (HASSE, 1999, p 126)

No Brasil do início do século XX, em que cidades como São Paulo transformaram-se cada vez mais em aglomerações urbanas, a natureza também passou a ocupar o status de contraponto ideal à fadiga e os males provenientes das cidades. Foi desta forma que uma nova ordem urbana, que passava a se fazer valer no Brasil deste período, se ocupou de atribuir novas ideias e conceitos a respeito de uma natureza que cura, que regenera e que, acima de tudo, educa. Elementos da natureza como as águas, os ares, rios e montanhas passaram a ser analisados cientificamente para que assim pudessem ser usufruídos por estes habitantes urbanos e passassem a compor também traços de uma educação do corpo e dos sentidos.

É a medicina que se ocupa de dar cientificidade a estes elementos, explorando suas qualidades químicas e físicas, suas indicações para as doenças e degenerescências e também as contraindicações. Além da indicação das propriedades e das curas, esta medicina ocupou-se também de divulgar os locais onde tais benefícios poderiam ser encontrados: aos tuberculosos, os ares de Campos do Jordão; aos raquíticos, banhos de sol e helioterapia nas praias; aos reumáticos, as águas das estâncias hidrominerais. As viagens de férias rumo à natureza, já exploradas por este mesmo campo da medicina na Europa, adentravam os indicativos brasileiros também neste início de século, seguindo as indicações de cura e regeneração.

As excursões e perambulações em direção ao campo já eram tidas como uma forma comum de descanso no século XVIII na Europa, operando como mais uma das transformações de sensibilidade frente à natureza que se operaram neste período (THOMAS, 1996). O sacrifício da cura termal, um dos primeiros destinos eleitos com a finalidade de contraponto à fadiga urbana era, pouco a pouco, transformado no prazer pelo contato com a natureza pela nobreza britânica (RAUCH. 2001). As viagens funcionaram, a partir de então, como um tempo de reconciliação com a natureza e regeneração do corpo mediante o contato com ela (RICHEZ, STRAUSS, 2001).

Viajar significava se afastar dos ritmos produzidos na e pela cidade, passando a obedecer a uma nova organização temporal, regida pelos ciclos da natureza, pelas estações do ano. A subversão de uma temporalidade marcada pelo relógio, este símbolo do ritmo de trabalho nas cidades (RAUCH, 2001), se impunha aos viajantes. Era preciso se distanciar daquilo que sufocava, daquelas reminiscências do cotidiano dos que viviam nas cidades; era preciso sair dos escritórios de trabalho, do barulhento ambiente das fábricas, das ruas e sua aglomeração de transeuntes: era preciso abandonar, neste ínfimo período que se fazia possível, os ritmos que a urbanidade demarcava aos corpos. Era preciso apaziguar as mazelas que se abriam como leque na esteira das cidades. A fuga das cidades era o que demarcava as indicações e preferências da ocupação do período de férias.

As férias surgiram como uma instituição responsável por demarcar de forma controlada o tempo de uma subversão do cotidiano. Uma sociedade marcada pelo ritmo das fábricas e da realidade estafante do trabalho via nas férias o período ideal de quebra desta temporalidade, um período que seria regido pela natureza, pelas estações do ano. Além de alterar o cotidiano, as férias foram responsáveis também por estabelecer a pausa nos tempos de trabalho, separando-os na metade através de um rompimento nas atividades que deveriam ser realizadas:

> Surge, em alternância com o trabalho, o tempo das férias, isto é, da natureza, das viagens, das diversões; Numa sociedade rural ou artesanal, o tempo livre tinha seu lugar dentro do quadro das atividades normais. Na sociedade urbana e industrial, ele chega em data marcada para todos, concentrando-se no verão. Longe de ser uma recusa das obrigações temporais, como em Rousseau, o gosto pela natureza, à medida que se difunde em novas camadas sociais, passa a estruturar o tempo de maneira inédita. O apelo das férias, que se manifesta de forma crescente, acarreta outra divisão do ano. (MARTIN-FUGIER, 2009, p. 213)

Tal benefício fora concedido apenas quando uma medicina do trabalho notou a melhora na produtividade dos trabalhadores mediante um período de descanso; ele impõe-se como um parêntese necessário à vida cotidiana. Era preciso subverter o tempo do relógio, responsável por ritmar o ciclo do trabalho produtivo, e transformá-lo em outro, um tempo regido pela natureza, pelo sol e pela noite, pelas estações do ano – esta era a transformação necessária e bem quista proporcionada pelo período de férias (RAUCH, 2001).

No Brasil, no período aqui estudado, que abarca a ditadura e o populismo do governo Getúlio Vargas, a legalidade das férias remuneradas se fez através da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943). Esta foi a primeira legislação brasileira a determinar diretrizes nas relações de trabalho, tanto urbanas

quanto rurais. Foi nela, também, que apareceu a obrigatoriedade do período contíguo e remunerado de férias aos trabalhadores. (BRASIL, 1943). Esta legislação tem seu histórico ligado à política conciliatória promovida pelo governo de Getúlio Vargas, que procurou legitimar o Estado Novo através da amarração das reivindicações sindicais à legislação trabalhista, que se apresentava por seus interlocutores como uma doação por parte do governo, mas não deixava de ser parte de uma política que beneficiava em maior parte a manutenção do Estado e dos privilégios dos empregadores (LUZ, 1982; TOTA, 1987). A aprovação da CLT foi, dentro desta política, o ponto culminante desta negociação.

Esta legislação, que carregava consigo a possibilidade de férias remuneradas aos trabalhadores brasileiros, não fora aprovada sem que forças operassem para sua realização. Assim, de um lado, as frentes trabalhistas pressionavam o governo em busca de direitos aos trabalhadores, e o governo buscava realizar uma política que conciliasse as demandas trabalhistas ao lucro fabril; de outro lado, as férias tornaram-se legais apenas quando as discussões desta medicina social e trabalhista apontaram para uma maior produtividade do trabalhador mediante uma pausa no tempo de trabalho. Portanto, esta aprovação legitimada pela medicina embasava, de certa forma, um discurso de lucratividade e melhoria da produção das indústrias (LUZ, 1982). Fica clara uma influência médica que opera através de uma racionalização do trabalho, buscava evitar o dispêndio inadequado de energias no trabalho, o que prejudicaria a produtividade. Desta forma, as pausas, o estabelecimento de um limite de horas de trabalho diários e a introdução de férias obrigatórias eram parte das discussões higienistas acerca do mundo do trabalho, tendo as viagens rumo à natureza um papel importante dentro deste discurso para o aproveitamento adequado deste período.

O grande argumento deste discurso médico a favor da aprovação do período de férias era o esgotamento físico e mental do trabalhador, o que diminuía sua capacidade produtiva; a saúde do trabalhador era vista, portanto, como a capacidade de trabalho, e seu grande adversário era a fadiga, “um fator nocivo, parasita, que pode[ria] e deve[ria] ser eliminado a qualquer custo” (CORBIN, 2001a, p. 334). Era preciso abandonar a ideia do corpo-máquina, aquilo que nunca para e fenece, e assumir que o organismo dos trabalhadores se submetia aos resultados do esgotamento. O restabelecimento das energias proporcionado pelo repouso significava diferenciações visíveis quanto ao cansaço do trabalhador e mesmo diferenciações internas ao organismo, como o aumento da circulação sanguínea, aumento da atenção e do raciocínio, maior acuidade dos sentidos. Era evidente que a finalidade dos avançados estudos sobre a fadiga era evitar o desperdício das forças humanas, e mesmo o

desperdício material nos locais de trabalho, evitando enfermidades, acidentes e catástrofes com máquinas (CORBIN, 2001b). A ciência, que regia o pensamento a respeito do assunto e que se autodenominava responsável por esquadrinhar a vida em todas as dimensões determinava, desta forma, um adequado aproveitamento do tempo e economia das energias (SOARES, 1998).

Esta ciência médica, responsável por proporcionar o bom aproveitamento das férias, dedicava-se também a aconselhar o bom usufruto deste período de não trabalho: partir para a natureza permitiria que o corpo entrasse em contato com atividades e exercícios como o nado, a escalada, os *footings*, excursões, o que educaria o corpo em meio à natureza e impediria que as férias fossem utilizadas para a ociosidade, a mãe de todos os vícios (LUZ, 1982). O trabalho era exaltado pela política governamental brasileira e também pela orientação capitalista da economia; nos discursos oficiais de Vargas, o trabalhador era o homem moralizado, o bom cidadão; o trabalho era moralmente benéfico à alma humana (TOTA, 1987); assim sendo, sua oposição, o ócio, era combatido e descrito como uma conduta imoral e viciosa (LUZ, 1982), o que o tornava inválido e repulsivo também no período de férias, declaradamente alinhado à lógica produtiva.

Embora a fuga em direção à natureza tenha sido muito utilizada por este discurso ligado ao trabalho, esta procura pelos elementos naturais deveria também ser feita por aqueles que não trabalhavam, tampouco eram regidos pelas legislações de férias, mas que, no entanto, também compartilhavam da ansiedade provocada pelo meio urbano nascida da perda de vigor, da debilidade dos corpos e principalmente da imoralidade presente no meio urbano. A natureza serviria também para curar os males daqueles que, embora não convivessem no ritmo alucinante das fábricas, também sentiam o mal estar do excesso de urbanidade das grandes cidades (HASSE, 1999; MARRICHI, 2009).

Mediante tais preocupações, era necessário promover a adequada ocupação do tempo de veraneio, principalmente através do distanciamento das cidades em direção aos rincões da natureza. Nesta ampla difusão do pensamento médico pelas redes de poder da cidade, descrita até agora, as publicações médicas tornaram-se, logo, um espaço privilegiado de difusão destas novas possibilidades de usufruto deste período que acabava de ser conquistado (EDLER, 1998). Foi desta forma que as revistas voltadas a públicos que buscavam interlocução com estes saberes tornaram-se os principais meios de aproximar este discurso médico e a população.

No Brasil, entre os fins do século XIX e início do século XX, houve uma fértil cultura de revistas. As revistas do início do século, de acordo com Martins (2001), tornaram-se rapidamente peça fundamental no dia-a-dia da população, já que se dispunham a assumir inúmeras funções nas relações sociais, como comunicar setores da sociedade, formar opinião, ditar moda, incitar o consumo, impor condutas, moldar paradigmas. É sabido que estes impressos se tornaram uma fonte bastante significativa de comunicação em um Brasil que se urbanizava, sobretudo por ser um veículo impresso com informações condensadas e de consumo fácil, com aparência frívola, divertida, recheada de imagens e que desta forma conseguia abarcar uma diversidade de leitores (MARTINS, 2001).

É desta forma que revistas[6] que se associavam a um discurso médico, quer seja na divulgação de ações voltadas à prática de exercícios, quer seja na manutenção da saúde individual e coletiva se propunham a divulgar este ideário de uma natureza redentora e contrária ao esfalfamento urbano. A vida na cidade, definitivamente, afastava o contato dos habitantes com as fontes produtoras de energia e de saúde, embora fosse o local prioritário para um estilo de vida moderno e que servisse aos intentos de modernidade do país. Estabelece-se, então, um distanciamento entre a vida na cidade e a vida na natureza. Em artigo intitulado "Volta à natureza", assinado por Braulio Laurencena Drescher, membro da Associação Cristã de Moços do Uruguai, há uma exaltação da vida em contato com a natureza como oposição ao meio urbano. O autor diz que o luxo proveniente da cidade faz com que se percam as qualidades físicas e morais, o que é atrelado diretamente com a decadência física da raça brasileira. O autor continua afirmando que os resultados da vida urbana não são agradáveis, e que as consequências são inúmeras, destacando:

---

[6]As revistas aqui analisadas foram as revistas *Educação Physica* e a revista *Vida e Saúde*. A revista *Educação Phyísica*, produzida em um período de significativas mudanças econômicas e sociais no Brasil, o Estado Novo, zelou em suas páginas por um modelo de educação do corpo de homens e mulheres que forjava o intento de enobrecer a raça brasileira e aumentar a força produtiva da nação, através dos esportes, ginásticas e outros procedimentos voltados ao trabalho corporal. A Educação Física tornara-se já nestas décadas aqui analisadas, uma das principais responsáveis por reformular e incutir a educação dos corpos através dos exercícios. Esta revista foi imbuída da grande responsabilidade de divulgar este saber que se assegurava e reforçava perfeitamente todo o ideário médico de asseio e moralização dos corpos. Beleza, força, engrandecimento da raça: estes eram os preceitos que deveria seguir o Brasil que se formava e adentrava o século XX (GOELLNER, 1999). Já a revista *Vida e Saúde* foi uma publicação criada em 1938, distribuída e publicada pela Casa Publicadora Brasileira, órgão ligado à Igreja Adventista. Embora ligada a uma instituição religiosa, Dalben e Soares (2008) e Dalben (2006) apontam que poucas eram as citações diretas à religião adventista em suas páginas, embora os temas abordados expressassem esta filosofia religiosa em diferentes aspectos. Esta revista nasce com o intento de ser um periódico específico sobre a higiene e sobre o corpo humano, com linguagem simples e agradável, para que pudesse ser compreendida pela maioria da população. Assim, ela pode ser classificada como uma revista sobre atualidades médicas dirigida ao público leigo (ZUCON, 2006).

> a) fadiga, irritabilidade, nervosidade, histeria, demência
> b) desordens do fígado, rins e systema circulatório
> c) esforço dos sentidos especiaes como a vista, os ouvidos, etc.. especialmente nas indústrias
> [...]
> Transtorno do systema digestivo, produzidos por alimentação impropria
> Falta de ar livre e sol devido às más vivências (DRESCHER, 1938, p. 25)

Era imperativo neste discurso que o habitante das cidades deveria abandonar, nem que fosse por um momento, os ritmos urbanos para se voltar para outras relações, que começam a ser explicitadas a partir de um momento de contato com a natureza. Os fatores que deveriam levar um turista a afastar-se das obrigações diárias deveriam ser, de fato, a fadiga mental e o desgaste físico proporcionados pelas atividades urbanas; os tempos urbanos plenamente prejudiciais à vida poderiam e deveriam ser quebrados com uma viagem de volta à natureza:

> O turista deve procurar "renovar-se" não só proporcionando aos seus próprios olhos espetáculos e objetos novos, como procurando levar uma vida, embora por pouco tempo, diferente de todas as "Viagens em zig-zag", é necessário "suscitar contrariedades eficazes" que se obteem com preocupações pessoais, de índole muito diversa das que sentimos comumente porque se referem aos esforços físicos que manteem o corpo e a alma em atividade, para suportar privações e transpor obstáculos.
> Escalar cumeadas com o fim de proporcionar-se o espetáculo incomparável que se contempla das alturas; caminhar quilômetros buscando as nascentes dos rios e dos riachos; descer ao fundo dos barrancos e precipícios, são causa de esforços prolongados, de sofrimento mesmo, mas sofrimento doce, que obrigam o organismo a intensificar suas funções e acabam em prazer físico e espiritual (SCOLNIK, 1942, p. 34)

As férias foram eleitas por este discurso como o período adequado para que esta contrapartida aos ritmos urbanos em direção à natureza se desse. Renato Kehl[7], um dos mais

[7]Renato Khel foi um dos maiores expoentes do eugenismo no Brasil, ciência esta que buscava elevar o vigor da raça, o progresso e a civilização, através de práticas que iam desde o higienismo e sanitarismo das cidades, vistas como mais brandas, até a segregação das raças e o branqueamento da população, vistas como medidas mais radicais (KINOSHITA, 2013; SILVA, 2008; SOARES, 1990). Khel foi um expoente da eugenia mais branda e preventiva até 1930, e acreditava que a educação física e os exercícios eram importantes práticas eugênicas, já que permitiam a conquista de corpos fortes e vigorosos (KINOSHITA, 2013; SILVA, 2008). As atividades em meio à natureza como fuga do cenário urbano apareciam como um complemento a este pensamento, já que no ideário eugênico, a cidade também se configurava como um local de degradação da raça e dos corpos. Os exercícios físicos eram, portanto, importantes práticas para o ideal eugênico, e ao mesmo tempo a própria reafirmação da importância da educação física dependia de certo modo da eugenia (SOARES, 1990; SOARES, 1994); assim, tais alianças eram estabelecidas, e os artigos escritos por Khel era uma constante na Revista Educação Physica, que, em sua maioria, abordavam as questões higiênicas dos exercícios físicos (SILVA, 2008).

influentes médicos eugenistas brasileiros da época, assina um artigo intitulado "As férias", em que condenava a escravização do organismo e compreendia que a produtividade na indústria e outros setores da economia seriam afetados positivamente caso a possibilidade das férias no Brasil fosse ampliada para os mais diversos extratos da sociedade. As férias, para este autor, eram uma obrigação sanitária da vida cotidiana, plenamente embasadas em sua gênese pelos preceitos de higiene.

A importância dada aos tempos de férias por Renato Kehl também segue a lógica de que este tempo deveria ser destinado ao revigoramento das energias, e não a um tempo ocioso, permeado pelo não fazer nada. O autor, assim, arriscava-se também na possibilidade de indicar os destinos prováveis aos que buscassem este período de regeneração e descanso:

> Não há povo civilizado que não conheça e não pratique esta importantíssima obrigação sanitária de ausentar-se, todos os anos, das ocupações, indo passar uns dias à beira mar ou nas montanhas, respirar ares diversos, descansar a vista em paisagens diferentes, poupar os órgãos das mesmas intoxicações; em suma, criar novas fôrças, fortalecer-se, rejuvenescer-se, para um novo ano de lutas. (KEHL, 1941, p. 37)

No intuito de analisar a questão da fuga das mazelas urbanas, o período de férias havia se tornado unânime como alternativa para esta possibilidade, e a revista *Vida e Saúde*, que se ocupava de combater as doenças e pregar um discurso pautado na higiene, se valia da ideia de indicar o bom uso deste período, em conformidade com o melhor aproveitamento do tempo de não trabalho para os cuidados com o corpo e a mente.

A questão que balizava as inquietações acerca deste período era se havia, de fato, proveito nas férias. Em matéria publicada em 1944, a resposta para esta questão é que, se esta pergunta fosse feita a grande maioria da população, a resposta seria sim. Entretanto, era preciso reavaliar esta questão. No texto, explicita-se a existência de três tipos de pessoas: aquelas que não precisam de férias anuais – raros casos, pessoas que não sabem como aproveitar o período de férias e aquelas que não percebem a necessidade de descanso e recreio. A tensão da vida moderna chega ao ponto de provocar tensão nervosa, neurastenia e esgotamento, e, na visão do autor do artigo, só um período de repouso acompanhado de boa alimentação pode trazer nova tônica a este indivíduo. Entretanto, nem sempre o período de férias era sinônimo de bom aproveitamento:

Após o fim da segunda guerra mundial, o cenário da eugenia em um âmbito mundial se alterou e tais ideias perderam força dentro do discurso da educação física (SILVA, 2008).

> Ora, os períodos de descanso de que necessitamos variam segundo o grau em que a "pressa e a tensão" da vida moderna nos afetam. Denominamo-los férias, e o lamentável é que o desejo de divertir-nos se haja a tal ponto apoderado de nós, que o restabelecer-nos e habilitar-nos para fazer mais e melhor trabalho quase tem sido esquecido em nossos dias de férias (MARSH, 1944, p. 14)

O artigo tende a analisar o justo emprego do período de férias. Em primeiro lugar, é sugerido o abandono da tensão e a cooperação com a natureza: "temos de esforçar-nos por não pensar em nada particular, dormir um pouco a mais e cultivar disposição alegre" (MARSH, 1944, p. 17)

É preciso abandonar, segundo o artigo, tudo o que diz respeito ao cotidiano da cidade; entretanto, é preciso ainda manter um rigor para se alcançar o "bom proveito": não permitir excessos e nem estabelecer uma quantidade de dias inferior à necessidade, para que se evite voltar mais cansado do que quando partiu. Podemos depreender que a importância dada ao período de férias no artigo tem fortes alianças com o melhoramento da eficácia do trabalho e o aumento do rendimento do empregado, o que demonstra claramente um viés higienista nesta publicação, fato que já havíamos assinalado a respeito das tendências desta publicação.

Em outro artigo, discutem-se mais explicitamente as atividades que devem ser realizadas no período de férias. Primeiro, era importante que a partida para as férias fosse feita para um local não tumultuado, como o eram as praias no verão: em geral, estes locais apresentavam "prazeres exaustivos, ao ponto de a pessoa voltar das férias mais cansada do que quando saiu para tomá-las" (CONSTOCK, 1944, p. 5).

Os cuidados para aqueles que partiam em viagem deveriam se dar desde a preparação das malas, observando-se as minúcias, sem se sobrecarregar, razão pela qual tudo deveria ser feito com antecedência sem deixar tarefas para a véspera da partida.

Os locais indicados para as viagens neste período eram aqueles em que o viajante pudesse, de fato, repousar; o mais indicado para estes fins era a montanha, pelo ar puro e as vistas agradáveis. Mas, para além deste destino, outros em meio à natureza também eram sugeridos:

> É provável que muitos dos habitantes das cidades que leiam estas linhas não possam ir às montanhas; mas serão poucos os que não possa dalguma maneira ir ao campo. Pode ser simplesmente uma planície ou uma encosta ensolarada; uma várzea ou uma chácara; as margens dum lago ou a beira duma estrada rural ou dum arrio. Onde quer que seja, proponham-se definitivamente passar algum tempo num retiro natural, afastado da azáfama e da tensão da vida moderna. (CONSTOCK, 1944, p. 19)

A alimentação durante a estadia também deveria ser balanceada, com alimentos adequados como as frutas e hortaliças. Era importante que se mantivesse o equilíbrio nutritivo correto durante as férias, fato que por vezes não era possível na vida apressada cotidiana.

Na contramão do artigo anterior, que recomendava o repouso absoluto e o desligamento completo dos afazeres, nestas páginas há a indicação de que o viajante encontre alguma tarefa definida e prazerosa durante suas férias, já que "um pouco de exercício mental, acompanhado de atividades físicas, proporcionará muito mais proveito e prazer do que a ociosidade absoluta" (CONSTOCK, 1944, p. 05). Atividades típicas do naturismo, como fotografar a fauna e flora e estudar as rochas e a vida dos insetos eram algumas das sugestões; porém a grande maioria das atividades propostas eram os exercícios em meio à natureza, como escalar as montanhas, remar canoas e caminhar pelos prados. Havia uma grande diferença entre o cansaço ocasionado por estas atividades e a fadiga proporcionada na vida cotidiana:

> Em que consiste a diferença? Na atividade mental e no estado nervoso. Acompanha o trabalho um sentimento de responsabilidade, de cuidado, uma apreensão do limite de tempo que as outras coisas impõem, uma sensação de escravidão à rotina, de repetição constante.
> Que alívio é apartar-se de tudo isso! Nos exercícios das férias, os músculos trabalham gozosamente, e o sangue flui alegremente pelas veias, oxigenado pelo ar puro, e vive-se na paz dum ambiente natural e esquece-se de que há uma ocupação obrigatória que nos espera. Conquanto os músculos trabalhem, os nervos relaxam-se e o espírito se liberta. Exercício sem tensão nervosa é o de que mais precisa para suas férias a pessoa que trabalha nas cidades modernas. (CONSTOCK, 1944, p. 05)

As férias, como instituição legal, foram aprovadas apenas em 1943 através da CLT (BRASIL, 1943). Entretanto, uma política de Estado de incentivo ao turismo já vinha sendo feita há mais tempo, através de medidas que buscavam popularizar os destinos brasileiros. Como regime ditatorial e populista, o Estado Novo fazia concessões ao povo para mantê-lo atrelado aos seus propósitos; ao mesmo tempo, era importante divulgar as ações de seu governo para que todos se sentissem alcançados por elas (TOTA, 1987). É neste quadro, portanto, que em 1937 é criado o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – órgão responsável por ampliar o alcance da ideologia do Estado ditatorial. O órgão foi criado, de acordo com Goulart (1990, p. 12):

> [...] para exercer o controle da comunicação social, [e] vincula-se à preocupação em focalizar o *modus operandi* do Estado Novo na difusão sistemática de seu projeto político – ideológico e na criação de uma base social que legitimasse as propostas de unidade nacional, de harmonia social, do intervencionismo econômico e da centralização política, entre as principais.

Uma das resoluções que recaem sobre o DIP e influenciam diretamente as práticas aqui estudadas é a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) em 1934, no qual foi incorporada uma divisão de turismo. Em 1938, tal órgão transforma-se no DNP – Departamento Nacional de Propaganda, órgão este subdividido em cinco seções: divulgação, radiodifusão, cinema e teatro, turismo e imprensa.

A divisão de turismo tinha a finalidade de fiscalizar os serviços turísticos do Brasil, voltados para sua própria população ou para estrangeiros. Suas ações voltavam-se tanto para a administração e organização dos empreendimentos turísticos quanto para a divulgação das belezas paisagísticas do Brasil. Alzira Vargas, que teve forte participação na criação desta divisão, alegava que o país perdia uma poderosa fonte de renda ao não explorar seu potencial turístico. (SANTOS FILHO, 2008). A partir da divulgação do turismo e das viagens ao interior do Brasil, a imprensa – atrelada ao DIP – se alinhava de certa forma, aos discursos médicos e aos ideais nacionalistas para divulgar estes destinos em meio à natureza como adequados aos viajantes.

Esta divulgação não se ocupava apenas de indicar os destinos adequados ou apontar a necessidade de uma quebra na rotina urbana. Ela se dedicava a cuidar das minúcias, dos detalhes, que englobavam desde o arrumar das malas até a descrição da paisagem que seria encontrada ao longo do caminho. Um misto de sensações e paisagens era transformado em texto para despertar no leitor o desejo de uma estadia em meio a estes rincões. Todos os preparativos para uma viagem rumo à natureza deveriam ser tomados levando em consideração as indicações médicas, presentes nas páginas das revistas, que se incumbiam de organizar os preparativos das viagens desde antes da partida.

Além disso, os elementos da natureza que deveriam ser aproveitados também eram descritos em suas propriedades e benefícios pelas reportagens a respeito dos destinos que deveriam ser aproveitados nas férias: as montanhas, pelo ar puro, silêncio e sensação de conforto (AZAMBUJA, SILVA, 1945; GOULART, 1940); o sol, pelo efeito para a pele e na

oxidação (KHEL, 1941b; FEINNMAN, 1940); e as águas, indicadas em suas diversas formas e em distintos modos de aproveitamento, incluindo ai as estâncias hidrominerais.

A relação das viagens com as águas resulta, em diversos aspectos, na indicação das estâncias hidrominerais como destino adequado para os turistas e curistas que buscavam contato com este elemento. Através de revistas já citadas, guias de viagens, folhetos dos hotéis e propagandas emitidas pelas próprias estâncias, os benefícios deste contato se faziam valer através de um discurso médico que exaltava os tratamentos hidroterápicos e que ao mesmo tempo indicava os locais onde este contato seria possível, indicando praias, quando o tratamento devesse ser feito através das águas frias e salgadas, ou as diversas estâncias hidrominerais.

Em busca das recomendações frente a este elemento, seguiremos nossa análise nas indicações presentes nestas publicações.

3.1 AS ÁGUAS, SEUS USOS E SUAS INDICAÇÕES

> A intervenção da água desenvolvia uma revolução intensa no corpo. Perante o abatimento, a degradação e a decadência da vida, a excitação, provocada pelo contacto com a água, favorecia as combustões, acelerava fermentações, neutralizava ou corrigia a produção de ácidos. Animada a sensibilidade, despertadas as necessárias reacções, no seu percurso arrastava consigo impurezas, limpava o corpo de produtos nefastos acumulados, purificava-o de desordens e de ardências. No seu caminho, reparava faltas e securas, reformava permutas alteradas. (HASSE, 1999, p. 165)

No contexto aqui eleito de discussão a respeito da natureza, contexto este em que um determinado discurso médico higienista a toma para si como cura e regeneração aos males da civilização, as águas são inseridas também ao rol de elementos responsáveis por esta tarefa presentes no receituário médico. Era preciso, para isto, desligar toda a aura mística e mágica que envolvia este elemento e dotá-lo de cientificidade para que, enfim, ele figurasse como adequado às curas e à regeneração do corpo. As águas, sobretudo em uma de suas principais vertentes, os banhos, já haviam ocupado funções múltiplas no imaginário coletivo; o banho como hábito diário, voltado especialmente à ideia de limpeza, talvez tenha sido a função mais recente exercida. (SANT'ANNA, 1994).

Com a introdução dos modelos higiênicos – que passaram a reger as relações humanas, entre corpo e sociedade (HASSE, 1999) – a água assumiu papel central na produção de corpos limpos e aptos às experiências sociais. A água, assim, tornou-se vetor importante de higiene e, sobretudo de limpeza, seja corporal, das roupas e mesmo das casas. A recente

descoberta microbiana alavancara o pensamento de que a pele era um invólucro permeado de imundícies, o que elevava a importância do banho como fator higiênico. Além da limpeza externa, o banho serviria para evitar a propagação dos "germes", agentes malignos prontos para invadir o organismo:

> Calculando-se o número médio de micróbios deixados na banheira após o banho e tendo em conta a superfície do tegumento cutâneo, chegou-se à conclusão de que podem existir 40.000 em cada centímetro quadrado de pele. [...]. Além de imundície, a falta de banho diário representa um atentado às narinas estranhas, à própria saúde, visto permitir a população de germens patogênicos, sempre prontos a invadir o organismo incauto na primeira oportunidade. (KEHL, 1941, p. 26)

Os banhos não seriam adequados apenas se tomados com a frequência correta: a forma de tomá-los também era determinante neste papel higiênico que eles passavam a desempenhar. Assim, a temperatura também era de suma importância dependendo do objetivo do banho. A água fria revigora, rejuvenesce, fortalece músculos; já a água quente atenua nervosismos, faz circular os humores, modifica os ânimos, acalma. (VIGARELLO, 2005; 1996)[8].Ouso das águas quentes e frias era de suma importância no efeito tônico do organismo. O banho frio deveria ser tomado todos os dias pela manhã, de forma breve, para que não houvesse perdas excessivas de calor. Os benefícios são sentidos depois do banho: "a pele aquece-se e colore-se de novo, a respiração torna-se ampla, o pulso cheio, o indivíduo sente legítimo estado de euforia, um bem-estar agradabilíssimo" (KEHL, 1941, p. 26). Já os banhos mornos, com temperatura até 30º, só eram aconselhados aos velhos e às crianças, por sua ação calmante e sedativa, apropriadas para o uso daqueles com os corpos estafados. O mesmo autor desaconselha o uso de banhos acima de 32º, já que esta temperatura ao invés de revigorar o corpo, apenas servia para o deixar amolecido. (KEHL, 1941).

Esta diferença nos usos das temperaturas das águas também alterava a forma de tratamento aquático que deveria ser adotada. A priori, existiam dois locais indicados pelo receituário médico como aptos a proporcionarem estes tratamentos pelas águas: a praia e as águas salgadas e gélidas do mar, e as estâncias hidrominerais com seus banhos quentes de imersão. Ambos destinos só fizeram parte deste receituário quando embasados pela ciência, ou seja, apenas quando as partículas deste elemento foram analisadas química e fisicamente,

---

[8] "Le bain froid, par example, ralentisseur de l'economie, « fortifie la constituiition en redoublant l'énergie des organes », alors que le bain « très chaud », porvoyeur de chocs irritants, permet le « traitement des phlegmasies cutanées chroniques et des rhumatismes » (VIGARELLO, 2005, p. 300) .

suas particularidades extenuadas é que se especificaram as indicações e contraindicações das praias e estâncias.

O modelo de banho mais divulgado nas páginas da revista Educação Physica era o banho de mar, aliado ao clima marítimo proporcionado por uma estadia nas praias. O uso destes locais, que ficavam apinhados de visitantes no verão, deveria ser feito com cautela pelos banhistas, e os excessos no uso deste elemento deveriam ser combatidos. A primeira regra que deveria ser observada era o tempo a ser guardado entre a refeição e o banho de mar, contando "uma ou duas horas depois de uma ligeira refeição, e três ou quatro horas após um almoço ou jantar fortes, com excepção daquellas pessoas que sómente podem tomar banho em jejum" (BOIGEY, 1937, p. 72).

A forma adequada de tomada de banhos deveria seguir à risca as indicações. O ideal era que todo o corpo, inclusive a cabeça, fosse submergido ao mesmo tempo; uma vez dentro do mar, o banhista deveria abaixar-se e levantar-se alternadamente, ou então nadar durante todo o tempo que o banho durasse (BOIGEY, 1937). De modo geral, as indicações para o uso das praias e dos banhos de mar podem ser sintetizadas com o seguinte trecho:

> 1º - Procurar passar, pelo menos, três semanas de descanso. [...]
> 2º - Tomar cada dia quatro banhos: de ar, que durará todo o dia; de mar, que durará 5, 10, 15, até minutos; de movimentos (exercícios), que durará uma hora; e finalmente banho de sol, que durará de 5 até 30 minutos
> 3º - Vestir-se racionalmente [...]
> 7º - Deitar-se cedo e dormir de 8 a 10 horas, completando-as com a sesta. Tomar um banho de chuveiro para retirar todas as partículas de areia que tenham aderido à pele. (SPES, 1943, p. 36)

As águas quentes tinham indicações de uso totalmente diferentes daquelas feitas para os banhos de mar, a começar pelo local do usufruto destas águas, que, muito diferente do ambiente aberto das praias, reservava-se a estabelecimentos termais, com o tempo de contato com as águas delimitado por funcionários que cuidavam para que as regras fossem respeitadas. Para Pathault (1940), a questão técnica dos banhos era o que existia de mais importante para os resultados desejados, e um profissional treinado no manejo das banheiras e das práticas acessórias era parte fundamental.

Ainda, de acordo com Pathault, a hidroterapia funcionava como um meio para a obtenção da saúde, e não como um fim. Logo, era necessário cuidar do que vinha antes e depois, atentando principalmente aos detalhes, como a temperatura do ambiente e da água, bem como dos cuidados após o fim dos banhos. É desta forma que o autor explica o insucesso de alguns tratamentos:

> É justamente porque não se explica ao pessoal nem aos ajudantes o sentido e o valor dêsses fenômenos, que vemos tantos erros cometidos diariamente. Muita gente que toma seu banho ou sua ducha, retira-se do estabelecimento sem outro beneficio que uma satisfação passageira, o que não é, de modo algum, uma ação profunda e durável. Não obtém, dêsse modo, a décima parte das vantagens que poderiam obter si houvessem sabido utilizar-se melhor dos meios, sejam sedativos, sejam estimulantes, que se tem o direito de conquistar (PATHAULT, 1940, p. 59)

Em linhas gerais, o artigo atribui características aos banhos reguladas pela ciência, embora não especifique exatamente quais as práticas realizadas com as águas. Além disso, o autor compreende que os banhos, por si só, não eram suficientes para promover alterações que curassem o paciente, mas sim que eram ações que auxiliavam os processos orgânicos de cura.

A hidroterapia tornara-se uma importante forma de revigorar o corpo e o espírito além de proporcionar a cura a determinadas doenças, quer seja nos tratamentos marítimos ou através das águas quentes. Foi desta forma que este tratamento ganhou uma série de reportagens especiais nas páginas da revista *Vida e Saúde*, assinadas pela especialista em hidroterapia Beatriz Harter. Esta autora inicia seu primeiro artigo definindo a hidroterapia como um tratamento científico das doenças por meio do uso das águas, tendo o banho como uma das principais vertentes deste tratamento. Sublinhamos o emprego da palavra "científico" nesta definição, pois esta é a palavra que define, para a autora, a transformação desta prática em uma verdadeira possibilidade de cura. Para Harter, embora a utilização das águas quentes e frias para tratamentos das doenças fosse uma prática comum desde a Roma Antiga, foi apenas com a análise científica moderna que ela pode assumir papel de importância na arte de curar:

> A princípio, [sem o] conhecimento de anatomia, fisiologia, o motivo por que usavam a água em diferentes temperaturas eram muito limitados; mas à medida que viam os resultados obtidos pelo uso dêsse remédio natural, começaram a estudá-lo e experimentá-lo; e o que os antigos e os modernos investigadores aprenderam, tem feito da hidroterapia um dos principais agentes no tratamento da doença. Hoje, em todo o mundo, existem instituições que se dedicam a combater as moléstias por êsse meio (HARTER, 1942, p. 4)

Inserida como uma das possibilidades de tratamento dentro das alternativas modernas, já que balizado pela ciência, a hidroterapia foi defendida por seu efeito mais seguro

e eficaz com relação às drogas, já que não gerava nenhum dano ao paciente, independentemente da duração do tratamento[9].

Duas formas de realizar este procedimento foram apontadas como possíveis. A primeira era através da ingestão do líquido, e a segunda através da aplicação externa – os banhos e vapores. Neste segundo tipo de tratamento, a temperatura das águas – se frias ou quentes – poderia fazer toda a diferença no resultado do tratamento, já que as águas frias tinham um resultado circulatório no corpo, aumentando o suprimento de sangue na pele, e a água quente dilatava os vasos sanguíneos, oferecendo reações opostas. Além da temperatura da água, outras condições influenciavam o tratamento hidroterápico:

> Há outras condições que influem na devida reação. Uma pessoa de idade não reage ao tratamento frio tão prontamente como um jovem. Certas doenças baixam mais a vitalidade do que outras, tornando-se difícil, ao paciente, uma reação completa. Muitas vêzes, quando a pessoa está bastante cansada, não reagem convenientemente, embora possa reagir bem noutras ocasiões. Muitas pessoas, quer estejam doentes ou sãs, reagem melhor aos tratamentos frios, ou mesmo a um banho de chuveiro, frio, depois de o corpo ter sido inteiramente aquecido por um tratamento quente. (HARTER, 1942, p. 19)

Os tratamentos hidroterápicos, como os citados pela médica nas reportagens, tiveram, no Brasil, as estâncias hidrominerais como o local mais indicado para o bom aproveitamento deste procedimento, já que eram consideradas um verdadeiro reduto da cientificidade a respeito dos usos das águas. A fé na ciência positivista, que tudo era capaz de curar, teve nas estâncias um ápice de verdade – as indicações e contraindicações, muito mais que suas paisagens e passeios, dominaram as referências neste tipo de publicação. Foi desta forma que estas estâncias se afirmaram nas páginas destas publicações como destino certo aqueles que procuravam as curas a inúmeros males, detalhados e apresentados nas reportagens das revistas.

De acordo com Renato Souza Lopes (1943, p. 13) a definição brasileira para águas minerais havia sido dada no 1º Congresso Brasileiro de Chimica, realizado no Rio de Janeiro em 1922, nas seguintes palavras:

---

[9] É certo que as águas medicamentosas constituem-se em medicamentos, e, como tais, contém algumas contraindicações e seu uso exige certos cuidados. Sua predileção com relação a outros medicamentos alopáticos era seu caráter mais natural e menos agressivo ao organismo.

> [Água mineral] é toda aquella que, pelas suas propriedades physicas ou composição chimica, se afasta de tal modo da média das águas potáveis e de uso commum existentes no paiz, que possa com vantagem ser utilizada com fins therapeuticos ou como águas de mesa naturalmente gasosa.

Assim, uma estância hidromineral, diferente das águas do mar, possuía águas minerais, que poderiam ser termais, radioativas, refratárias, dentre outros caracteres físicos (LOPES, 1943). Desta forma, estas estâncias se aproximavam muito mais do ideal médico de mensuração e análise científica, e sua eficácia poderia ser comprovada e indicada em tratamentos hidroterápicos.

Uma das curas possíveis através da hidroterapia, era o das inflamações do ouvido médio, pelos vapores sulfurosos das águas termais de Poços de Caldas (TRATAMENTO...1942). Os equipamentos modernos desta estância, uma das mais famosas da América Latina, atraíam milhares de curistas para suas possibilidades de cura. É importante sublinhar que os tratamentos, embora se valessem de elementos da natureza, eram completamente balizados pela ciência, haja vista o uso do vapor *sulfuroso* no tratamento – sinal de que suas qualidades químicas já haviam sido analisadas e atestadas. Outra possibilidade de cura nesta mesma estância e que fora ilustrada nas páginas da revista eram os banhos intestinais feitos através das águas termais (CORREIA NETO, 1942). Este procedimento era feito através da introdução destas águas no intestino, o que, atestava a revista, era um procedimento eficaz na cura de diversos males intestinais.

Outra estância hidromineral que teve o potencial curativo de suas águas divulgado pela revista foi a estância de Caldas de Cipó, localizada no estado da Bahia. Uma grande lista das enfermidades curadas por suas águas foi feita no artigo:

> Assim, nas dispepsias em geral e nas perturbações funcionais e inflamatórias dos vários sectores digestivos e das glândulas anexas; nos eczemas e outras manifestações alérgicas; na debilidade genital e na deficiência da depuração renal; nas hipertensões e por fim nas manifestações artríticas em geral, estão resumidas as principais indicações das águas cipôenses (SALLES, 1945, p. 11)

A vazão da água, sua composição química e física, a temperatura média, todas estas características balizadas pela ciência compunham o discurso a respeito desta estânciae seus benefícios, e ajudavam a selar a ideia de que ela era verdadeiramente um local sinônimo de cura, repouso e saúde.

As estâncias hidrominerais, tão divulgadas nestas revistas como sinônimo de tratamento e cura pelas águas balizadas pela ciência, ajudaram a compor um cenário de uma

natureza específica, redesenhada pela mão humana, que serviria às necessidades brasileiras deste início de século XX. É importante ressaltar que a ideia de natureza no Brasil deste período era dúbia, envolvia atração e repulsa mesmo daqueles que não as procuravam a partir dos preceitos médicos. Este receituário médico não tomava como regeneradora e benfazeja qualquer natureza: nem a apatia do mundo rural, associado aos seus habitantes vistos como signos de mazelas e degenerescência; nem as florestas e montanhas desconhecidas em que a natureza se colocava como um obstáculo perigoso. Os destinos indicados deveriam conter um misto da benevolência da natureza e dos elementos associados aos benefícios do conforto e da higiene proporcionados pelas mãos do homem (MEDEIROS, 2012). A natureza era, portanto, aquela inventada pela e para a cidade, transpassada pelas prescrições científicas e influenciada pelos modelos europeus (GLEYSE, SOARES, DALBEN, 2012).

Nesta esteira do ideário médico em favor desta natureza modelada através da mão humana é que repousaram as indicações feitas pelos próprios estabelecimentos termais a respeito de seus aposentos e suas águas. Era preciso atrair dois tipos de visitantes rumo a estes destinos: aqueles que procuravam as estâncias do exterior como local de diferenciação e de cura ao esfalfamento cotidiano, e aqueles trabalhadores, regidos pela ideia das férias como parêntese necessário ao mundo do trabalho. Assim, a estância hidromineral de Lindoya (hoje Águas de Lindoia) fazia-se, em suas propagandas nos jornais da região, como o recanto indicado àqueles que outrora procuravam as águas italianas ou francesas para o tratamento de seus males. O argumento era de que a ciência fora capaz de igualar as curas proporcionadas pelas águas nativas àquelas obtidas em solo europeu:

> Toda a gente sabe quanto a velha Europa é rica de fontes hydro-medicinaes.
> A Allemanha, a Austria, a França, a Italia, contam numerosas estações de cura, a que affluem milhares e milhares de frequentadores, quer enfermos, quer gente rica e ociosa, á busca de distracções e entretenimentos.
> Para que uma estância thermo-medicinal sul-americana chegasse a grangear vasta reputação nos meios scientíficos europeus, preciso seria que as suas qualidades fossem realmente excepcionaes, impressionantes na dosagem das substâncias chimicas, dos princípios curantes.
> Ora, Lindoya adquiria esse renome graças exactamente á analyse das suas águas (UM RECANTO..., s/d).

As análises das águas, de acordo com a propaganda, eram as grandes responsáveis pela preferência que deveria ser dada às estâncias brasileiras. No caso específico das Termas de Lindoya, a grande descoberta que se fizera em relação às suas águas, e que se tornou o carro chefe da divulgação desta estância, foi a radioatividade. De acordo com o responsável pela estância, Dr. Tozzi, e pelo resultado das primeiras análises feitas nas águas, a quantidade

da substância Rádio presente nas águas que brotavam das rochas naquele lugar tornavam-no o recanto com as águas mais radioativas do mundo[10]. Assim, este fato era exaltado nas propagandas feitas sobre a estância:

> As recentes pesquisar effectuadas no local das fontes por illustres chimicos patrícios, deram os resultados mais surprehendentes quanto á riqueza em emanação de radium da atmosphera das Thermas de Lindoya, o que nos permite consideral-a uma das estações mais ricas do mundo em valor radioactivo (LINDOYA, A ESTAÇÃO..., 1935)

Este elemento físico, associado aos demais elementos encontrados nestas análises das águas moldavam quais seriam os públicos a frequentarem esta estância frente às indicações e contraindicações. Logo, era importante que as descrições a respeito das estâncias estampassem quais eram os males passíveis de serem curados por aquelas águas. Problemas como o reumatismo, artrite, aterosclerose e afecções das vias urinárias, estômago, fígado e intestino eram algumas das especialidades destas águas. Além disso "precisa também ser notada a acção calmante sobre o systema nervoso, trazendo um bem estar, acção sedativa comparável a que se observa em outras águas radio-activas" (LINDOYA, A ESTAÇÃO..., 1935).

As águas de Lindoia foram analisadas por inúmeros laboratórios, sendo que os sais presentes nas análises eram o sulfato de magnésio e cloreto de magnésio, em sua maioria. Porém, a grande diferença destas águas não estava na quantidade de sais, pois ela era fracamente mineralizada, e nem na oxigenação: seu grande diferencial era a radioatividade de suas águas[11]. As águas de Serra Negra se inseriam na mesma definição: águas de diminuta mineralização e alto índice de radioatividade. (LOPES, 1943).

Estas indicações apareciam listadas em contracapas de cartões e folhetos, como sendo o atrativo que complementaria a paisagem que aparecia na capa:

---

[10]De acordo com Campos e Silva (2005), a quantidade de Rádio não era tão grande a ponto de a estância receber este título. Na verdade, o erro se deu por um erro na casa dos decimais na quantidade de curries (unidade de medida de radioatividade). A divulgação destes dados errôneos fez até mesmo com que Mme. Curie, prêmio Nobel em Física e Química, visitasse a cidade em busca de tais águas. O médico Renato de Souza Lopes, em conferência proferida no *II Congresso Nacional de Hidro-climatismo,* em 1937, explica o erro: "De mineralização diminuta, são essas águas tão só fracamente thermaes, visto como é insignificante o seu poder radioactivo, muito ao contrário do que propalam os escriptos dos extremados propagandistas destas thermaes, que chegaram, sob um errôneo fundamento, a propôr para a pequena Villa de Lindoya a designação de "Radiopolis"! Criou-se esta lenda á sombra de lamentável lapso de conceituados analystas, entre os quais alguns com a alta responsabilidade do Instituto Official do Estado de São Paulo, que expressaram o resultado de suas pesquisas acerca da radioactividade das águas de Lindoya em "microcurrie", em logar do "millimicrocurrie", unidade mil vezes menor " (LOPES, 1943, p. 50)

[11] As questões referentes à radioatividade de Águas de Lindoia e as diferentes análises e interpretações dos números serão vistas com maior profundidade no capítulo 5.

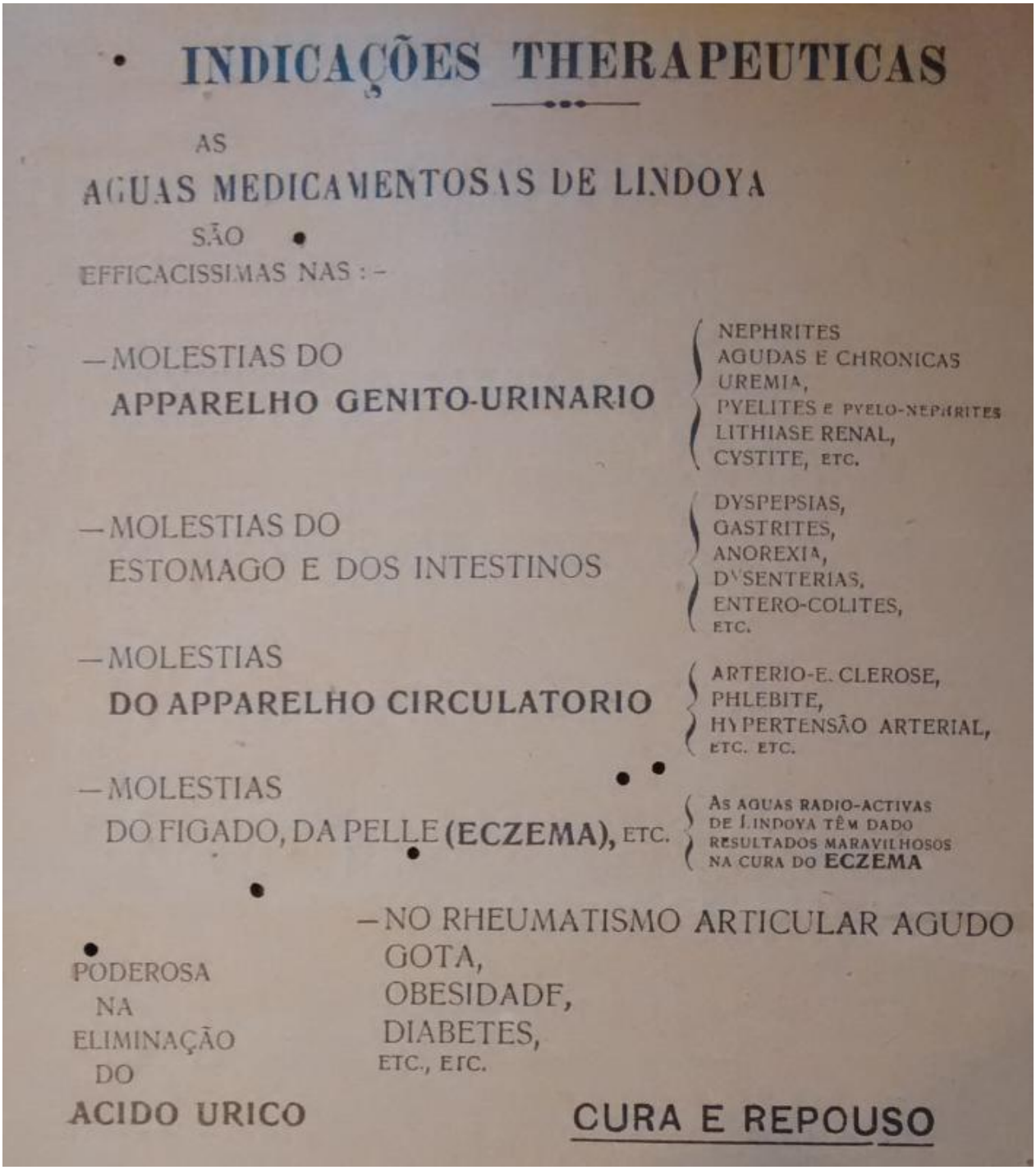


Fig. 13 Detalhe da contracapa do folheto de divulgação das Termas de Lindoya (s/d). FONTE: Acervo pessoal José Paulo de Campos e Silva

Mais uma prova da importância deste discurso médico na composição das propagandas da estância era a publicação, em folhetos e jornais, da atestação científica através de um "médico renomado" que aprovava o uso daquelas fontes e legitimavam este destino como local de cura. Um exemplo foi a indicação, em um informe propagandístico, de que o "illustre médico" F. de Castella Simões, da cidade de Ribeirão Preto, exprimira recentemente sua opinião a respeito da estância de Águas de Lindoia. Sua análise é transcrita na propaganda:

> A acção curativa da Agua de Lindoya, verificada diariamente, ultrapassa de muito a actividade therapeutica reconhecida nos elementos chimicos constituintes de suas analyses. Dir-se-á que às pesquisas analyticas escapou algum princípio activo, importante, ainda desconhecido e por conta do qual correm suas assignaladas virtudes.
> Para exemplificar, basta citar, de minha observação, a efficacia da Agua de Lindoya nas várias dermathoses diasthesicas, diga de registro e de encômios. (ÁGUAS DE LINDOYA, s/d).

Nestas justificativas, até mesmo o que outrora era sagrado era agora transformado em científico: a miraculosidade das águas era obra da ciência, dos ácidos e óxidos. Nesta mesma propaganda, o texto que antecede a transcrição da fala do médico F. de Castella Simões é emblemático nesta passagem do que outrora adentrava o foro do sagrado para o que agora justificava o uso das águas, ou seja, o científico:

> O illustre médico [...] promptificou-se a dar um atestado escripto, na qualidade de competente mestre que é, da *medicina*, para exarar assim, sua respeitável opinião sobre as *curativas* e *milagrosas* Águas de Lindoya (AGUAS DE LINDOYA, s/d, grifos meus)

Outrora o principal discurso a respeito das águas que curam, o sagrado é pouco a pouco silenciado em detrimento a justificativas científicas a respeito do uso das águas. O crescente interesse de parte da medicina neste assunto faz com que o discurso do sagrado, divulgado principalmente pelas populações locais, dê voz a novas palavras que expressam a crescente cientificidade e adequação deste elemento aos ditames da ciência[12].

---

[12]Fica ainda mais evidente este silenciamento quando nos damos conta de que este discurso miraculoso não é trazido em nenhum momento no conjunto de fontes selecionado para esta pesquisa. O arcabouço de fontes, que envolve revistas e jornais locais, revistas científicas, anais de congressos, dentre outros, é formado, em sua maioria, por um discurso médico ou um discurso que se apoia nos receituários e ensinamentos da medicina e da ciência das águas para tratar do assunto e falar das cidades aqui estudadas. Logo, é neste discurso que fica mais evidente o apagamento do sagrado em detrimento a um discurso científico. Porém, não nos resta dúvidas de que o discurso do sagrado, as lendas criadas a respeito das águas e o poder da divulgação não científica das curas e

As curas, os milagres, a eficiência, o restabelecimento da saúde: todas estas qualidades atribuídas às estâncias hidrominerais eram ligadas ao poder cientificamente analisado de suas águas, poder este explicitado nas propagandas feitas a respeito destes locais. Fica claro, através das indicações destas estâncias como destino de viagem, a importância da legitimação proporcionada pelo discurso médico no incentivo à procura por estes destinos, legitimação esta que se voltava às águas e aos demais elementos da natureza quando inseridos no receituário médico para o bom aproveitamento das férias e dos veraneios.

As estâncias hidrominerais tornavam-se, desta forma, destinos indicados e mesmo necessários a este restabelecimento da saúde para a volta à vida cotidiana na cidade, e firmavam-se, cada vez mais, dentro do discurso médico como possibilidade segura e científica de saúde e revigoramento.

3.2 ÀS INDICAÇÕES, UMA ESCOLHA: A VIAGEM RUMO ÀS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS

Ao longo do capítulo 3, em que tratamos especificamente das viagens de férias, suas motivações e seus motivadores, percebemos que boa parte de seus motivadores foram os médicos higienistas que se colocavam contrários ao modo de vida urbano, apontado como aquele que degenera, principalmente depois da explosão de crescimento que sofreram algumas cidades brasileiras no início do século XX, como foi o caso da cidade de São Paulo.

Além de discorrer a respeito da desordem urbana de modo geral, este discurso se incumbia também de organizar as relações de trabalho. Momento de profundas mudanças no cenário trabalhista brasileiro, a primeira metade do século XX viu surgir diversas legislações que regulamentaram os direitos e deveres trabalhistas. Grande parte do discurso médico higienista se alinhou a estas determinações, oferecendo inclusive respaldos científicos a respeito da fadiga e do cansaço dos trabalhadores, que precisariam de um período de férias regulamentado para que voltassem ao trabalho e realizassem-no de forma mais eficaz. Logo, o descontentamento com o espaço urbano elegeu seu tempo e espaço que soavam perfeitos aos ditames médicos: o período de férias passado em contato com a natureza, que foi eleita já no imaginário social como regeneradora e moralmente mais benéfica que a cidade.

---

milagres ainda faziam parte do discurso e da relação daqueles habitantes com as fontes, habitantes estes pouco familiarizados com o vocabulário e receituário médico.

Na análise das duas revistas que nos auxiliaram a compor este cenário de indicações médicas a estas viagens, as revistas *Educação Physica* e *Vida e Saúde*, percebemos uma nítida marca de setores do movimento higienista, que utilizavam suas páginas como porta-vozes de um modelo de vida mais saudável, física e moralmente. Ambas se incumbiam de promover os elementos da natureza como regeneradores, como as águas, o ar puro das montanhas e o sol. Entretanto, tais elementos só habitavam os artigos das revistas quando cientificamente analisados em seus benefícios e malefícios, quantidade adequada e riscos possíveis – nenhum exagero era tolerado no usufruto dos benefícios que estes elementos traziam.

Logo, os locais nos quais estes elementos poderiam ser encontrados tornaram-se possibilidades certas de passagem de férias e contato com o revigoramento necessário para a volta ao trabalho. A ocupação do tempo nos locais também era sugerida através da listagem das atividades possíveis, já que a ociosidade não deveria fazer parte deste – e nem de nenhum outro - período da vida dos viajantes.

Na seleção dos locais em que a natureza através de seus elementos se fizesse uma possibilidade real de regeneração daqueles que buscavam a fuga da fadiga e o cansaço do cotidiano, a cura pelas águas – a hidroterapia – fez-se presente como uma das possibilidades indicadas, tanto em sua vertente fria, com as águas do mar, quanto na sua vertente termal, tendo como indicação as estâncias hidrominerais.

Embora portadoras de um elemento curativo e regenerante, quer seja, as águas quentes, as estâncias hidrominerais só passaram a figurar como destino indicado pelo discurso médico quando este se apropriou de suas indicações e prescrições. Enquanto águas milagrosas, afirmadas apenas pela crença popular, tal elemento não recebera a atenção dos indicativos médicos e sua procura era aconselhada apenas pelo conhecimento popular. Quando o pensamento médico se apropriou de um conhecimento sobre as águas, estas estâncias passam a ser destinos certos das indicações em guias de viagens, revistas e jornais. O elemento científico da natureza – a água termal, seja sulfurosa, seja radioativa – era o grande chamariz das propagandas a respeito destes locais, e este poder científico atribuído ao elemento reafirmava a certeza das curas quando realizada uma viagem a este destino.As estâncias aqui estudadas, Serra Negra e Águas de Lindoia, bem como outras estâncias hidrominerais, se valeram destas propagandas para estabelecerem-se como destinos adequados à passagem de férias dos turistas e curistas.

Veremos, a partir do próximo capítulo, que este discurso regeu muito mais do que as propagandas que divulgavam estes destinos: a própria constituição e materialidade destes locais fora marcada por um discurso médico que se ocupava de esquadrinhar todas as relações existentes nestes locais. É assim que nossa pesquisa vai, agora, estabelecer um estudo da materialidade e formação destas duas estâncias hidrominerais.

4. A TRANSFORMAÇÃO DAS CIDADES DE SERRA NEGRA E ÁGUAS DE LINDOIA EM ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS

As termas como espaços de fascínio pelo poder das águas não nasceram a partir de suas análises químicas e alcalinas. O interesse neste elemento natural se deu sempre através da crença popular em suas propriedades milagrosas. Quando à ingestão de alguns goles contínuos das águas que brotavam das nascentes eram atribuídas as curas dos convalescentes, logo toda a atenção se voltava àquele lugar, marcado então pela aura mística que envolvia seus contornos.

Muito tempo depois desta descoberta popular a respeito de tais nascentes e da ligação delas às curas é que começa a nossa narrativa a respeito destas águas. Aliás, não tratamos apenas das águas e suas relações com os curistas especificamente; nosso olhar se volta, também, ao entorno que cerca as nascentes: o complexo arquitetônico, urbano e imbuído de natureza chamado de estâncias termais ou hidrominerais. Foi apenas no início do século XX, no estado de São Paulo, que pudemos encontrar tais estâncias, constituídas a partir de uma narrativa médica sobre as águas minerais, narrativa que desejava abolir das águas o seu poder milagroso e nelas incutir as indicações medicinais sobre o seu uso.

A própria definição do nosso objeto de pesquisa – as "estâncias hidrominerais" – exige um longo deslocamento de discursos e obras de intervenção humana a respeito destas águas. O ideário médico que se desloca para os cuidados destas estâncias cobre toda a materialidade construída em torno das fontes, e até mesmo as relações estabelecidas, a fim de transformar de fato as relações de cura, que perdem a denominação de milagrosa e ganham novas adjetivações: sulfurosas, alcalinas, radioativas.

O interesse médico a respeito das águas termais pela ciência brasileira foi crescente desde meados dos anos 1800 até a década de 1950, de acordo com Marrichi (2012). Ao longo deste período houve um visível aumento nas teses defendidas sobre este assunto na faculdade de medicina da Universidade Federal do Rio De Janeiro (UFRJ), e mesmo uma cadeira de hidrologia médica fora criada na faculdade de medicina da Universidade de Minas Gerais (UFMG), estado este que foi um dos principais investidores do estudo das águas termais, por concentrar diversas estâncias em seu território (QUINTELA, 2004a).

Ao mesmo tempo em que o estudo das águas tomava forma e lugar dentro da ciência médica brasileira, uma grande parcela dos médicos e higienistas não compartilhava da

crença no poder científico de cura das águas: para estes grupos, a cura se voltava de fato para as relações miraculosas já apontadas pela população. Entretanto, o enfoque deste trabalho é nas revistas, associações e congressos que lutaram contra as adversidades e descrença no poder das águas medicinais mesmo dentro da classe médica e científica no Brasil. Nossas fontes nos levam a compreender todo o processo que os crenólogos e demais médicos que compartilhavam desta opinião percorreram em busca de legitimar o estudo das águas através de um viés científico nas cidades de Lindoia e Serra Negra ao longo das décadas de 1930 e 1940.

De acordo com Maria Manuel Quintela (2004a), o século XIX marca a entrada das águas minerais no rol dos objetos de análises científicas, e a partir daí estabelece-se uma criteriosa divisão entre o que era charlatanismo, denominação dada às práticas médicas que não eram cientificamente comprovadas, e o que era realmente medicinal, ou seja, as águas que tinham sua eficácia quimicamente atestada. Houve, então, uma fruição do significado das termas, que passaram de um espaço de práticas populares para um local de saberes científicos.

Embora esta proximidade entre a ciência médica e a hidrologia médica aparentemente tenha sido profícua para ambos os lados, o interesse pelo estudo científico das águas tornou-se decrescente a partir do fim da década de 1930[13], até que na década de 1950 o crenólogo[14] Benedictus Mario Mourão atestou que, de fato, o termalismo clínico no país havia morrido (MARRICHI, 2009). Embora as décadas de 1930 e 1940 tenham sido taxadas como período de declínio nas pesquisas a respeito das águas, foram nestas décadas que ocorreram congressos e seminários que se encarregaram de divulgar os estudos científicos a respeito das águas termais.

Após analisada, a qualidade específica de cada nascente seria responsável pela cura de determinados males, sendo que o leque da eficácia das curas ia desde o aparelho digestivo até os problemas de pele. As águas tornaram-se um verdadeiro remédio da natureza, um medicamento com indicações específicas e eficácia médica comprovada. Se o problema do paciente não fosse resolvido, tornava-se fácil equacionar o erro: ou as doses tomadas não

[13] No último capítulo deste trabalho alguns apontamentos serão feitos sobre o declínio do termalismo, principalmente com a introdução de novos nichos econômicos com as águas, como o engarrafamento e a indústria de cosméticos.

[14] "Denomina-se HIDROLOGIA a ciência que estuda as águas em geral, em todas as suas formas e manifestações na superfície da Terra, seja na atmosfera, nas nuvens, nos mares, nos lagos, nos rios, nos subsolos e nas geleiras. CRENOLOGIA é uma das divisões, abrangendo o estudo e o conhecimento das águas mineromedicinais nas suas aplicações práticas, na prevenção e tratamento de várias entidades mórbidas" (MOURÃO, 1961). O crenólogo, por consequência, é o médico responsável pela utilização e indicação destas águas.

foram adequadas, ou a fonte escolhida não possuía a água correta para tratar a doença para a qual fora prescrita. É possível afirmar que na determinação das estâncias termais, a questão científica foi uma das mais preponderantes na afirmação destas cidades como um local de cura no século XX.

Atrelada às preocupações urbanas estavam também a preocupação com a organização interna de seus visitantes. A partir do momento em que as cidades ganharam o título de estâncias e toda uma materialidade foi pensada ao seu redor para receber os curistas, a medicina ocupou-se também de organizá-los dentro do espaço da estância, para que um bom aproveitamento fosse feito deste período de descanso. Da mesma forma que os demais destinos em meio à natureza eram prescritos em seus usos, para que os visitantes pudessem usufruir de forma adequada daquele período passado em distância da cidade, nas estâncias, esta relação não era diferente: o curista deveria se submeter a diversos tratamentos outros que envolviam questões para muito além das reações químicas das águas – o repouso, o clima ameno, o regime alimentar, os exercícios físicos. Distintos fatores entravam nesta conta: os dias de hospedagem, a quantidade de banhos, os passeios que deveriam ser feitos e os que deveriam ser evitados, os divertimentos possíveis e aqueles proibidos. Para além das águas, a cura termal era associada à mudança de ares e à própria viagem (QUINTELA, 2004b); logo, todos estes fatores eram definidores de uma boa estadia e garantia de recuperação. Em síntese, a sociabilidade específica destes locais tornava-os um espaço diferenciado de convivência, o que os tornou destinos certos durante as estações de repouso (MARRICHI, 2009).

Na objetivação de tornar-se estância, as transformações físicas dos antigos vilarejos aliadas ao aumento da divulgação do discurso médico a respeito das águas termais caminharam juntos para uma representação do que deveria ser vivido pelo curista em sua visita à estância. A intervenção médica se deu também no quesito urbanístico e arquitetônico: era preciso reconfigurar os espaços e inserir a mão humana no elemento natural; a luminosidade, o contraste urbano-natureza, o saneamento, as avenidas arborizadas, foram exemplos importados das famosas estâncias europeias[15] que se tornaram fatores imprescindíveis na elaboração das estâncias brasileiras. Para Nunes (2009), duas foram as influências na materialização e no pensamento arquitetônico e paisagístico destas estâncias: a

[15]Marras(2004) relata que no final dos anos 1920, Pinheiro Chagas, então prefeito da estância hidromineral de Poços de Caldas, realizou uma visita à estância europeia de Vichy (França) para observar os modelos arquitetônicos e paisagísticos, para que fossem aplicados da mesma forma na estância mineira.

influência médico-higienista e o ideário romântico a respeito da natureza, que a elegia como o "paraíso perdido", o contraponto ideal das mazelas da cidade.

Os eventos médicos voltados à análise das águas termais realizados que se multiplicaram entre os anos de 1930 e 1940 serviram também para legitimar estas questões arquitetônicas e urbanísticas planejadas para as cidades. No II Congresso Nacional de Hidro-climatismo, realizado em 1943, diversas foram as palestras médicas que buscavam subsídios materiais às cidades de Águas de Lindoia e Serra Negra, mostradas sempre como as cidades termais de maior potencial no estado de São Paulo. Renato Souza Lopes (1943, p. 14) assinalou, em sua fala, a importância da materialidade construída ao redor das fontes nos tratamentos clínicos:

> Assignale-se, porem, preliminarmente que, se na medicação hydromineral desempenha papel de relêvo a auga natural prescripta, outros factores devem pesar na sua indicação, tais como a situação geographica da fonte, as condições hygienicas locaes, a bôa installação dos estabelecimentos balneários, a existência de hotéis e habitações, que proporcionem sã alimentação e conforto, necessários ao repouco do corpo e do espírito do paciente, afadigado pelas labutas dos grandes centros.

O meio em que se inseria a fonte era determinante também na escolha e na realização dos tratamentos. Se o caminho escolhido para a divulgação das estâncias se fazia através deste discurso médico, exigia-se, portanto, uma racionalidade a respeito da utilização dos espaços e dos elementos naturais. Em busca desta racionalidade é que estes discursos se dirigiam aos demais médicos congressistas, aos representantes governamentais e ao público leigo na tentativa de alterar o cenário urbano daquelas cidades. Em outro relatório publicado nos anais deste mesmo congresso, fazia-se difícil admitir que, apesar dos esforços realizados em Lindoya há mais de uma década, ainda a credulidade do povo fosse responsável por atrair a grande maioria dos visitantes:

> Assim, pois, o progresso de nossas estações de águas tem sido, sobretudo, resultante deste poder invencível que é a credulidade do Povo. Ella é que divulga a existência da fonte, que obriga o proprietário a exploral-a, que impõe os primeiros melhoramentos, que desperta a attenção da classe medica e que reclama os favores do poder público (AS ÁGUAS MEDICAMENTOSAS..., 1943, p. 6)

Ainda neste artigo algumas razões para este fato são apontadas, como a falta de fiscalização com relação às análises realizadas, que ficavam a cargo dos donos dos estabelecimentos, e mesmo os erros cometidos na divulgação perante a imprensa destas estâncias. Mas, o maior de todos os males era a falta de organização da administração dos tratamentos realizados nas estâncias, que não tinham uma homogeneidade na dosagem das

águas, no regime alimentar e na medicação complementar (AS AGUAS MEDICAMENTOSAS, 1943).

Estas deficiências na conduta científica das estâncias apontadas neste congresso endossaram as linhas escritas no I Congresso Brasileiro de Hidroclimatismo, realizado em 1937. Já neste congresso a falta de organização dos tratamentos hidroterápicos era apontada, e a necessidade de laboratórios para superar o excesso de empirismo na relação com as propriedades das águas era dada como uma das principais melhorias exigidas. O artigo apresentado nos anais deste congresso pelo Dr. Octávio de Paula Santos, a respeito da estância de Lindoya, aponta, além da necessidade dos laboratórios, outras reformas que aumentassem na estância os cuidados higiênicos com os curistas e turistas que para lá se deixassem levar:

> [...] julgamos indispensável á observação clinica e á investigação scientífica das águas mineraes, a construcção de Hoteis de cura, com organização sanatorial apresentando todos os recursos dietéticos e disciplinares indispensáveis. (SANTOS, 1937, p. 782)

O doutor Vicente Rizzo, clínico que medicava nas Termas de Lindoya, foi ainda além nos problemas apresentados pela cidade na recepção dos turistas e curistas: para ele, o problema não se iniciava na hospedagem ou na falta de laboratórios adequados; ele vinha ainda das estradas de rodagens e do difícil acesso às águas quentes (RIZZO, 1937).

Logo, podemos notar que durante todo o período de investigação desta pesquisa, as décadas de 1930 e 1940, as estâncias lutavam ainda para se legitimarem como espaços respaldados pela ciência médica e aptos, arquitetônica e urbanisticamente, a receberem aqueles que desejavam ou necessitavam de um período de estadia. Já no final da década de 1940, Credídio, médico também residente nas Termas de Lindoya e clínico da cidade, apontava que haviam sinais de poucos avanços nestas relações. Após elogiar a natureza presente na estância com seu aspecto "maravilhoso e harmônico, intercalando-se graciosamente os vales e as serras" (CREDÍDIO, 1948, p. 28), o médico aponta que um pequeno esforço para além daquele que já havia sido feito em relação a este destino seria capaz de dotá-lo com inúmeros outros benefícios àqueles que o procuravam:

> A mão do homem, com pouco trabalho, transformaria esta região, já per si lindíssima, num recanto pitoresco e confortável, onde mesmo os que não fossem doentes poderiam retemperar as suas energias, desintoxicando o organismo com o uso das águas, respirando o ar púro das regiões montanhosas cobertas de vegetação e gosando, pelo espaço de 20 a 30 dias do clima ameno e seco de Lindóia (CREDÍDIO, 1948, p. 28)

Logo, toda a necessidade arquitetônica e os subsequentes ganhos nesta área tiveram respaldo no discurso médico que considerava a materialidade construída ao redor das fontes de suma importância no tratamento dos pacientes, além de serem requisitos para que os turistas e curistas tivessem boas impressões locais e inserissem estes destinos definitivamente em seu traçado de viagens nos verões que se seguiriam.

Estas alterações urbanas nas mais diversas estâncias brasileiras da época vieram acompanhadas de legislações que legitimavam este espaço como sendo designado à cura e regeneração dos curistas. O período aqui tratado – as décadas de 1930 e 1940 – foi quase que totalmente passado sob o governo da ditadura de Getúlio Vargas. Vimos que o DIP foi um órgão criado neste período que possuía departamentos voltados à melhoria do turismo e, dentre as subdivisões, uma delas que buscava ampliar a divulgação das estâncias termais, o que é um indicador do incentivo deste governo à procura por estes locais.

Assim, diversos foram os incentivos à exploração das águas termais nestes locais de forma sistematizada e contínua que culminaram nestas legislações. De um lado, esta iniciativa governamental, que apoiava este tipo de viagem de turismo nacional; de outro, a classe médica higienista que incentivava a cura pelos elementos naturais e pelas viagens com destino de férias; por fim, cabe ressaltar que os proprietários das terras onde as fontes se encontravam interpelaram, também, para que estas fossem visitadas, o que valorizaria suas terras e aumentaria seus lucros. Portanto, não é anódino pensar que as legislações que possibilitaram que tais cidades se tornassem estâncias hidrominerais, de forma legal e regulamentada, tiveram apoiadores influentes e que se esforçaram para esta tomada das águas pela ciência. Foi desta forma que as leis que versavam sobre a utilização das águas e a respeito da adequação das cidades que se tornavam estâncias, inclusive cedendo benefícios financeiros para melhorias nas diversas demandas turísticas e higiênicas, surgiram e endossaram este discurso.

O decreto estadual número 6501, de 19 de junho de 1934 foi produzido pela necessidade da criação de uma lei orgânica que sistematizasse o aproveitamento das nascentes de águas com virtudes terapêuticas e de outros meios apropriados ao tratamento das doenças. Até este momento, Campos do Jordão era a única cidade no estado de São Paulo considerada uma prefeitura sanitária, e a partir das demandas deste município é que se criou este decreto estadual. Neste decreto, foram apontados os requisitos para que uma cidade pudesse se tornar uma estância de tratamento ou repouso. A localidade poderia ser ao redor de nascentes de águas indicadas para o tratamento de moléstias ou em praias apropriadas para o banho de mar;

a contrapartida do estado para as cidades que se enquadrassem em tais diretrizes seria um benefício em dinheiro para que elas pudessem implantar melhorias nas questões higiênicas, e nos melhoramentos urbanísticos. O artigo 6º explicita que "na criação das estâncias municipais serão tomadas em consideração as condições de higiene e profilaxia no que interessem à terapêutica das moléstias a cujo tratamento se destinem" (SÃO PAULO, 1934, p. 1).

Tal legislação é intimamente atrelada às questões higiênicas impostas pela medicina às fontes termais. Mediante um termo legal, a higiene, para além das propriedades das águas, é colocada em evidência na materialização das estâncias no estado de São Paulo. O domínio científico torna-se evidente quando, no artigo 17º, é criado no Instituto de Higiene do estado a serviço de exame das águas minerais medicinas do Estado com a finalidade de determinar constantemente suas qualidades.

Para a certificação da criação das estâncias nas conformidades das determinações médicas, o artigo 8º determina que as estâncias municipais serão administradas por um prefeito de nomeação do governo, e que cabe a este prefeito organizar um plano geral de urbanização e defender as condições das nascentes de água potável. É desta forma que o decreto se encerra afirmando que Campos de Jordão já se enquadrava dentro destas normas e que a próxima cidade que seria regida por tais determinações seria Águas da Prata. Logo, era sob a influência da medicina e da ciência que toda a urbanização e arquitetura destas estâncias deveria se dar.

Apenas onze anos depois, com a lei nº2661 de 03 de dezembro de 1955, é que a União estabelece uma norma brasileira para a criação das estâncias. Esta legislação não visa substituir as legislações estaduais; a definição para as cidades que serão regidas por esta legislação nacional é que serão consideradas estâncias as localidades reconhecidas pelas legislações estaduais. Nesta legislação, o Estado se compromete a fornecer financiamento às melhorias higiênicas através de parcerias com o estado e os municípios, e afirma também que, a partir deste decreto, o ministério da saúde visa orientar o aproveitamento das riquezas hidrológicas e climáticas do país.

A partir das possibilidades mostradas pelo decreto 6501, são criadas as duas estâncias que serão aqui estudadas, Serra Negra e Águas de Lindoia. O decreto nº 9731, de 16 de novembro de 1938, cria a estância hidromineral de Lindoya. Um mês depois, em 12 de dezembro de 1938, é criada a estância hidromineral de Serra Negra.

Além da regulamentação das estâncias, é neste período em que surge a necessidade de uma lei a respeito das águas e sua utilização. É criado em 8 de agosto de 1945 o Código de Águas Minerais, que regula a proteção das fontes e da extração das águas para os mais variados fins. No capítulo IV, são estabelecidas as normas mínimas exigidas para o funcionamento de uma estância hidromineral:

> I – Montagem de instalações crenoterápicas convenientes, de acôrdo com a natureza das águas.
> II – Construção ou existência de hotéis ou sanatório com instalações higiênicas convenientes, providas de serviço culinário apto a atender às indicações dietéticas.
> III – Contrato de médico especialistas encarregado da orientação do tratamento e facilidades gerais de tratamento e assistência médico-farmacêutica.
> IV – Existência de laboratório para realização de exames bacteriológicos periódicos para verificação da pureza das águas em exploração ou contrato de tais serviços [...] (BRASIL, 1945)

Tais decretos dizem muito a respeito da formação das estâncias hidrominerais. Como citado, não são isentos de relações de poder e nem tampouco doações sem fins lucrativos feitas pelo Estado. Estes decretos endossaram todo o discurso médico e o aparato mercadológico das águas como elemento de cura e das estâncias como destinos turísticos, apoiados pelo Estado, pelos donos das terras em que as fontes jorravam e pela medicina que apoiava esta vertente das curas.

Dentre as inúmeras tarefas propostas por estes decretos, a alteração urbana e a construção de uma materialidade ao redor das fontes são duas preocupações que são levadas a cabo. Veremos agora como foi a transformação urbana que sofreram as cidades de Serra Negra e Águas de Lindóia para que atendessem aos intentos legais e aos intentos médicos e tornassem-se, de fato, *estâncias hidrominerais*.

4.1 A CIDADE DE SERRA NEGRA

Como a grande maioria das cidades brasileiras, Serra Negra possui sua história oficial, aquela que é ensinada nas escolas e vendida aos turistas como a verdadeira "epopeia" de seus povos[16]. De acordo com esta narrativa, Lourenço Franco de Oliveira, agricultor de Bragança Paulista, mudou-se com sua família para a região do "Ribeirão da Água Quente",

[16] Uma das fontes utilizadas como referência na pesquisa a respeito da história de Serra Negra tem seu capítulo a respeito da história de Serra Negra intitulado "A magnífica epopeia dos serranos", na tentativa de narrar e engrandecer as ações realizadas até então (CALDEIRA, 1935)

também conhecido como “Pocinho d’Água”, e lá iniciou a formação de uma primeira povoação que ia dar lugar a uma cidade no ano de 1828. (CALDEIRA, 1935; CUNHA, 1986; DALLARI, 1966; LOMBARDI, 1913; FELIX, 2012)

Entretanto, outras versões a respeito da fundação da cidade começaram a ser esboçadas já nos próprios trabalhos dos memorialistas, e outras possibilidades começam a ser assumidas como concomitantes à vinda de Lourenço Franco Oliveira para as terras onde se situa Serra Negra atualmente. Jorge Antônio José (1978) explicita o fato de que esta marcação tem uma simbologia política à cidade, e que esta história pode ser contada já em 1728, quando Manoel de Castro recebe a sesmaria do Ribeirão da Água Quente e algumas famílias começam a se estabelecer na região. De acordo com Dallari (1966), quando observamos a formação do povoamento da região em datas anteriores à chegada de Lourenço Franco, percebemos que já existiam habitante locais, que eram atraídos principalmente pelos boatos de que as águas quentes que brotavam das rochas da região possuíam poderes medicinais. Este mesmo autor diz ainda que é possível que o próprio fundador da cidade tenha sido atraído pelos boatos a respeito das águas:

> Alimentado de ideais e fortalecido pelas suas fibras de desbravador, o intrépido bragantino sonhava em fundar uma cidade nesta região, tendo em vista, principalmente, as notícias da existência de águas medicinais, que corriam de ponta a ponta na velha Bragança (DALLARI, 1966, p. 37)

Nos dados oficiais, a data de 23 de setembro de 1828 marca a fundação da Capela Curada, o que dava poderes autônomos a esta localidade em relação à Mogi Mirim e Bragança. Muito deste fato foi devido a distância das capelas destas duas cidades, e a necessidade da população que se localizava neste interstício espacial de possuir um ponto eclesiástico. Dada a importância da religião católica à época, explica José (1978) que a elevação à capela curada, de acordo com a legislação vigente, dava a Serra Negra autonomia municipal. Em 1832, a Capela Curada é elevada à freguesia, e em 1859 torna-se oficialmente uma vila, denominação que recebe sua equivalência ao substantivo cidade em 1885.

A importância do marco inicial da cidade em nossa pesquisa é explorar a interferência das águas já na formação do território populacional. As informações são pouco evidentes para todos os lados, mas pode-se depreender, já pelo nome que recebiam as terras da região (Ribeirão da Água Quente ou Pocinho d’água) que as águas quentes eram reconhecidas pela população da região pelo seu poder de cura, fato este que pode até mesmo ter influenciado o deslocamento da família do fundador oficial da cidade para aquelas terras.

O desenvolvimento da cidade a partir daí se deu principalmente através das culturas da terra, em especial o café. Em almanaque de 1913, o primeiro do gênero publicado a respeito desta cidade, Adolpho Lombardi narra o cotidiano da cidade no período escrito e fala sobre sua história. No período analisado, a cultura cafeeira é a grande mola propulsora da economia local:

> A cultura predominante em todo o Município é a do café. Essa lavoura é muito subdividida. Há 8 milhões de cafeeiros em tratamento e produção para 620 lavradores. A media da produção annual de café é de 600 mil arrobas (LOMBARDI, 1913, p. 77).

Ainda de acordo com este almanaque, o milho era uma cultura de certa expressão com 300 mil alqueires plantados e a plantação de uvas também era relevante. O plantio do café se destacava de tal forma que em 1890 deu-se o início da construção do ramal da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana, ligando Amparo a Serra Negra. Este ramal fora idealizado pensando principalmente no escoamento rápido da produção cafeeira, e foi inaugurado em 15 de março de 1892 (DALLARI, 1966).

A grande expansão da cultura cafeeira no estado de São Paulo não é desconhecida, e tampouco os efeitos sobre este setor da economia com a crise financeira iniciada com a quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929. O plantio cafeeiro sentiu fortemente os efeitos desta crise em âmbito nacional, e os efeitos para a cidade de Serra Negra também não foram pequenos. Maria Inez Masaro Alves (2012), ao realizar uma pesquisa sobre o início do conjugado populacional que resultou no bairro da Ramalhada, na zona rural de Serra Negra, expõe que a crise de 1929 afetou em larga escala a economia do bairro, cujas lavouras que já datavam de mais de quarenta anos e não estavam mais em seu auge produtivo tornaram-se deficitariamente produtivas e pouco lucrativas.

O sentimento negativo em relação a este período fica evidenciado também em relatos dos memorialistas, que anos depois expressavam ainda a angústia vivida pela população mediante a crise cafeeira, como já exposto no início desta narrativa:

> Antes de 1928, Serra Negra se apresentava como uma cidade relativamente antiga e pouco conhecida. A cultura do café era a sua maior e talvez única fonte de riqueza. Rompendo tremenda crise com a queda vertiginosa dos preços da preciosa rubiácea, os fazendeiros locais sofreram enormes prejuízos. Levando muitos dêles a completa ruína e as atividades do município cessaram quase que totalmente.
>
> Um período de franco declínio tomou conta da cidade, causando geral apreensão a todos, principalmente porque nenhuma solução se vislumbrava para sanar o mal. Temia-se pelo destino de Serra Negra, na iminência de retrogradar seu desenvolvimento. (DALLARI, 1966, p. 55)

Então, quase que concomitante à quebra na lavoura cafeeira, surgem na cidade os boatos de que Luiz Rielli, comerciante local, havia descoberto uma nascente de água quente ao perfurar uma rocha de uma de suas propriedades, e passou a ingeri-la com frequência. Logo que notou melhoras em suas dores ocasionadas pelo excesso de ácido úrico, o comerciante convidou Jovino Silveira, importante médico local, para que analisasse as águas. O médico manda então as águas para um laboratório paulistano e qual não é a surpresa quando o relatório chega: tais águas eram dotadas de radioatividade, o que tornava sua classificação como água mineral (CALDEIRA, 1935; CUNHA, 1986; DALLARI, 1966; JOSÉ, 1978; FELIX, 2012):

> Foi neste cenário de mágoa e desolação, cercado de dúvidas cruéis, que estourou, em 1928, como uma dádiva do céu, a notícia que empolgou a todos, dando conta do descobrimento, pelo Sr. Luiz Rielli, de uma fonte de água fortemente radioativa, em terreno de sua propriedade. (DALLARI, 1966, p. 55)

Assim como anunciamos no início desta dissertação, consideramos improvável que uma coincidência assim tão grande teria ocorrido à economia da cidade: seria, de fato, um presente dos céus a descoberta de águas minerais exatamente no momento em que o maior setor econômico da cidade se via em meio a uma crise? Alguns elementos nos levam a pensar que a problemática pode ter sido instaurada de uma forma um pouco diferente.

Além de sugerirmos a possibilidade de conhecimento das fontes termais desde antes da fundação da cidade pela população da região, o *Almanach de Serra Negra*, editado em 1913, traz indícios de que as águas já eram conhecidas da população pelo seu poder de cura naquele ano:

> Um dos elementos de mais riqueza e de grande futuro do Município são incontestavelmente as fontes thermaes existentes no Bairro da Água Quente, a 3 léguas da cidade. Em novembro de 1903, no Laboratorio Chimico desse Estado, foi feita a analyse da Água Quente (como vulgarmente é conhecida) (LOMBARDI, 1913, p. 77)

De acordo com o trecho, no ano de 1913 a população já conhecia as águas quentes, e estas já haviam sido analisadas em sua composição química, o que já apontava um desejo de torná-las comercializadas. Um outro trecho presente no *Album de Serra Negra*,de 1935, também aponta que o conhecimento das águas se dera antes da data de 1928:

> Ocorreram, em junho de 1910, as primeiras providencias para a exploração commercial das águas radiactivas de Serra Negra. [...] Attendendo ao que requereu João Orlando, a camara concedeu-lhe, em julho de 1910, isenção de impostos durante vinte annos, para explorar as águas thermaes de Água Quente, ali construindo um hotel (CALDEIRA, 1935, p. 71)

Logo, optamos por observar os dois fenômenos como ocorridos ao mesmo tempo: enquanto o plantio de café era a base econômica da cidade, as águas quentes, que já eram conhecidas e já demonstravam potencial econômico, eram deixadas à margem da cultura predominante. No momento em que a crise ocorreu e a economia se viu em apuros, as águas termais voltaram à tona como possibilidade de usufruto e extração econômica. Possivelmente, a "descoberta" de Rielli foi um fato tão aclamado devido à necessidade do momento e o futuro encontrado na economia com aquele elemento.

O investimento a este elemento como potencialmente lucrativo também pode ter sido atestado neste período com a ascensão de outras estâncias hidrominerais, como era o caso de Poços de Caldas, cidade mineira próxima que, neste período, já começava a se configurar como uma estância termal reconhecida ao longo de todo o país.

A fonte "descoberta" por Rielli em sua propriedade logo ganhou o nome de fonte Santo Antônio e começou a ser procurada pelos "forasteiros" que desejavam experimentar as proclamadas virtudes (CALDEIRA, 1935). Rielli se associa ao Dr. Jovino Silveira e ambos criam a empresa "Rielli & Silveira", com o objetivo de explorar a fonte descoberta. Em 08 de junho de 1930 foi concluído o pavilhão hidroterápico para atender aos visitantes desta fonte, e, para administrá-lo, foi convidado o Dr. João Lombardi, médico especializado em hidroterapia.

A análise clínica das águas foi o primeiro passo tomado pela dupla de empreendedores com relação às águas encontradas. Tal fato sugere que, também nesta estância, o fator científico tivera deveras importância no estabelecimento da estância termal. Até que as águas não foram cientificamente analisadas, seu papel no desempenho econômico da cidade não fora atestado. Após a análise científica, a guinada rumo à sua exploração se iniciou de forma intensiva.

Apenas cinco dias após a inauguração do pavilhão hidroterápico, foi lançada a pedra fundamental para a construção de um hotel, "em condições de abrigar os já numerosos veranistas que, atraídos pela fama das curas, procuravam Serra Negra" (DALLARI, 1966, p. 57). Em 1931 é inaugurado, pela mesma empresa, o Hotel da Empreza, primeiro estabelecimento da cidade voltado a abrigar os visitantes interessados pela cura das águas.

O início da década de 1930 marca um período de frenesi na cidade com relação às águas termais. Em 1931 João Pires "descobre" em sua propriedade outra fonte de águas quentes, a qual nomeia "Fonte São João". A partir de 10 de dezembro de 1931, quando suas

águas são atestadas como radioativas, elas também passam a ser exploradas comercialmente (CALDEIRA, 1935). O mesmo álbum dá ainda indícios de que uma outra fonte radioativa havia sido descoberta em 1932, em chácara pertencente ao farmacêutico José Cintra de Almeida, e que o proprietário pretendia, ainda, transformar a chácara em uma "estação modelar de cura e repouso" (CALDEIRA, 1935, p. 135).

Ainda no início da década de 1930, com o sucesso na exploração das águas da empresa Rielli & Silveira, José Antônio da Silveira, banqueiro e pai de Jovino Silveira, entra para a sociedade, criando nova empresa, a "Rielli, Silveira & Filho". Com maior capital, a empresa se propõe a criar um novo hotel, mais luxuoso e capaz de abrigar todos os turistas. Nasce, em 1933, o Radium Hotel, o maior da cidade e classificado pelo memorialista Alcebíades Felix (2012) como o primeiro balneário de Serra Negra.

Até mesmo a vida política da cidade foi alterada por conta das descobertas das águas neste período. José Antônio da Silveira, investidor no ramo das águas da cidade e ilustre morador serrano, torna-se prefeito em 1931, o que pode ter significado uma guinada nas questões políticas voltada também à exploração das águas.

Em 1938, a cidade torna-se, enfim, *estância hidromineral* através do decreto assinado por Adhemar de Barros. A partir de então, de acordo com a legislação vigente, os prefeitos deveriam ser nomeados pelos interventores. Este fator também converge para uma tentativa de cumprimento das leis estaduais com relação às estâncias, como a proteção às nascentes e melhorias voltadas ao turismo.

A legislação previa melhorias no âmbito da infraestrutura da cidade, e é possível pensar que Serra Negra ocupou-se de realizar mudanças no âmbito urbano para que se tornasse de fato uma estância hidromineral. Sem dúvidas, a primeira mudança visível foi a criação dos hotéis que se voltavam para o recebimento dos turistas atraídos pela cura das águas. Só no início da década de 1930, dois novos hotéis foram criados para esta finalidade. Além deles, há a menção no Album de 1935 de um "Hotel do Commercio", de propriedade Eduardo Vichi.

Outro fator era a proteção das nascentes, o que fora feito na fonte Santo Antônio e na fonte São João, em que as próprias pedras do rochedo serviram como percalço arquitetônico para a obra. Os melhoramentos urbanos se faziam necessários, e em 1933, Dr. Firmino Cavenaghi, prefeito da cidade, se institui das tarefas de melhorar o abastecimento de água e esgoto, e promover melhoramentos nas estradas, ruas e praças públicas (DALLARI, 1966).

Os divertimentos na cidade, fator de atração aos turistas, se dividiam entre a praça pública e seu coreto e o Recreio Caruso, parque fundado no início da década de 1940 e que contava com um lago para exibições de barcos e nado (FELIX, 2012). Além disso, no ano de 1940, Claudio Novaes funda a "Companhia de Melhoramentos de Serra Negra", responsável por construir o "Grande Hotel Serra Negra e Cassino", entregue em 1942. Este divertimento era muito comum em outras estâncias como era o caso de Poços de Caldas, possuindo uma história própria e sendo responsável por atrair diversos turistas a estes locais (MEDEIROS, 2012).

É visível que ao longo das décadas de 1930 e 1940, Serra Negra transformou-se em uma estância. Cidade outrora marcada pelo cultivo cafeeiro, agora sua economia e política se atrelavam, de certa forma, à exploração das águas termais. Era preciso dotar a cidade de elementos que a configurassem em um local a ser escolhido pelos turistas e curistas, e ao mesmo tempo, oferecer serviços melhores e mais eficientes que a vizinha Thermas de Lindoia ou Poços de Caldas, estância também próxima.

4.2 A CIDADE DE ÁGUAS DE LINDOIA

Águas de Lindoia, cidade conhecida por este nome apenas em 1964, possui uma história atrelada ao uso de suas águas termais como possibilidade de cura e regeneração. Até 1938, a história do povoamento desta cidade se confunde com a história de Serra Negra, já que fora seu distrito, junto com a atual cidade de Lindoia. Logo, as demarcações na história de Serra Negra a respeito das fontes de águas quentes e do uso de tais águas pelos transeuntes já no século XVIII pode ser atrelada também à história de Águas de Lindoia, já que não é possível especificar exatamente de qual das duas partes fala-se. Entretanto, ainda que ligada politicamente a Serra Negra, a vida de Águas de Lindoia já se dava, muito antes de sua emancipação, de forma diferente daquela atestada em Serra Negra.

Como já citado no relato a respeito da formação de Serra Negra, o bairro ou ribeirão de Água Quente recebia diversos visitantes pela afamada propriedade curativa de suas águas. Após a chegada de Francisco Tozzi, nos anos de 1910 e a construção das termas, o local passa a ser conhecido como Termas (ou Thermas) de Lindoia[17]. Esta localidade e mais

[17]De acordo com Marrichi (2015, p. 85), um estabelecimento termal significava, entre o fim do século XIX e início do século XX um "grande espaço construído onde curistas e veranistas poderiam usufruir de vários tratamentos corporais realizados a partir da água termal"

a hoje conhecida cidade de Lindoia formavam o Distrito de Lindoia, vinculado a cidade de Serra Negra (CAMPOS E SILVA, 2005).

Somente em 1938, com a publicação da lei estadual nº 9.731, de 16 de novembro, é que as Termas de Lindoya (Águas de Lindoia e Lindoia) ficam politicamente separadas de Serra Negra, sendo criada a estância hidro-mineral de Lindoya. Este distrito só pode obter sua emancipação por conta do decreto nº 6501, de 19 de junho de 1934, que dispõe a respeito das estâncias hidromineirais. Tal decreto, explicitado já no início do capítulo, rege a formação das cidades estâncias, e permite que mesmo locais que tivessem menos de dez mil habitantes pudessem tornar-se municípios, nestas condições.

Embora Águas de Lindoia, ou Termas de Lindoia como passaremos a chamá-la a partir de agora, tenha passado grande parte de seu tempo como distrito de Serra Negra, inclusive quando já era organizava como espaço de Termas, é preciso frisar que seu funcionamento se deu de forma autônoma do distrito ao qual era politicamente ligada. Este funcionamento autônomo tem início com a chegada de Francisco Tozzi aos arredores.

Francisco Tozzi, médico italiano, muda-se para a cidade de Serra Negra em 1901, a fim de clinicar e impulsionado pelo parentesco de um padre local[18]. Em 1909, com os rumores a respeito das curas proporcionadas no "Morro das Águas Quentes", ele parte com destino ao local a fim de analisar tais águas. José Paulo de Campos e Silva (2005) ao analisar processos de compra e venda de terrenos em Serra Negra, encontra os processos nº 1066 e nº1071, que atestam que o território no entorno do citado morro estava em processo de leilão, e Francisco Tozzi foi o comprador destas terras.

Encontramos então um modo peculiar de formação deste território, completamente diferente do povoamento de Serra Negra. Estas terras, de propriedade privada, foram compradas com a finalidade de exploração das já conhecidas águas termais. Era preciso que tais águas fossem reconhecidas como potáveis e minerais, e a primeira análise fora feita já em 1903, de acordo com o jornal O Serrano (1923)[19]. Esta análise pode ser encontrada no

[18]A grande maioria dos dados bibliográficos de Francisco Tozzi, fundador da cidade de Águas de Lindoia, pode ser encontrada em memorial organizado por sua neta, Miriam Tozzi, publicado em forma de livro com o título "A cidade das águas azuis" (1987)

[19]José Paulo de Campos e Silva (2005) menciona, em suas páginas, a exploração das águas de forma comercial antes da compra de Francisco Tozzi, pelos irmãos João, Salvador e Joaquim Cardoso. Logo, não é possível afirmar que esta primeira análise fora feita por Tozzi, tampouco pelos primeiros exploradores das águas mineiras.

Almanach de 1913, que pela primeira vez atesta a existência de elementos radioativos nas águas locais.

As análises encomendadas pelo Dr. Francisco Tozzi e documentadas foram duas, de acordo com Bourroul (1929): uma realizada em 1915, encomendada ao Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, e outra encomendada à diretoria de Saúde Pública do Rio de Janeiro. Ambas atestaram a potabilidade e radioatividade das águas provenientes das fontes. Assim, cientificamente permitido, Francisco Tozzi poderia colocar em prática a exploração comercial de tais águas, motivo pelo qual comprara o terreno do entorno.

Francisco Tozzi torna-se o grande proprietário de um local que, em pouco tempo, começa a tomar contornos de uma cidade apta a receber visitantes. Para que os excursionistas pudessem chegar ao local, Tozzi contratou empregados para que fosse aberta uma estrada ligando o núcleo de Serra Negra ao local, estrada esta que fora inaugurada em 1910 (TOZZI, 1987). Logo, outras melhorias começaram a ser feitas, como a criação de um balneário para a utilização dos turistas e a construção de hotéis para abrigá-los. Os memorialistas ora estudados não conhecem exatamente a ordem em que foram construídos e nem a data em que foram inaugurados, mas o fato é que Tozzi construiu, nesta primeira fase de expansão da estância, cinco hotéis: o Hotel do Catete, o mais antigo de todos; o Hotel Preferido, o último a ser construído; o Hotel Glória, o mais requintado; o Hotel Camara, o mais modesto e voltado aos mais pobres, e o Hotel Senado. Além destes hotéis de propriedade de Tozzi, construídos entre 1920 e 1934, existia apenas o Grande Hotel Boucault, fundado em 1925 (TOZZI, 1987; CAMPOS E SILVA, 2005).

Até 1920, o intento de Tozzi é satisfeito com alguns quartos para banhos e um emanatório (BOURROUL, 1929); com o relativo aumento da procura pelas águas, a empresa de Dr. Tozzi constrói um balneário, dotado de doze banheiros com ducha natural, e quatro com banhos quentes; e um bebedouro, para que os aquáticos pudessem fazer uso da ingestão das águas.

Talvez fosse importante esclarecer que o Dr. Tozzi era também provedor de todo o distrito de Águas de Lindoia, dono de todas as terras, era o principal promotor do desenvolvimento local, como a construção de ruas, casas, instalação de hospitais, oferecimento de alimentação e dos cuidados com a utilização das águas. Assim, os moradores locais, além dos turistas que passavam períodos alocados na estância, eram, em sua maioria, familiares ou trabalhadores da empresa de Tozzi. Os primeiros vilarejos que surgiram na cidade, de acordo com pesquisa realizada por Campos e Silva, foram formados pelos

operários dos sistemas balneários, dos hotéis ou do sistema de infraestrutura. Tais vilarejos se localizavam ao longo da conhecida Rua Santo Antônio.

Apesar de todo o esforço de Tozzi, algumas críticas eram tecidas à estância neste primeiro momento de seu desenvolvimento. A falta de dinheiro público investido na estância antes da mesma tornar-se estância regulamentada foi motivo de algumas reclamações em jornais e periódicos da época.

O jornal "A Comarca", em publicação de reportagem a respeito da estância em 30 de maio de 1935, inicia seu discurso exaltando as belezas naturais, principalmente aquelas apreciadas ao longo da estrada. Entretanto, logo tece suas críticas em relação à cidade e enumera melhoramentos necessários àquela estância:

> Além dos hotéis sem luxo, mas confortáveis, pede Lindoya outros melhoramentos para os doentes. É uma installação de duchas e massagens, tão necessárias em muitas moléstias e estados, nos rheumatismos, nos distúrbios circulatórios, arteriaes e venosos, na obesidade. É uma piscina vasta, em que os doentes pudessem se banhar mais à vontade. São apparelhos de vaporização, para fácil inhalação dos gazes radio-activos. Um consultório medico, com appparelhagem moderna para os exames do coração e vasos. Um laboratório para pesquisas clínicas dos secreta e excreta, principalmente da urina. (LINDOYA..., 1935).

Tal trecho fora reproduzido da conferência realizada pelo médico Celestino Bourroul na Sociedade de Medicina e Cirurgia em 22 de abril de 1920. Nesta conferência, o médico também fala sobre a chegada à estância, que era dificultada principalmente na estação chuvosa, pelos caminhos acidentados e cheios de morros, que se tornavam obstáculos intransponíveis com a lama que se acumulava.

No jornal "O Serrano", na data de 19 de fevereiro de 1923, as críticas também se voltam às instalações de Lindoya, que também foram consideradas inadequadas para abrigar os turistas e curistas que procuravam pelo local:

> As montagens de Lindoya se resumem presentemente em dois hotéis, um dos quaes funccionando em edifício desapropriado; uma lavanderia, 14 comodos destinados aos banhos e algumas casas esparsas, que pertenciam a antigos moradores do logar. [...]. Tais installações são exíguas e apoucadas para corresponderem às nossas necessidades. Disto resulta claramente que os hotéis se acham sempre cheios, sendo as vagas disputadas com empenhos por doentes de pontos os mais afastados de São Paulo e do Paiz.

É importante notar que, ao mesmo tempo em que os esforços de Tozzi são aclamados pela população e mesmo nos jornais e revistas, as críticas à falta de infraestrutura são constantes à estância. Quanto mais o poder das águas curativas se tornava conhecido, maior era a necessidade de alterações nos equipamentos locais.

José Paulo de Campos e Silva (2005) esboça uma divisão na formação da cidade que optamos por adotar aqui. A primeira fase, considerada pelo autor, envolve todo o tempo em que as terras foram concentradas praticamente de forma totalitária nas mãos de Francisco Tozzi, e os investimentos gerados apenas pelo proprietário. A segunda diz respeito ao período em que as terras foram divididas, com maior valor econômico, e em geral compradas por outros investidores, no ramo hoteleiro e de infraestrutura. Nesta segunda fase, em que oficialmente a cidade já havia se tornado estância, há também maior intervenção do Estado nas questões locais.

É neste momento que novos hotéis começam a surgir e a região que hoje é o centro da cidade começa a ser ocupada, deslocando a centralidade das termas da Rua Santo Antônio. Campos e Silva (2005) enumera alguns hotéis que surgiram na década de 1940, já dentro desta segunda expansão. Foram eles: Pensão Lindoya (1943), Hotel Laguinho (1943), Parque Hotel (década de 1940).

Neste segundo momento, a cidade passa também a ser regida pela legislação que a torna estância (lei estadual nº 9.731, de 16 de novembro de 1938). Esta legislação estipula que os prefeitos fossem indicados pelos interventores estaduais, para que as melhorias nas estâncias fossem garantidas conforme se previa na lei. Assim, o primeiro prefeito indicado foi Firmino Cavenaghi, conhecido médico de Serra Negra. Na administração de Eduardo de Barros Martins, prefeito que também fora indicado, é feito o primeiro plano urbanístico do município, pelo decreto lei nº 12949 de 28/08/1942 (CAMPOS E SILVA, 2005).

Embora as melhorias nesta segunda fase tenham sido maiores e mais diversificadas, as críticas à infraestrutura local ainda existiam, principalmente com relação ao balneário, que se tornava obsoleto com o passar do tempo e poucos investimentos recebia. Na revista "Vida médica", em edição de junho de 1948, foi publicada matéria intitulada "Lindoia e Serra Negra". De acordo com o artigo, já se iam dez anos que a fonte fora arrendada, e dois anos que as termas haviam deixado de ser propriedade da família Tozzi. Entretanto, no tocante crenológico, a situação havia piorado:

> No momento da desapropriação, o arrendatário das fontes, que reconstruira a bela piscina, o orgulho de Lindoia, já havia adquirido 25 magníficas banheiras para o novo balneário, que iria edificar. Tudo parou e lá encontrei, no velho balneário, alem de 3 carcomidas banheiras reservadas para os doentes de pele, 9 outras, arcaicas e anti-higiênicas, onde são tomados obra de 150 banhos diários. Diminuta é essa frequência, limitada naturalmente pelo precário estado do balneário [...]. (LINDOIA E SERRA NEGRA, 1948, p. 3).

O outro balneário fora concluído apenas na segunda metade da década de 1950, mesmo que já na década anterior as melhorias nas instalações fossem cobradas, como pudemos verificar no excerto acima.

Em suma, Águas de Lindoia nasceu a partir da tentativa de exploração de suas conhecidas águas termais. Por conta delas, viveu e vive até hoje, tendo desde sua fundação o ramo turístico e das curas pelas águas como principal vertente econômica. Seu desenvolvimento se dera em duas fases principais, ambas voltadas a este intento: a primeira, pelas mãos de Francisco Tozzi, o distrito começa a se desenhar como uma estância hidromineral, ávida pelo recebimento de turistas e curistas; a segunda fase, já na década de 1940, iniciam-se os investimentos externos e a ajuda governamental a respeito das melhorias nas Termas, e a cidade torna-se legalmente uma estância.

4.3 TURISTAS E CURISTAS ÀS ESTÂNCIAS: COMO DETERMINAR O BOM USO DESTES LOCAIS?

As duas estâncias aqui apresentadas tornaram-se legalmente estâncias hidrominerais com a legislação de 1938. Entretanto, o conhecimento popular acerca de suas águas ultrapassa o limite do século, sendo as povoações nomeadas por este elemento desde antes da fundação "oficial". Portanto, entendemos esta "legalidade" como um resultado do conjunto de esforços feitos para legitimar este espaço como um local demarcado pela cientificidade nas águas, esforço este empreendido pelo Estado, pela classe médica e pelos donos de terra locais.

As águas termais funcionaram como um elemento principalmente econômico, em ambos os casos. Para Serra Negra, a partir da crise do café, seu principal produto econômico; para Águas de Lindoia, desde sua formação como distrito de Serra Negra, funcionando como um negócio de Francisco Tozzi desde sua instalação nas terras.

Ambas as cidades se prepararam para receber os turistas e curistas que iriam usufruir de suas águas, seus hotéis, tratamentos e passeios. As melhorias urbanas propostas pela legislação foram colocadas em prática para uma alteração nas cidades, afim de que se tornassem verdadeiramente estâncias.

Acima da legislação, aquilo que as tornou estância foi a importância econômica das águas para os dois locais: ao assumir o posto de principal elemento explorado

economicamente, as águas ganharam um espaço na urbe e na importância para a própria população.

Agora, a análise se volta para as relações estabelecidas dentro destas estâncias. De que forma os turistas e curistas eram incentivados pelo discurso médico a usufruir da estadia? O que era oferecido aos curistas e turistas durante o período? Quais as diretrizes que regiam os banhos, as ingestões de águas e alimentos, a estadia nos hotéis e mesmo os passeios e divertimentos? Havia a possibilidade de fuga dos ditames médicos e outras opções de descanso e divertimento?

É desta forma que encontramos agora os turistas e curistas presentes nestas estâncias e buscamos pelas formas de educação do corpo nas relações entre eles e o elemento natural.

5 UMA MIRÍADE DE ATRATIVOS: EDUCAÇÃO DO CORPO, SAÚDE E DIVERTIMENTOS

O capítulo que segue aos que foram até aqui apresentados tem como principal intuito buscar pelos elementos de educação do corpo no interior das estâncias até agora estudadas. Entre o olhar dos médicos e as possibilidades de divertimento, uma miríade de atrativos convidava os turistas e curistas a se exercitar, a fazer caminhadas, a jogar, e, claro, a realizar as curas as quais se destinavam[20]. Compreendemos que, inicialmente, curistas e turistas eram impactados já pelo traçado arquitetônico destas estâncias, elemento de certa forma explorado no capítulo anterior. Observamos, assim, que as cidades se tornaram estâncias através da comprovação científica do poder de cura de suas águas, cuja conseqüência foi a elaboração de uma legislação, bem como de planos urbanísticos que seguiram esta mesma linha de alterações, abandonando em definitivo uma relação mística com as fontes.

Entretanto, as relações a serem exploradas daqui para frente seguem a ideia de como os turistas e curistas se apropriavam das prescrições de cura nas estâncias, emitidas pelos médicos locais, revista de divulgação científica e pelos seus próprios estabelecimentos. Esboçamos, a partir das fontes até aqui constituídas, uma segmentação nas possibilidades de análise e compreensão sobre a forma como se dava uma possível educação do corpo dos visitantes.

A existência de uma possível educação do corpo nestas estâncias foi elaborada a partir da identificação de três eixos de interpretação. O primeiro diz respeito à cura pelas águas termais das doenças e convalescências dos curistas e foi construído a partir das seguintes fontes: relatórios médicos, separatas de congressos, receitas médicas, revistas de vulgarização científica, anais de congressos, fotografias. Buscamos compreender qual o papel que os elementos da natureza e mais especificamente as águas termais desempenharam no âmbito do pensamento médico, problematizando sua aceitação e difusão. Buscamos compreender, ainda, de que forma as águas eram prescritas para o tratamento no interior das estâncias termais, e qual o lugar da *cientificidade* nestas indicações.

---

[20]Para Marrichi (2015), um estabelecimento termal não se limitava aos banhos de imersão, mas também a outros tratamentos, que iam desde a inalação de vapores até tratamentos de beleza e práticas de exercícios físicos.

O segundo eixo de entendimento é a regeneração dos corpos que será desenvolvido a partir das seguintes fontes: bilhetes e folders dos hotéis, jornais e suas propagandas, cartões postais, almanaques, fotografias. Neste eixo de interpretação trabalharemos com as indicações de viagens que procuravam retirar os habitantes da cidade rumo a um contato com a natureza, bem como as indicações de usufruto da natureza nas estâncias. Assim, buscamos observar as indicações dos hotéis, dos passeios em meio aos parques, do usufruto das paisagens bucólicas.

O terceiro eixo de interpretação toma os divertimentos como parte da educação do corpo nestas estâncias e utiliza um conjunto de fontes constituído por fotografias, jornais, cartões postais, almanaques e mesmo a lembrança dos memorialistas das cidades. Os divertimentos inventariados realizavam-se tanto no período noturno com passeios específicos, jantares e frequência aos cassinos, tanto quanto diurnos, em que se destacam as atividades nas piscinas e os *footings* em meio à natureza. Esses divertimentos nem sempre eram destacados nas prescrições e indicações médicas, porém, eram exatamente eles os grandes responsáveis pela procura dos turistas por estes destinos.

Desta forma, entre a cura e o divertimento, partiremos agora em direção a compreensão de como se fazia uma estadia nas estâncias hidrominerais de Águas de Lindoia e Serra Negra.

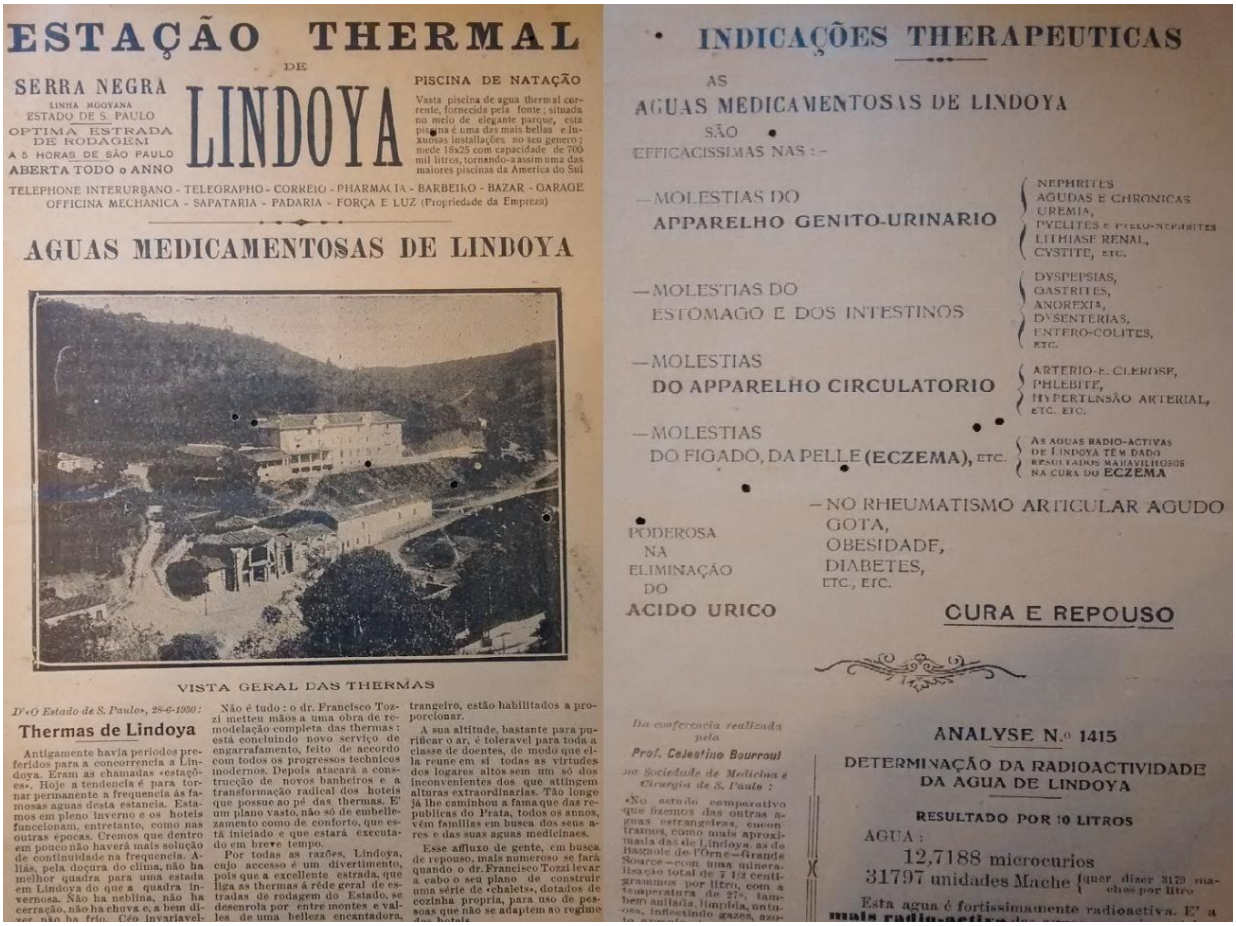
5.1 AS CURAS

Iniciaremos a análise a partir da principal faceta desta tentativa de educação do corpo nestas estâncias: através da cura proporcionada pelas águas. O adjetivo “principal” foi aqui utilizado, pois voltado a esta concepção se concentravam os esforços dos médicos locais, principalmente de Francisco Tozzi, dono das Termas de Lindoia que desejava tornar sua estância reconhecida nacionalmente e até mesmo internacionalmente pela qualidade de suas águas e as curas ali proporcionadas. Qualquer acréscimo às qualidades das curas que desviasse o interesse para outro campo, como aquele dos divertimentos, tendia a ser anulado ou mesmo tornado secundário frente às curas e o uso medicinal das águas.

Levando este discurso como o argumento de propaganda das estâncias, as curas através das águas figuravam em todas as facetas em que tais estâncias eram divulgadas, seja

no ambiente médico e de discussão acadêmica, seja para o público leigo, em cartazes, folders e propagandas em jornais e revistas.

.



ESTAÇÃO THERMAL
DE
SERRA NEGRA
LINHA MOGYANA
ESTADO DE S. PAULO
OPTIMA ESTRADA DE RODAGEM
A 5 HORAS DE SÃO PAULO
ABERTA TODO o ANNO
LINDOYA
PISCINA DE NATAÇÃO
Vasta piscina de agua thermal corrente, fornecida pela fonte; situada no meio de elegante parque, esta piscina é uma das mais bellas e luxuosas installações no seu genero; mede 18x25 com capacidade de 700 mil litros, tornando-a assim uma das maiores piscinas da America do Sul
TELEPHONE INTERURBANO - TELEGRAPHO - CORREIO - PHARMACIA - BARBEIRO - BAZAR - GARAGE
OFFICINA MECHANICA - SAPATARIA - PADARIA - FORÇA E LUZ (Propriedade da Empreza)
AGUAS MEDICAMENTOSAS DE LINDOYA
VISTA GERAL DAS THERMAS
D'«O Estado de S. Paulo», 28-6-1930:
Thermas de Lindoya
Antigamente havia periodos preferidos para a concorrencia a Lindoya. Eram as chamadas «estações». Hoje a tendencia é para tornar permanente a frequencia ás famosas aguas desta estancia. Estamos em pleno inverno e os hoteis funccionam, entretanto, como nas outras epocas. Cremos que dentro em pouco não haverá mais solução de continuidade na frequencia. Alliás, pela doçura do clima, não ha melhor quadra para uma estada em Lindoya do que a quadra invernosa. Não ha neblina, não ha cerração, não ha chuva e, a bem dizer, não ha frio. Céo invariavel-
Não é tudo: o dr. Francisco Tozzi metteu mãos a uma obra de remodelação completa das thermas: está concluindo novo serviço de engarrafamento, feito de accordo com todos os progressos technicos modernos. Depois attacará a construcção de novos banheiros e a transformação radical dos hoteis que possue ao pé das thermas. E' um plano vasto, não só de embellezamento como de conforto, que está iniciado e que estará executado em breve tempo.
Por todas as razões, Lindoya, cujo accesso é um divertimento, pois que a excellente estrada, que liga as thermas a rêde geral de estradas de rodagem do Estado, se desenrola por entre montes e valles de uma belleza encantadora,
trangeiro, estão habilitados a proporcionar.
A sua altitude, bastante para purificar o ar, é toleravel para toda a classe de doentes, de modo que ella reune em si todas as virtudes dos logares altos sem um só dos inconvenientes dos que attingem alturas extraordinarias. Tão longe já lhe caminhou a fama que das republicas do Prata, todos os annos, vêm familias em busca dos seus ares e das suas aguas medicinaes.
Esse affluxo de gente, em busca de repouso, mais numeroso se fará quando o dr. Francisco Tozzi levar a cabo o seu plano de construir uma série de «chalets», dotados de cozinha propria, para uso de pessoas que não se adaptem ao regime

INDICAÇÕES THERAPEUTICAS
AS
AGUAS MEDICAMENTOSAS DE LINDOYA
SÃO
EFFICACISSIMAS NAS:-
— MOLESTIAS DO APPARELHO GENITO-URINARIO — NEPHRITES AGUDAS E CHRONICAS, UREMIA, PYELITES E PYELO-NEPHRITES, LITHIASE RENAL, CYSTITE, ETC.
— MOLESTIAS DO ESTOMAGO E DOS INTESTINOS — DYSPEPSIAS, GASTRITES, ANOREXIA, DYSENTERIAS, ENTERO-COLITES, ETC.
— MOLESTIAS DO APPARELHO CIRCULATORIO — ARTERIO-ESCLEROSE, PHLEBITE, HYPERTENSÃO ARTERIAL, ETC. ETC.
— MOLESTIAS DO FIGADO, DA PELLE (ECZEMA), ETC. — AS AGUAS RADIO-ACTIVAS DE LINDOYA TEM DADO RESULTADOS MARAVILHOSOS NA CURA DO ECZEMA
— NO RHEUMATISMO ARTICULAR AGUDO
GOTA,
OBESIDADE,
DIABETES,
ETC., ETC.
PODEROSA NA ELIMINAÇÃO DO ACIDO URICO
CURA E REPOUSO
Da conferencia realizada pelo Prof. Celestino Bourroul na Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo:
«No estudo comparativo que fizemos das outras aguas estrangeiras, encontramos, como mais aproximada das de Lindoya, as de Bagnole de l'Orne — Grande Source — com uma mineralisação total de 7 1/2 centigrammos por litro, com a temperatura de 27°. Tambem analisada, limpida, inodora, inflacindo gazes, azo-
ANALYSE N.º 1415
DETERMINAÇÃO DA RADIOACTIVIDADE DA AGUA DE LINDOYA
RESULTADO POR 10 LITROS
AGUA:
12,7188 microcurios
31797 unidades Mache (quer dizer 3179 maches por litro)
Esta agua é fortissimamente radioactiva. E' a

Fig. 14 Folder da Estação Thermal de Lindoia, s/d. Capa e p.2. FONTE: Acervo Pessoal José Paulo de Campos e Silva.

No folder emitido para divulgação das Thermas de Lindoia, as indicações terapêuticas ganhavam destaque, sendo já publicadas na segunda página. As curas do aparelho gênito-urinário, de moléstias do estômago e intestino, do aparelho circulatório, do fígado e da pele foram listadas como os principais benefícios de uma estadia nas Thermas. Até mesmo o resultado de análise das águas, recheado de termos científicos e que pouco diziam à população leiga, foi estampado na tentativa de associar a alta radioatividade das águas às curas ali prometidas.

É importante ressaltar que nem todas as águas consideradas minerais tinham características medicinais. O conjunto de aspectos presentes nas águas analisadas de Serra Negra e das Termas de Lindoia apontava para propriedades capazes de curar determinadas

doenças, que foram sendo estudadas ao longo do tempo a partir da crenologia. As propagandas locais insistiam neste aspecto, ou seja, na existência de curas e, a partir dessa constatação, os médicos buscavam um aumento de sua clientela. Era neste aspecto, portanto, que insistiam as propagandas locais: era a respeito das curas possíveis que os médicos buscavam aumentar a clientela das cidades.

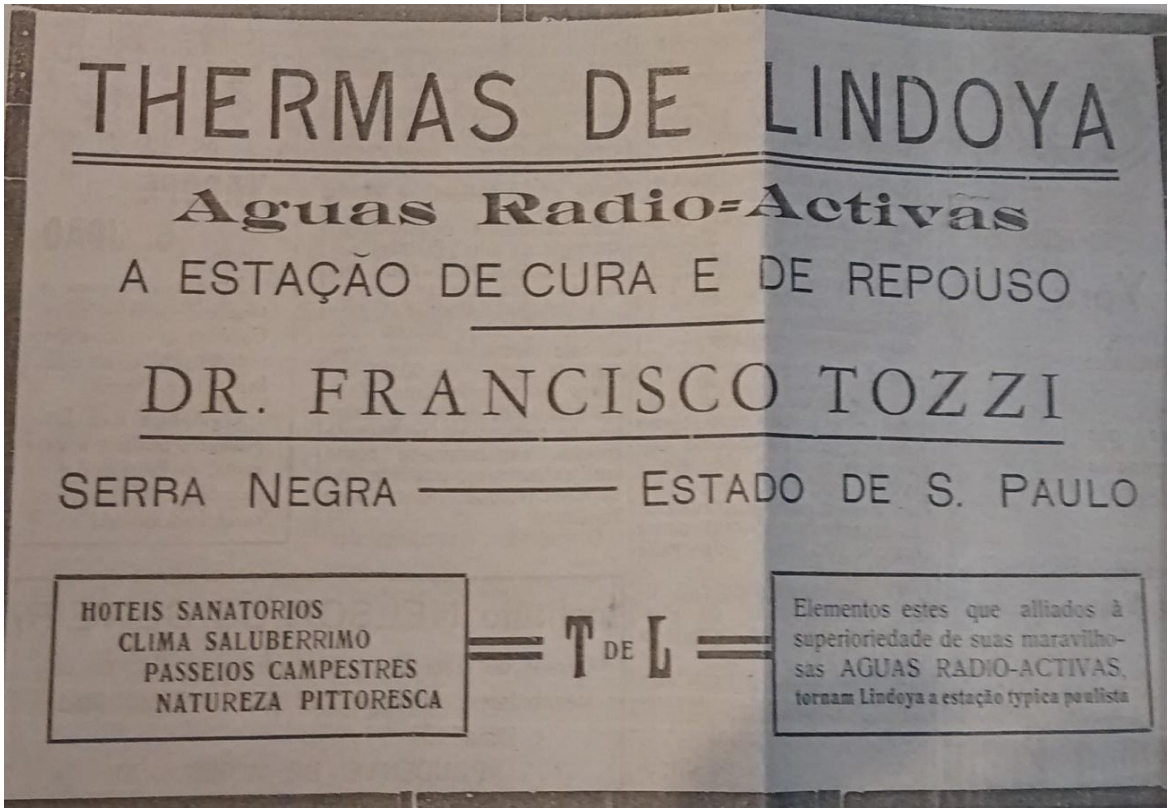


Fig 15 Propaganda das Thermas de Lindoia FONTE: Jornal do Estado, S/N, 25-03-1933.

Embora outros aspectos de uma estação fossem também considerados nas propagandas, como os hotéis, o clima local, os passeios, só a aliança destes fatores com as águas radioativas é que proporcionaria as curas. Havia mesmo uma hierarquia na definição da estância e de sua importância e utilidade: primeiro, ela era uma estação de cura; aliada a isso, e somente através desta aliança, havia a possibilidade de repouso.

É importante notar que a divulgação feita desta forma procurava selecionar determinado público em detrimento a outro. Neste caso, buscava-se muito mais pelos curistas, que partiam de suas casas dispostos a realizar as curas, do que os turistas, que procuravam pelos divertimentos e agitação de uma temporada nas Termas. A ideia compartilhada nas duas cidades, e levada a cabo principalmente por Tozzi, era que tais estâncias se diferenciassem

pela possibilidade de curas por elas proporcionadas, e atraíssem uma clientela que já não era a principal da cidade de Poços de Caldas, cidade termal vizinha e que no período aqui estudado atraía uma infinidade de turistas, muito mais do que curistas.

Para Tozzi, esta cidade havia se entregado aos divertimentos, abandonando aqueles que procuravam o local tendo por finalidade as curas. Stelio Marras (2004) afirma que Poços de Caldas era a "sede social" da emergência da modernidade nas décadas de 1920 e 1930, modernidade esta aliada a um sentimento de pertencimento de classe. Assim, as relações lá estabelecidas passavam muito mais pelas questões sociais do que pelas curas proporcionadas pelas águas, fato que Francisco Tozzi não pretendia importar da famosa vizinha; pelo contrário, pretendia-se abrigar aqueles que ainda buscavam o bucólico contato com as águas, distante das festividades propostas na outra estância.

Contra esta tendência, quer seja, a transformação das estâncias termais em espaços de divertimentos mundanos e jogatina, a comunidade médica responsável pelos estudos das curas realizadas pelas águas procurava exaltar uma mudança no cotidiano que se fazia necessária para o bom aproveitamento das curas. Os estudos produzidos a respeito das cidades termais procuravam, portanto, exaltar esta função, retomando sempre que a principal finalidade destas cidades era proporcionar as curas através das águas:

> Como deverão se processar as correções da fadiga ou da estafa resultantes do trabalho profissional? Evidentemente, afastando as causas produtoras da fadiga ou da estafa: retirando o indivíduo do trabalho, fornecendo-lhe um ambiente de conforto, corrigindo-lhe os desvios funcionais ou orgânicos da economia, restabelecendo-se a harmonia das funções orgânicas pela tonificação e desintoxicação, acorrendo-se para isto á alimentação sadia, á climoterapia, á balneoterapia, á crenoterapia e á fisioterapia em geral (BRANDÃO, 1937, p. 44)

Logo, era preciso que aqueles que procurassem as cidades termais estivessem dispostos a se afastar da agitação característica do modo de vida urbano e se dispusessem a usufruir da tranquilidade proporcionada pelas termas e as curas provenientes das águas, através da crenoterapia. As propagandas de Lindoia e mesmo reportagens a respeito da estância apontavam outros aspectos como a calma e a quietude, e procuravam, assim, atrair apenas aqueles que estivessem interessados neste tipo de convívio:

> Lindoya distingue-se das outras estações pela quietude, pela calma que alli reina, pela contínua observação medica sob os doentes, não havendo o bulício, a jogatina e, de consequência, a destemperança que acarretam tais inconvenientes á saúde dos que para lá se dirigem, afim de readquirir a saúde perdida, sem ser, assim, um centro de diversões, o que desviaria as Thermas de Lindoia da sua benéfica finalidade, o que parece louvável, pois, afastando-se dessas normas salutares, se desvirtuaria dos propositos a que foi destinada esta admirável Estancia...(LINDOYA, A ESTAÇÃO..., 1935).

Mesmo que todas as propagandas apontassem para o aspecto curativo das águas, ainda era preciso legitimá-las como realmente curativas, e não como elementos míticos ou sagrados; como afirma Marras (2004), era preciso traduzir as virtudes medicinais das águas em linguagem médico-científica. Desta forma, toda esta propaganda voltada ao aspecto da saúde nestas cidades precisava de um aporte científico que embasasse tais afirmações; era preciso que a ciência legitimasse tais águas como aptas à realização das curas.

Assim, o empreendimento para transformar tais cidades em estâncias hidrominerais passou pela averiguação das águas e constatação dos elementos que curavam lá presentes. Não era necessário provar apenas que as águas curavam: este fato já era conhecido pela população local há tempos. Era preciso comprovar cientificamente que aquelas águas eram aptas às curas médicas, com indicações e contraindicações.

Nas Thermas de Lindoia, a primeira análise científica das águas aconteceu em 1915, conforme apresentado no jornal A Nação (19/07/1915). Nesta publicação, fora reproduzido o discurso de Francisco Tozzi intitulado “A fonte de águas thermaes radio-activas de Lyndoia”, proferido nove dias antes na sociedade de medicina e cirúrgica de São Paulo (A FONTE DE AGUAS THERMAES..., 1915).

Neste discurso, Tozzi afirma ter recebido os resultados da análise que mandara fazer em São Paulo com o químico Adelino Leal (JORNAL DO ESTADO, 1933), e que, com o resultado em mãos, finalmente podia afirmar que as águas termais locais possuíam propriedades químicas capazes de curar os doentes. O médico afirmou também que este resultado veio a confirmar as observações das curas que ele vinha fazendo há 15 anos.

A insistência de Tozzi a respeito da confirmação científica das propriedades das águas o tornou conhecido em toda a comunidade médica responsável pelo estudo da crenoterapia, como o grande responsável pela cientificidade das águas das Termas de Lindoia (BOURROUL, 1929).

O médico Belfort de Mattos Filho (1928), ao publicar a respeito da cientificidade das águas de Lindoia, aponta que no ano de 1921 outra análise científica das águas de

Lyndoia foi feita, e nesta análise encontrou-se o número de 3125,0 Unidades de Marche, o que tornava estas águas as mais radioativas do mundo. O número, absurdamente alto, não fora contestado a princípio, tampouco fora feita uma contraprova. Bem ao contrário, a estância se valeu destes dados para promover as "águas mais radioativas do mundo", o que gerou certa agitação na comunidade científica brasileira. Até mesmo a pesquisadora Mme Curie, ganhadora do prêmio Nobel com o estudo da radioatividade viera ao Brasil com a finalidade de conhecer tal estância, na data de 15 de agosto de 1926, fato anunciado pelo Jornal Correio Paulistano do dia anterior (14/08/1926)

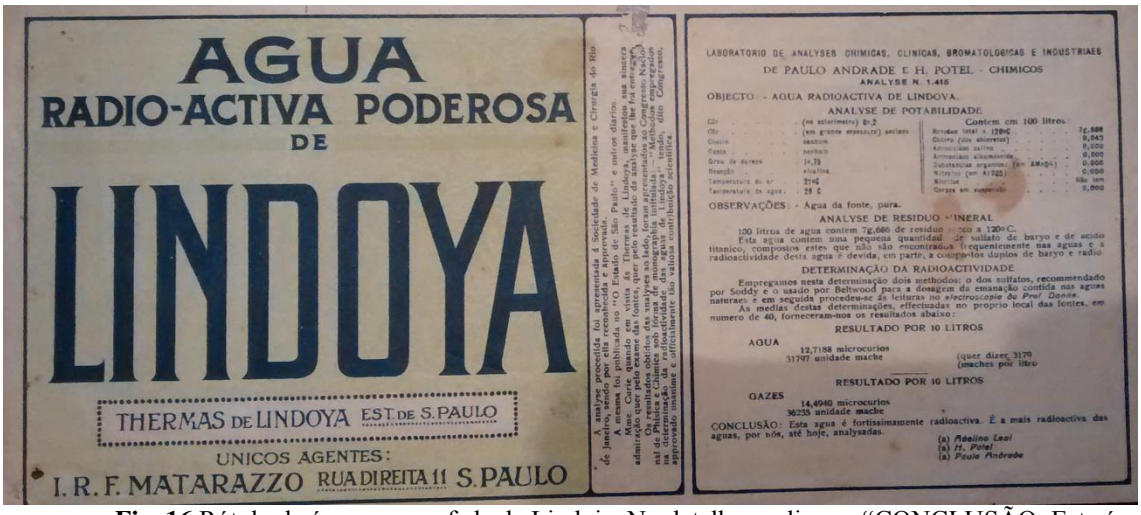


Fig. 16 Rótulo da água engarrafada de Lindoia. No detalhe os dizeres "CONCLUSÃO: Esta água é fortissimamente radiactiva. É a mais radioctiva das águas, por nós, até hoje, analysadas." FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi

Apenas em 1936 outra análise fora feita, desta vez pelo dr. Salles Teixeira, e as propriedades encontradas nas águas foram: alta incidência de oxigênio, radioatividade a 11,2 U.M., emanação de rádio e toro. (CREDÍDIO, 1948). Esta análise teria servido para desmistificar a ideia de que Lindoia possuía as águas mais radioativas do mundo. Humberto Tozzi, médico das Thermas de Lindoia, publicou, em 1952, que a radioatividade das águas de Lindoia era de 2,0 U.M., o que tornava as águas menos radiativas do que as águas de Serra Negra, que possuíam 29,48 U.M. e eram consideradas as águas mais radioativas do Estado de São Paulo já nos anos 1940 (ALMEIDA, 1943).

O erro desta análise, que por tantos anos beneficiou a estância de Lindoya, foi assim analisado pelo médico Renato Souza Lopes no II Congresso Nacional de Hidro-climatismo (1943, p. 50):

> De mineralização diminuta, são essas águas tão só fracamente thermaes, visto como é insignificante o seu poder radioactivo, muito ao contrário do que propalam os escriptos dos extremados propagandistas destas thermas, que chegaram, sob um errôneo fundamento, a propôr para a pequena Villa de Lindoya a designação de "Radiopolis"!Criou-se esta lenda á sombra de lamentável lapso de conceituados analystas, entre os quais alguns com a alta responsabilidade do Instituto Oficial do Estado de S. Paulo, que expressaram o resultado de suas pesquisas acerca da radioactividade das águas de Lindoya, em "microcurie", em logar do "millimicrocurie", unidade mil vezes menor.

Na estância de Serra Negra esta legitimação das curas não foi feita de modo diferente. Assim, procurou-se analisar as águas e seus atributos químicos para incentivar a procura pelas curas, sendo que a primeira análise relatada foi feita em 1903, de acordo com o Almanach de Serra Negra (1913). Sem divulgar os resultados obtidos, a fonte analisada e nem os químicos responsáveis, o Almanach limita-se apenas a dizer que a análise fora feita no Laboratorio Chimico do Estado de S. Paulo.

A segunda análise que se tem notícia foi feita em março de 1930, em busca de resultados a respeito da potabilidade das águas que jorravam das fontes, análise esta que teve resultado positivo; logo, a ingestão das águas estava cientificamente liberada. Já nesta análise foram encontrados traços de radioatividade, o que serviu de mote para a propaganda também desta estância (CALDEIRA, 1935). A segunda fonte descoberta na cidade, a fonte São João, também recebera análise das águas, já no ano de 1931, e seu proprietário, João Silveira, buscou legitimar sua fonte para o usufruto dos curistas que a procuravam.

É importante ressaltar que, após a construção do Radio Hotel ao redor da fonte hidromineral, em 1932, um Laboratório de Análises Clínicas fora construído em frente ao Hotel. Neste laboratório, os curistas deveriam passar antes de se hospedarem, para conhecerem de que forma as águas que ali brotavam poderiam auxiliar nas curas procuradas (CALDEIRA, 1935).

Este mesmo Album de Serra Negra, em que são narrados os fatos acima citados, dedica uma página completa com elogios ao doutor Jovino Silveira. De acordo com o autor, este médico era o verdadeiro responsável pelo sucesso que a cidade alcançava com os turistas e curistas, já que ele fora o primeiro a acreditar no poder curativo das águas que ali nasciam.

Após estes primeiros estudos realizados nas estâncias, que serviram para reiterar a eficácia das águas a partir de subsídios provenientes da ciência, as Termas de Lindoia e a cidade de Serra Negra passaram a ser objeto também das investigações em hidroterapia e

crenoterapia que aconteciam Brasil afora, principalmente na cidade de Poços de Caldas, berço dos estudos das águas.

Estudos feitos a respeito de inúmeras estâncias brasileiras e divulgados em diversos eventos ao redor do país passaram a contar também com pareceres sobre as duas cidades aqui estudadas. Orozimbo Correia Netto, médico e crenologista da cidade de Poços de Calas, publicou em 1916 um livro que tinha como objetivo organizar a prática e os estudos sobre a crenologia no Brasil, intitulado "As águas thermais Brasileiras na prática da hidrologia médica". Neste livro, o autor tece inúmeros elogios a Francisco Tozzi, que na época já havia publicado seu trabalho a respeito da primeira análise das águas das Termas. Seus elogios foram no sentido de parabenizar o médico pela insistência na valorização científica das águas de Lindoia, e exaltar que agora ela poderia figurar no rol das estâncias indicadas aos que buscavam as curas.

Outras duas obras que buscaram sintetizar os conhecimentos científicos a respeito das águas foram publicadas em meados da década de 1930: "Águas Minerais do Brasil", de Renato Souza Lopes (1935) e "Aguas Minerais do Brasil", de Alpheu Diniz Gonsalves (1937). Em ambas o desenvolvimento dos estudos se deu no sentido de informar sobre as cidades analisadas e a composição química de suas águas. A cada cidade, uma ou duas páginas do livro eram destinadas, e constavam nelas também informações como as vias de acesso por trem ou por estradas, os hotéis existentes e os médicos responsáveis.

Na década de 1940, Serafim Vieira de Almeida publicou outro trabalho a respeito das águas minerais, chamado "As principais Aguas Minerais do Brasil" (1943). Após anos de estudo e de desenvolvimento da crenologia, que teve seu ápice na década de 1930 (MARRICHI, 2009), e após a descoberta de novas fontes de águas termais, o autor optou por selecionar algumas estâncias hidrominerais e escrever observações minuciosas sobre cada uma delas. Neste livro não consta a estância de Serra Negra, entretanto, a respeito de Águas de Lindoia, inúmeras informações sobre a forma de ingerir as águas, o uso da piscina e o período de estadia são dadas.

Para a divulgação dos crescentes trabalhos feitos a respeito das águas termais, dois congressos de hidroclimatismo foram realizados, em 1937 e 1943, ambos organizados pelo Touring Club do Brasil. Nestes congressos, diversos trabalhos sobre as Thermas de Lindoia e Serra Negra foram divulgados. Alguns destes trabalhos tinham como objetivo divulgar as análises das águas destas cidades (BOURROUL, 1937); outros, o resultado das observações clínicas e as curas comprovadas (RIZZO, 1937); ainda, outros trabalhos tinham o objetivo de

sugerir melhoramentos técnicos, novas construções balneárias e necessidades de alterações arquitetônicas (SANTOS, 1937). Tais congressos contaram com inúmeros trabalhos apresentados a respeito das novas descobertas nestas duas cidades a respeito das águas minerais, e também das necessidades de melhoramentos para alavancar o turismo nestas duas cidades.

Antes do acontecimento de tais congressos, um outro havia sido realizado na cidade de São Paulo, entre os dias 12 e 16 de agosto de 1935, conforme noticiado pelo jornal Correio de São Paulo (CONGRESSO..., 01/08/1935). De acordo com este impresso, a organização do congresso foi da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em colaboração com a Secção Paulista do Touring Club do Brasil. O periódico traz ainda, em suas páginas, a programação completa do evento, com as falas sobre as estâncias, principalmente as paulistas e mineiras, e a divulgação de resultados até então encontrados. A respeito das estâncias de Serra Negra e Lindoia, apenas um trabalho seria apresentado, aquele já citado de Celestino Bourroul a respeito da radiatividade das águas das Termas de Lindoia.

Posteriormente, a Revista Brasileira de Fisioterapia, em sua edição de abril/maio de 1948 dedicou um número exclusivo ao Congresso de Estâncias Hidro-minerais, realizado em janeiro do mesmo ano na cidade de Poços de Caldas. A revista trouxe as sessões do congresso, que eram divididas em: 1) Proteção e defesa das estâncias; 2) Prolongamento do período de estação; 3) Sessão científica; 4) Facilidade de acesso às estâncias; 5) Aumento de frequência às estâncias. A revista descreve também os principais trabalhos apresentados em cada sessão, mas não faz menção a nenhuma publicação específica relacionada às estâncias aqui estudadas.

Além dos congressos, era preciso divulgar e dialogar com outras instâncias médicas. A realização de um congresso de hidro-climatologia pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo já mostra certa importância da temática dentro de uma sociedade que tratava de diversos assuntos ligados à medicina. Porém, mais do que isto, era preciso obter uma legitimidade proveniente de outras sociedades, para que a associação entre a cura pelas águas e a mística fosse enfim superada, e desse lugar, de fato, à cientificidade.

A mesma sociedade de Medicina e Cirurgia havia, em 1920, recebido a fala de celestino Bourroul a respeito das Águas Radiactivas de Lindoia, uma das primeiras a difundir as análises radioativas feitas na estância. O próprio médico afirmava, em seu discurso, sua iniciativa de divulgar as análises das águas em diversas comunidades científicas:

> Em diversas occasiões fizemos algumas conferências scientíficas nas sociedades de medicina do Rio e São Paulo, e quasi toda a imprensa do Brasil tem divulgado as nossas affirmativas, contribuindo assim para a popularidade das águas radio-activas de Lindoya. (BOURROUL, 1929, p. 3)

O estudioso das águas minerais João Bruno Lobo também contribuiu com a divulgação dos resultados das análises das águas de Lindoia em outras instâncias. Com trabalho intitulado "Ocorrência de radiothorio nas Águas de Lindoia" (1936), o químico adentrou a Sociedade Brasileira de Bio-physica e trabalhou lá com os resultados das análises até então realizadas.

Outro fato que marcou a entrada da discussão das águas nas sociedades médicas foi a visita, em 1933, de uma caravana médica da Associação Paulista de Medicina às Thermas de Lindoia, evento que contou com um jantar de gala oferecido no Hotel Gloria por Francisco Tozzi, que realizou um discurso de agradecimento e – por que não – de engrandecimento de sua estância frente às novas portas científicas que se abriam. Cabe ressaltar que, no período desta visita, vigorava a análise científica que exaltava a radioatividade das águas das Thermas frente às demais águas do mundo, fato este que provavelmente havia chamado a atenção destas entidades científicas, que passaram a figurar como parceiras da estância. Com isto, Francisco Tozzi aproveitara-se também dos pareceres favoráveis e da boa relação estabelecida para aumentar a popularidade e divulgação de sua estância.

Ainda, em 1948, um número exclusivo da Revista Brasileira de Fisioterapia fora organizado para narrar os acontecimentos do Congresso das Estâncias Hidro-minerais, anteriormente citado. Um número especial em uma revista voltada a uma especialidade distinta daquela que estudava as águas significava que, provavelmente, o caráter científico das estâncias hidrominerais havia enfim tomado o espaço das relações miraculosas no fim da década de 1940, e que estudos a respeito deste assunto poderiam figurar em qualquer especialidade médica e científica.

Todos os trabalhos citados até aqui a respeito destas estâncias se destinavam a divulgá-las a partir de três aspectos, a saber: a radiatividade de suas águas e suas indicações e contraindicações, aspecto já analisado até aqui; a forma adequada dos curistas usufruírem das águas; finalmente, melhorias e inovações necessárias para que as estâncias se modernizassem e pudessem receber mais visitantes.

Trataremos agora das indicações feitas pelos médicos a respeito do uso adequado das estâncias, o que deveria ou não ser feito, quais as regras de conduta, qual a forma

adequada de utilizar os hotéis, as piscinas, assim como ingerir as águas; quando e como partir para tais cidades; como cuidar da alimentação e das horas de sono. Como será possível notar, o receituário médico cuidava de orientar os curistas em todos estes aspectos, para que uma estadia nestas estâncias fosse de fato bem aproveitada. É neste sentido que a indicação do período era importante, pois, deveria ser aquele em que o clima estivesse mais ameno e, assim, mais propicio às curas através das águas; a escolha recaia, então, para os meses de abril, maio e junho e constituía a primeira estação destinada às estancias termais (GUIMARÃES, 1923). Uma segunda estação se daria entre os meses de julho, agosto e setembro, e uma terceira, entre os meses de outubro a dezembro. O período menos indicado para uma estadia nestas estâncias compreendia janeiro, fevereiro e março, meses que pelo volume de chuvas e intensidade do sol, não seriam propícios ao conjunto dos tratamentos que incluíam a helioterapia e os banhos de piscina, dois dos principais auxiliares das curas (GUIMARÃES, 1923).

É possível afirmar que a indicação dos meses mais adequados era completada pelo preciso tempo de permanência nas cidades termais, indicações que a literatura médica consultada estabelece em 21 dias para que uma cura completa se efetivasse. De acordo com Airosa (1943), esta indicação estava atrelada a uma crença médica, herdada dos tempos antigos, e não correspondia verdadeiramente às necessidades da cura. Para este autor, o ideal é que as águas agissem sobre o doente por 30 ou 40 dias, para que, a partir daí, fossem sentidas de fato as mudanças proporcionadas pelo tratamento. Antes deste período, continua ele, as mudanças podem ser associadas apenas à mudança de clima e do regime alimentar.

O tratamento através das águas não era, por si só, o responsável pela cura completa dos doentes. A própria mudança de clima e a mudança na alimentação, propostas nestes locais, já auxiliavam o doente a mudar sua condição inicial. Para Pádua Rezende (1920), os elementos como ar puro, sol e a alimentação deveriam ser considerados “métodos acessórios”, pois auxiliavam os doentes. Desta forma, eles alteravam algumas condições do tratamento, embora dependessem ainda das águas para que as curas fossem completas.

Já no artigo “As águas minerais de São Paulo”, de Ranulpho Queiroz Guimarães (1923), os 21 dias constituem, também, uma crença popular, entretanto, a duração do tratamento não pode ser datada à priori, sendo variável de acordo com o caso analisado. Ainda de acordo com o artigo, o que atrapalha o tratamento através das águas são os usos indevidos feitos pelos curistas, que proporcionam a si mesmos as doses e dias de tratamento que

consideram convenientes: “é preciso que o povo se convença de que as águas são verdadeiros medicamentos, cujo uso não poderá ser feito a seu bel-prazer” (GUIMARÃES, 1923, p. 66)

A temperatura dos banhos também entrava na prescrição dos médicos a respeito do uso adequado das águas. Bourroul (1929), ao descrever os banhos das Termas de Lindoya, afirmou que as águas chegavam às banheiras com a temperatura de 28º, o que poderia ser considerado frio para pacientes que participavam deste procedimento pela primeira vez. Assim, uma outra possibilidade era sugerida para estes pacientes:

> Os pacientes sensíveis, descompensados ou depauperados, devem tomar os banhos, aquecidos artificialmente, numa temperatura entre 28º e 33º, ou começar o banho por uma temperatura mais alta de 36º descendo aos poucos a 33º, ou de 33º a 28º.
> A imobilidade dentro da banheira, na água, diminue a impressão molestante de frio. (BOURROUL, 1929, p. 737).

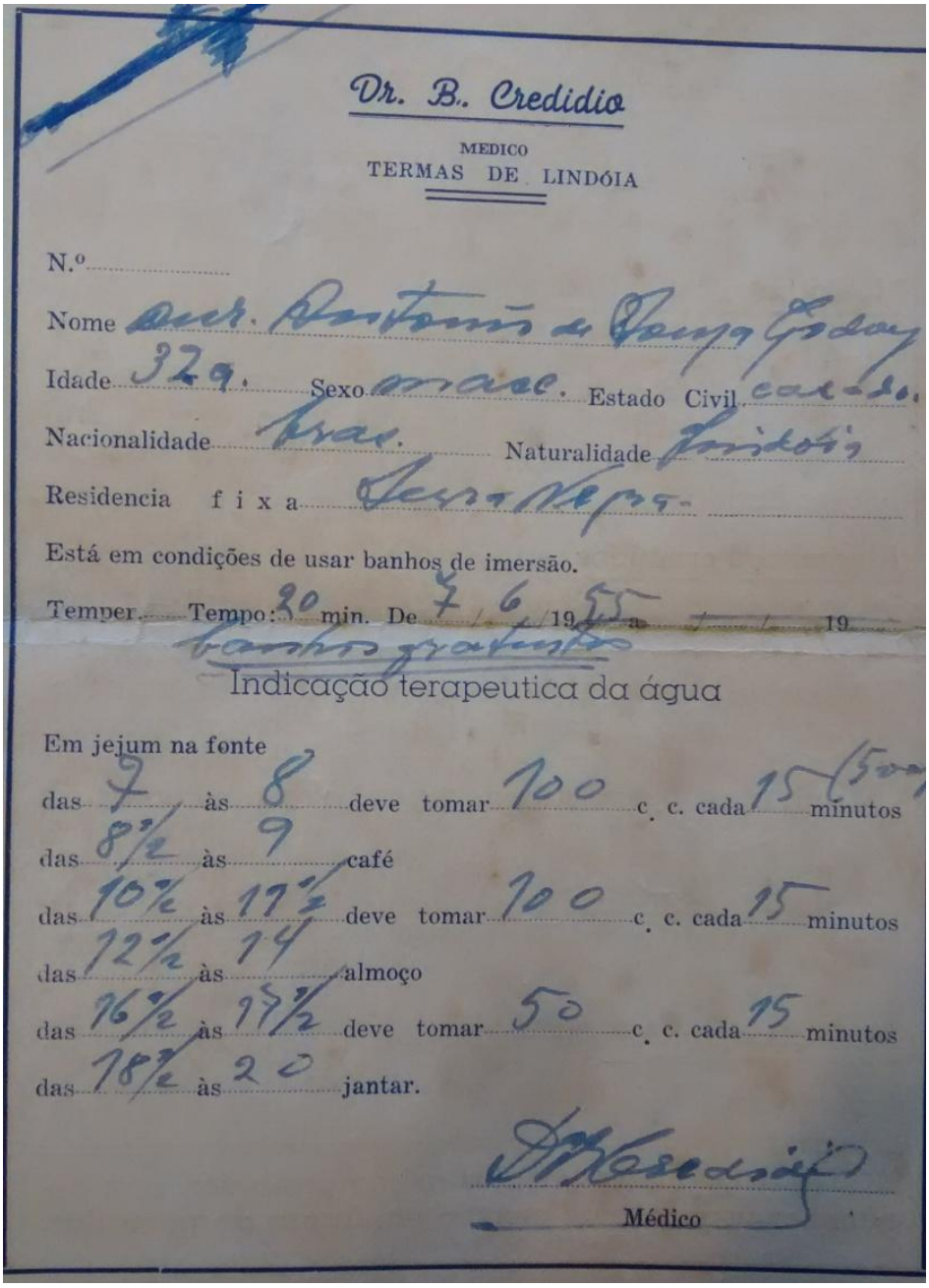
A quantidade de banhos também deveria ser diminuída para os que acabavam de chegar ao tratamento:

> É costume em Lindoya tomarem-se 2 banhos por dia: um de manhã, e outro de tarde. Nem todos os doentes supportam o segundo banho da tarde, de modo que será mais prudente nos casos graves e de reacções circulatórias não bem conhecidas começar-se o tratamento com um banho só, numa temperatura de 33º a 37º (BOURROUL, 1929, p. 19).

Além disso, a duração dos banhos não deveria ser muito longa, de cinco a dez minutos, no máximo, eles deveriam ser tomados duas vezes ao dia. Apenas para os pacientes em estado avançado de tratamento é que os banhos poderiam ser prolongados, para que as propriedades das águas fossem mais bem aproveitadas (ALMEIDA, 1943).

Além das indicações com relação aos banhos, a ingestão de águas também deveria ser feita seguindo à risca as determinações médicas. De acordo com Almeida (1943, p. 38), baseado nos dizeres do médico Belfort Mattos Filho, a ingestão das águas deveria ser feita da seguinte forma:

> As águas podem ser tomadas aos copos e aos goles – 1 copo, isto é, 100 a 200 gramas de ¼ em ¼ de hora, devendo os aquáticos, durante esta ingestão, andar, fazer passear a água, como dizem os franceses. Durante as refeições os enfermos limitar-se-ão a 1 copo de água.



Dr. B. Credidio

MEDICO
TERMAS DE LINDÓIA

N.º .....

Nome Snr. Antonio e Dona Godoy

Idade 329. Sexo masc. Estado Civil casado.

Nacionalidade bras. Naturalidade Lindoia

Residencia f i x a Serra Negra

Está em condições de usar banhos de imersão.

Temper. Tempo: 30 min. De 7 / 6 / 19 55 a / / 19

banhos gratuitos

Indicação terapeutica da água

Em jejum na fonte

das 7 às 8 deve tomar 100 c. c. cada 15 minutos

das 8½ às 9 café

das 10½ às 11½ deve tomar 100 c. c. cada 15 minutos

das 12½ às 14 almoço

das 16½ às 17½ deve tomar 50 c. c. cada 15 minutos

das 18½ às 20 jantar.

Médico

Fig. 17 Receita emitida pelo dr. Credídio, médico das Termas de Lindoia, em 1955. FONTE: Acervo Pessoal José Carlos de Campos e Silva.

As indicações com relação à quantidade de ingestão das águas eram aliadas às caminhadas e passeios em meio à estância. Orozimbo Correia Netto (1916) também afirma, em seu trabalho, que era preciso, após ingerir a água pela manhã, com o estômago vazio, fazer a "água correr", através de passeios na estância escolhida. Celestino Bourruol, em 1920, também sugeriu uma regra para a ingestão de águas, ao longo do dia:

> Durante as refeições, não deverão os doentes beber muita água: 1 copo ao almoço e outro ao jantar, o que perfaz approximadamente ½ litro. A tarde, umas duas horas antes do jantar, podem os aquáticos beber mais água, completando assim sua ração diaria, até uma hora antes do jantar. (BOURROUL, 1920 apud CORREIA NETO, 1916, p. 17).

Embora afirmassem os autores a necessidade de consulta médica para a eficiência da ingestão das águas, é possível notar que, de um estudo para outro, sem muita distância temporal, diferentes informações eram fornecidas a respeito das variáveis das águas, como a quantidade, a temperatura e o tempo de ingestão. Os autores preocupavam-se em elaborar uma receita pronta, sem verificar qual a necessidade do paciente, crentes de que os números específicos e milimetrados transformariam as águas minerais em remédios a conta-gotas, assumindo desta forma o caráter medicamentoso e científico deste elemento natural.

Apesar da discrepância entre os resultados apresentados, a verificação dos resultados negativos a respeito dos tratamentos era sempre associada à má interpretação das informações presentes no receituário. Para Bourruol (1929), a automedicação dos pacientes em geral ocasionava o mau funcionamento do tratamento: havia casos de pacientes que ingeriam, em um só dia, até 50 copos de água, o que era entendido como um excesso pela literatura médica. O próprio autor recomendava que o volume máximo de água a ser ingerida em um só dia era três litros.

Para a piscina as regras de utilização também eram rígidas, a começar pelo paciente que deveria utilizá-la: apenas aquele portador de certificação médica que o tornasse apto para o uso. Outras prescrições que se seguiam:

> A água radio-activa da piscina é renovada de 24 em 24 horas e sua desinfecção obedece aos mais rigorosos preceitos de higiene, só entrando nela os que tomam previamente um banho de imersão, lavando os pés na ocasião de dar o seu mergulho, sendo tôda ela coberta com um chuveiro, que funciona, ou não, contemporaneamente com a imersão e o exercício da natação (ALMEIDA, 1943, p. 40).

Bourroul (1929) afirma ainda que, além da serventia para os banhos, a piscina se prestava também à helioterapia, uma das principais terapias indicadas nas estâncias de

Lindoya e Serra Negra para auxiliar a hidroterapia no combate às enfermidades. É interessante notar que os divertimentos presentes nos banhos de piscina, não adentravam o receituário médico. Esta possibilidade, embora existente, não cabia no cabedal de prescrições, que se guiavam pelas diretrizes científicas e controladas. Apenas a natação foi mencionada no relato do médico Manoel Airosa, e, ainda assim, sob a forma de exercício responsável por facilitar a imersão e ação das águas medicamentosas.

Além da helioterapia, outros fatores se configuravam no receituário médico como importantes auxiliares das curas propostas nas estâncias, como o clima, o repouso e as alterações no regime alimentar.

O clima e o repouso serão tratados no próximo item, o das regenerações. Cabe ressaltar que eles aparecem em diversos momentos do receituário como auxiliares das curas proporcionadas pelas águas, e se associam, na maioria das vezes, ao abandono de um modo de viver típico da cidade, ou seja, sem o contato com a natureza e seus elementos.

Sobre a alimentação, ela se configurava em uma preocupação constante e presente em diversos âmbitos, desde as publicações médicas até mesmo na propaganda dos hotéis. A ideia é que a dietética fosse seguida à risca, sem a ingestão de alimentos gordurosos, tóxicos ou pesados. Para isto, a cozinha dos hotéis deveria estar preparada para servir a alimentação adequada aos hóspedes.

As propagandas elaboradas para a divulgação dos hotéis de Francisco Tozzi, nas Termas de Lindoia, exaltavam a cozinha dietética presente em todos os hotéis, responsáveis por elaborar os cardápios adequados aos hóspedes, sempre amparadas pelas diretrizes médicas na seleção dos alimentos:

> Nos nossos hotéis a cozinha é feita de acordo com as **directrizes médicas,** abolindo os alimentos que se tornam **incompatíveis** com o uso das águas.
> As comidas salgadas, os **condimentos**, especiarias, pimenta, chocolate, vinhos, cervejas, licôres, etc. são absolutamente contraindicados nas moléstias que requerem o uso destas águas.
> (PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA, s/d., grifos do autor).

A alimentação balanceada e sem a ingestão dos alimentos citados contribuiria para um maior sucesso no tratamento. Além dos alimentos contraindicados, esta mesma propaganda postulava também como as refeições deveriam ser tomadas pelos hóspedes. De acordo com o escrito, o hóspede era o responsável por prezar pelo bom funcionamento do estômago, dos fígados e dos rins, evitando a superalimentação, mastigando devagar todos os alimentos e evitando aqueles de difícil digestão.

Celestino Bourroul (1929), em artigo já citado nesta pesquisa, também esboçou um regime alimentar que considerava adequado para um curista em tratamento com as águas. Em sua prescrição, as carnes vermelhas deveriam ser cortadas, por possuírem muita gordura e sobrecarregarem o sistema digestivo. Além destas, estavam vetadas também as raízes, frutas como manga e abacate, laticínios fermentados e ovos. Para este autor, apenas a aliança entre uma alimentação balanceada e o tratamento com as águas poderia proporcionar as curas desejadas nestas estâncias.

Em uma publicação intitulada "Os mandamentos do aquático", há a preocupação em enumerar as boas práticas a serem realizadas pelos curistas que por lá se hospedam. A boa alimentação e o regime dietético endossavam as prescrições contidas no texto:

> 4º - Que **o regime higiene-dietético** é da maxima importancia durante o tratamento hidro-mineral.
> Uma das mais frequentes causas das perturbações gerais da nutrição é a **superalimentação** e, particularmente, o abuso da carne e do alcool.
> [...]
> Evitar quanto mais possível os **condimentos.**
> É preciso desconfiar das cosinhas complicadas e não esquecer que si <Deus nos deu os alimentos, o diabo nos deu as cosinheiras> (Voltaire). A cosinha dos nossos Hoteis Sanatorios obedece a rigorosa diretriz medica.
> 5º - A gota [...] ataca com mais frequência os comilões, os que abusam do vinho e das comidas, os intelectuais e sedentários.
> É preferível comer pouco de cada vez e muitas vezes, do que poucas vezes e muito em cada refeição. (RIZZO, 1937, p.12).

A alimentação, o repouso, a correta ingestão das águas, os horários adequados para os banhos. Todos os detalhes para uma boa estadia nas estâncias eram prescritos, indicados, estampavam desde as propagandas até as receitas médicas. Quer seja no restaurante do hotel ou no interior da piscina, as diretrizes médicas procuravam indicar a melhor forma dos curistas aproveitarem a estadia no local. As indicações estavam dadas, dependia exclusivamente do curista que elas fossem seguidas à risca para que os resultados prometidos fossem alcançados. Dependia exclusivamente do curista que seus ares de turista fossem deixados para outros passeios, e que sua impregnada urbanidade desse lugar a um contato puro com os elementos da natureza e os alimentos saudáveis.

Mario Mourão, médico poços caldense, publicara no Jornal do Commercio, em 20 de março de 1938, uma nota sobre o recente falecimento de Francisco Tozzi, e, nesta nota, retomava alguns aspectos do cotidiano da estância. Suas afirmações a respeito da vida do curista ilustram bem qual era a intenção dos médicos ao proporem toda esta mudança nos

modos de vida daqueles que procuravam tais estâncias: que eles se tornassem, de fato, escravos das águas minerais.

> O hóspede de Lindoya não póde soffrer emoções, precisa dormir cedo e ter somno calma, para se levantar matutino com a estrella d'alva, e ir lá para baixo tomar os seus copos de água purificadora. O jogo, o vício, o jazz não entram em Lindoya. [...]. E Lindoya é, para nós, neste momento a única estancia nacional de cura, porque alli não ha vicio, alli não entra o alcool, alli tudo é synchronizado, o doente perde a sua personalidade e torna-se um escravo da agua mineral. (MOURÃO, 1938, p. 7).

Todo este esquadrinhamento da vida nas estâncias aqui estudadas se relaciona com uma arquitetura ou com construções específicas que permitiam a organização dos curistas e o bom cumprimento das regras de convívio, assim como as de tratamento. Como abordado no capítulo anterior, as obras vultuosas foram a pedra de toque para transformar aquelas cidades em verdadeiras estâncias hidrominerais. Os hotéis, balneários, piscinas foram fundamentais no papel de fazer valer as diretrizes médicas para as curas e regenerações.

Não é anódino observar que grande parte destas obras foram propostas ou mesmo idealizadas pelos médicos responsáveis pelas estâncias. As alianças políticas realizadas ao redor das fontes minerais não foram pequenas e nem sem importância. Os congressos de hidro-climatismo e das estâncias hidrominerais aqui estudados nos remetem a influência que os médicos exerciam e pretendiam continuar exercendo sobre a arquitetura e as construções destas cidades. Diversas publicações se dedicavam exclusivamente a propor novas construções ou mesmo críticas àquilo que vinha sendo tomado como procedimento.

Os melhoramentos propostos na estância de Lindoia se voltavam a dois aspectos, quer seja, a melhoria das questões dirigidas ao tratamento dos doentes e ajustes no conforto aos visitantes da estância. No primeiro congresso de hidroclimatismo, em 1937, duas publicações exaltaram a necessidade de um centro de estudos clínicos na estância, cujo objetivo principal era o de pensar o tratamento individualmente, caso a caso. Além disso, este centro de estudos emitiria/divulgaria novas descobertas a respeito das águas, das indicações e contraindicações com relação às doenças ali tratadas. (SANTOS, 1937; RIZZO, 1937). Além deste apontamento, Octavio de Paula Santos sugeria ainda, em seu texto, a construção de uma cozinha dietética nas Thermas, para que a alimentação fosse feita de acordo com os preceitos considerados adequados a um bom tratamento e mesmo como complemente a ele.

Além destas necessidades apontadas, Bourroul (1929), que escreveu suas impressões sobre a estância ainda em 1920, apontava à época a necessidade de melhoria nos transportes, já que a estrada de ferro não chegava até as Thermas e não havia ônibus que

ligasse Serra Negra à estância. Na edição de 1929, comentada, uma observação aparece anunciando que esta e outras melhorias sugeridas já haviam sido solucionadas por Francisco Tozzi.

As questões voltadas ao conforto e à recepção dos turistas e curistas não foi tratada em nenhum artigo médico que faz parte do conjunto de fontes deste trabalho: apenas os aspectos voltados estritamente ao tratamento apareceram em suas palavras. Entretanto, para os jornais que divulgavam as estâncias este aspecto era deveras importante. No jornal "A commarca", em 30 de maio de 1935, melhoramentos voltados aos tratamentos foram pedidos pelo autor do texto, entretanto os mais preocupantes eram relacionados ao conforto proposto nos hotéis. Os pedidos indicavam desde maior comodidade nos quartos com a presença de duchas e oferecimento de massagem aos hóspedes. Credídio, médico responsável pela estância já no fim da década de 1940, publicou em um artigo que as reclamações a respeito do conforto e a falta de equidade dos hotéis da cidade em relação aos hotéis de outras estâncias ainda eram constantes, e que nada fora feito neste intervalo de tempo para mudar esta situação. (CREDÍDIO, 1948).

Era preciso sublinhar que, além das questões do conforto, os hóspedes por vezes se queixavam da falta de ocupações na cidade. A proibição dos jogos, as relações mediadas sempre em torno da cura das águas impediam diversos divertimentos que eram possíveis em outras estâncias, e, mais do que isto, desejados por aqueles que se hospedavam na cidade. É desta forma que na década de 1940 é crescente a preocupação dos médicos com um plano turístico para as estâncias, que, ao mesmo tempo prezaria pela manutenção das curas como principal aspecto das cidades e pelo conforto e luxo como atrativos destas cidades.

A Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas, um suplemento da revista Medicamenta, apresentou, nas revistas analisadas, dois artigos escritos por médicos voltados a este aspecto (NASCIMENTO, 1931; BRANDÃO, 1937). Em ambos a preocupação é organizar um serviço sistemático nas cidades termais no Brasil. A afirmação é que faltavam legislações adequadas, sanatórios voltados aos que não poderiam pagar pelos hotéis, e hotéis mais luxuosos e capazes de abrigar os viajantes com mais conforto. Além disso, os artigos reafirmavam a necessidade de sistematizar a propaganda a respeito das cidades termais, questão esta ligada à falta de postura dos governos estaduais e federais.[21]

---

[21]Esta reclamação era recorrente, o que pode ter sido um dos motivadores para a criação da Divisão de Turismo no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1938. Com esta divisão, já citada aqui no texto,

Em resumo, é possível afirmar que as diretrizes médicas tinham a ambição de cuidar de todos os aspectos voltados a estadia dos curistas nas cidades termais, começando pelos arquitetônicos, com as melhorias sugeridas e exigidas, até cuidando especificamente do cotidiano dos que resolviam se deixar levar pelas curas propostas pelas águas. O discurso médico, como visto, procurava direcionar todas as relações tramadas nas estâncias ao contato e usufruto das águas curativas. Não foi exagerado dizer que este era o principal aspecto tratado a respeito destas estâncias: as curas figuravam em todas as relações propostas por estes médicos.

Para além de um discurso das curas, as viagens rumo a estas cidades suscitavam nestes médicos a indicação a afastamento da cidade e de seus modos de vida, a uma experiência bucólica, de contato com a natureza e seus elementos. Aliada à cura pelas águas, a regeneração dos corpos com o contato com a natureza se fazia como bandeira de um discurso médico de procura pelas estâncias hidrominerais. Vejamos agora de que forma este discurso de bom aproveitamento da natureza se dava nestas estâncias.

5.2 A REGENERAÇÃO

> Magnífico passeio, por uma estrada que tem o descortínio de deslumbrantes panoramas, ora subindo morros, mais além descendo suaves rampas, atravessando valles margeantes às águas do rio do Peixe, que mansamente deslizam segundo seu rumo, é no meio de tudo isso, recantos tão lindos, que parecem criados pela natureza, para proporcionar os mais doces idyllios, que se encontram as célebres e decantadas Thermas... (LINDOYA, A ESTAÇÃO...1935).

Pensar o incentivo à visitação das estâncias hidrominerais de Serra Negra e Águas de Lindoia somente através da indicação dos goles adequados de águas e da correta forma de tomar os banhos não é considerar a importância dada à natureza nestas visitações.

Como já visto no início deste trabalho, o discurso médico atribuiu à natureza diversos papeis voltados à cura e regeneração (LUZ, 1982; HASSE, 1999).A calmaria proporcionada nestes ambientes, o ar puro, a vida distante da aceleração da cidade, todas estas características foram incorporadas a este discurso, tornando o contato com a natureza um importante fator na indicação dos destinos de férias e veraneios.

---

pretendia-se, por parte do governo, fiscalizar mais de perto os serviços turísticos do país, desde a rede hoteleira até a divulgação de serviços termais (GOULART, 1990)

Nas estâncias hidrominerais aqui estudadas o papel da natureza para este discurso não era diferente: o clima seco e ameno, a vegetação densa que cobria os caminhos, o percurso do rio do Peixe, todos estes elementos se aliavam às prescrições dos médicos com relação às curas nas estâncias. De acordo com o dr. Américo R. Netto (1937), a própria estadia já seria responsável por causar uma melhoria na saúde daqueles que procuravam pelas estâncias.

O cognome "Cidade Saúde" fora dado a Serra Negra pelo então presidente do país, Washington Luiz, no ano de 1930 (FELIX, 2012). Ao visitar a cidade, o presidente teria ficado encantado com a esplêndida natureza que rodeava o lugar, o clima ameno e as ruas arborizadas, e logo associou todos estes indícios à cura, dando a cidade tal título. Nas palavras do presidente:

> Serra Negra, que bem pode se chamar a CIDADE DA SAÚDE, a cidade bendita onde as energias do corpo se retemperam e acrescentam. Excepcionalmente prendada pela natureza, cumulada por ela de dons preciosos e que a singularizam superiormente, Serra Negra precisa corresponder a essas vantagens nativas (FELIX, 2012, p. 46)

Dentre as novas sensibilidades forjadas com este discurso de novos usos da natureza, as paisagens figuravam como importante refúgio bucólico. As montanhas que recortavam o céu, o contraste entre o verde e o azul, faziam parte do imaginário a respeito das estâncias hidrominerais. A natureza visitada, que deveria ser apreciada pelos turistas que se dirigiam a esta região do estado de São Paulo, já apontava sua exuberância no caminho. As indicações de viagens com destino às estâncias deslocavam a atenção dos visitantes ao percurso, em si mesmo um belo motivo para a escolha desta viagem:

> Decorreu toda Ella [a viagem] suavemente, apresentando encantadora vista de um papel maravilhoso, emmoldurado por uma doce e suave luz, cujo quadro é de sonho e de grandeza, delineado por soberbos montes e bizarros vales, harmônica symphonia de rústica, mas encantadora graça (LINDOYA, A ESTAÇÃO...1935).

A natureza que envolvia o trajeto de chegada servia como inspiração às propagandas e indicações às estâncias. Como apontam as pesquisas de Raymond Williams (2011), há tempos as poesias e os romances vinham colaborando para que a natureza atingisse um patamar de elemento pacificador, benfazejo; um espaço e tempo que os visitantes seriam beneficiados por uma moral mais adequada do que aquela vivida nas cidades. Esta narrativa encontrava respaldo também nas publicações a respeito de Lindoya e Serra Negra, em suas diversas propagandas que exaltavam as vantagens da visitação a estes recantos da natureza:

> Escolheria um refúgio entre montanhas pitorescas, ao sopé de môrros imponentes, que symbolizam a guarda de fiéis vassalos. E dentre as fontes cascatiantes, desejaria possuir uma verdadeiramente maravilhosa, de águas cálidas, propícias á volúpia do descanso, enlanguisadoras dos sentidos, acalentadoras de sonhos bons e mensagens felizes. E a natureza, prompta a satisfazer os desejos de Lindoya, ordenou que brotasse do sólo a crystalina lympha, emprestando-lhe virtudes que iriam mais tarde causar o assombro dos homens e merecer a investigação da Sciencia (JORNAL A TARDE, s/d)

Esta natureza rústica, que emoldurava o caminho dos viajantes antecipando-lhes as belezas que seriam encontradas nas estâncias, não servia exatamente aos intentos dos médicos. A paisagem seria já uma mudança no cotidiano urbano, necessária ao bom aproveitamento do período de estadia; porém, não suficiente para o tratamento dos doentes e dos curistas. Esta natureza que educava e regenerava, aliada dos médicos brasileiros do início do século XX, precisava de um tratamento humano - elementos domesticados, encanados, podados e moldados para os intentos da medicina. Era preciso aliar as vantagens dos elementos naturais às garantias de segurança e conforto para que esta natureza fosse, de fato, elemento à serviço dos médicos:

> A mão do homem, com pouco trabalho, transformaria esta região, já de per si lindíssima, num recanto pitoresco e confortável, onde mesmo os que não fossem doentes poderiam retemperar as suas energias, desintoxicando o organismo com o uso das águas, respirando o ar púro das regiões montanhosas cobertas de vegetação e gosando, pelo espaço de 20 a 30 dias do clima ameno e seco de Lindóia. (CREDÍDIO, 1948, p. 28)

A mão amiga do homem serviria para auxiliar estas cidades a usar a natureza em favor das curas e da regeneração dos corpos daqueles que viviam nas cidades. A natureza observável tornar-se-ia também utilizável através de algumas alterações elaboradas pela medicina local. Quando revestida de conforto, seria então apta à regeneração dos pacientes, turistas e curistas que buscavam por estes recantos distantes das cidades.

O principal remédio natural das estâncias de Lindoya e Serra Negra, depois das águas minerais, era seu clima, ameno e seco, que se mantinha na casa dos 18º ao longo do ano, não havendo desta forma um período contraindicado com relação a este aspecto. O clima, de acordo com as indicações, teria grande influência nas curas daqueles que procuravam pelas Thermas:

> Os hotéis das Thermas funcionam *todo o anno*, sabido como é que não há época indicada para o uso das suas virtuosas águas, pois Lindoya, com seu clima constante e ameno, com sua maravilhosa perspectiva bocólica, a sombra benfazeja de suas verdes florestas, as manhãs resplandecentes de luz, o crepúsculo dourado das tardes, fazem d'esta estância, a hydropole typica incomparável para os que procuram repouso (PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA, s/d., grifos do autor)

O clima, a vegetação e a paisagem seriam responsáveis por transmitir uma espécie de calma e tranquilidade, pressuposto ao tratamento com as águas. A concepção de que os refúgios em meio à natureza eram locais moralmente mais benéficos que a cidade (THOMAS, 1996) passava já pela necessidade de transportar os viajantes para um novo espaço e tempo, diferentes do mundo urbano precedente, e necessário para o bom andamento do tratamento com as águas termais:

> O esplendor da natureza d'estes sítios montanhosos, os horizontes largos, a estrema riqueza da vegetação, as manhãs extraordinariamente lindas de eterna primavera, o ambiente calmo, têm influência enorme sobre o espírito e moral dos doentes e todos aquelles que vêm à procura de repouso, esgotados pelo excesso de trabalho. (PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA, s/d.)

A natureza como remédio aos males da vida urbana exigia um tempo e espaço de distanciamento e retiro à natureza. A indicação às montanhas ou às praias tinha como objetivo contrastar com a vida urbana, com seu esfalfante ritmo e as fatigantes necessidades cotidianas. A natureza tornar-se-ia então um repositor de forças, um espaço e tempo necessários na vida para a retomada das energias perdidas:

> Porque, antes de mais nada, cumpre encarar o valor hygienico do turismo interno. Não é por mêro prazer que se deve ir repousar numa praia ou na altitude, durante algumas semanas cada anno: mas sim pela necessidade que o organismo têm dessas pausas periódicas de actividade, dessas mudanças de ambiente physico e climático, propiciadoras de uma verdadeira renovação de energias (RIZZO, 1937, p.12).

A viagem rumo à natureza, em busca de um contato com seus elementos e a respectiva regeneração proporcionada por eles exigia também uma nova postura dos visitantes. Era preciso abandonar a forma luxuosa e frívola de viver na cidade, e estabelecer, na estadia, um modo de vida regrado, com roupas simples e confortáveis, aliado ao trabalho manual, o contato com a terra. Era preciso mudar de hábitos para que a natureza verdadeiramente operasse uma mudança na vida daqueles que a procuravam:

> Um nada – uma simples viagem; a alteração na actividade de pensar; o desdobramento da perspectiva de uma nova paisagem; o trabalho do campo que seduz e alegra; as aldeias que avistamos ao longo da estrada; os golpes de vista intermittentes aqui e acolá, fazendo realçar a nossa grandeza, o futuro da pátria; as cascatas a se despenharem do alto de nossas serras; o percurso por chapadões intérminos a se perderem no horizonte; são uma therapeutica convidativa para os sedentos de calma, para os que se sentem esteolar no ambiente envenenado da cidade (REZENDE, 1920, p.19)

O excesso de trabalho, apontado pelos médicos como um dos principais fatores do esgotamento e da fadiga, encontrava seu contraponto em meio à natureza. A viagem, por si só, deveria afastar os moradores da cidade dos ritmos urbanos, e oferecer uma nova forma de organizar o tempo, regida pela natureza (RAUCH, 2001). Estas foram as principais indicações das viagens de férias oferecidas aos trabalhadores já na Europa do século XIX (RAUCH, 2001), e não deixavam de ser as principais preocupações daqueles que indicavam as estâncias hidrominerais como destinos em meio à natureza também no Brasil:

> O explendor da natureza daquelles sítios montanhosos, os largos horizontes, a extrema riqueza da vegetação, as manhãs lindas de eterna primavera, o ambiente calmo, têm influência enorme sobre o espírito e o moral dos doentes e de todos aquelles que vêm á procura de repouso e esgotados pelo excesso de trabalho, alli ressurgem maravilhosamente bem (A COMARCA, 1935).

As estâncias hidrominerais eram diretamente associadas, por este discurso, como a oposição ao mundo do trabalho, e tidas como o destino ideal para aqueles que precisavam tirar um período de descanso e férias. As férias remuneradas contavam com trinta dias corridos, de acordo com a legislação nacional; logo, os vinte e um dias popularmente necessários às curas termais se encaixariam adequadamente dentro deste tempo. Além do mais, com climas pouco variáveis e uma média pluvial que não se alterava muito ao longo do ano, qualquer período poderia ser escolhido pelos trabalhadores para que as curas ao esfalfamento urbano fossem feitas nestas cidades.

Entretanto, para o verdadeiro aproveitamento destes destinos em meio à natureza era preciso desfazer-se de todos os apetrechos mundanos, restando apenas aquilo que fosse estritamente necessário às viagens: nada de excesso, roupas com muito pano, diversos calçados ou roupas de baile. Uma vida despreocupada, livre dos vícios da cidade era aquela desejada para as estâncias:

> A vida despreoccupada do luxo das capitaes, a todos traz um bem estar indiscriptivel e muito especialmente áquelles que o arrastam com difficuldades.[...]. São recommendaveis as vestes frouxas, simples e leves, os esports principalmente a natação, a equitação, o remo e a mecanotherapia. Os passeios pelos campos e pelas mattas e os benéficos effeitos do sol, fortalecem o corpo e o espírito. Trazem o bom appetite, o consequente augmento de peso e proporcionam um somno tranquillo e reparador, muito contribuindo para o bom êxito de uma cura crenotherpica. São esses os principaes factores, capazes de auxiliar os effeitos das águas, especialmente aos habitantes das grandes cidades. (GUIMARAES, 1923, p. 68).

Os curistas deveriam abandonar aquilo que remetia à vida urbana em favor de um alinhamento com os elementos naturais. Aqueles que não se sujeitavam a este novo modo de viver recebiam diversas críticas dos médicos difusores deste tratamento:

> Alguns procuram-nas todos os annos, como esporte, sem um conselho médico, não prevendo o mal que isso lhes pode acarretar. As senhoras, em particular, quando pensam em partir para uma estância de cura, o seu primeiro cuidado é dar um balanço em seu guarda-roupa. Para lá vão com a preoccupação do luxo, das festas, dos bailes e até do pernicioso jogo. Carregam-se de custosas joias e de ricos vestidos, mais próprios aos actos solemnes de uma capital. Isso, além de impróprio e quase ridículo, é contraproducente, quando pretendam algum benefício em favor da saúde (GUIMARÃES, 1923, p. 68).

Os divertimentos mundanos, como os jogos, cassinos, festas noturnas, iam de encontro às prescrições médicas e, por consequência, às curas prometidas e mesmo desejadas nestes locais. Entretanto, de nada adiantava estas críticas aos curistas e turistas se a própria rede hoteleira dos locais se incumbia de promover tais práticas. Embora o poderio médico sobre as estâncias e suas práticas fosse grande, a rede hoteleira, uma das maiores forças econômicas locais, visava acima de tudo o lucro e o aumento de frequentadores. Logo, eles não hesitavam em promover festas e outras atividades noturnas que eram contraindicadas pelos médicos.

As advertências e críticas vindas dos médicos contra esta prática dos hoteleiros evidenciava a contrariedade destes com relação às práticas mundanas oferecidas nos hotéis aos hóspedes:

> Há, em todas as estações de águas, na época presente, algo que parece mais desagradável ainda. É a preoccupação que assaltou aos hoteleiros, de imporem aos hospedes, initerruptos divertimentos, na convicção de que assim augmentam a clientella, e consolidam o renome das suas casas. E o resultado disso logo se imagina qual seja: os hotéis vivem num reboliço e num tumulto permantentes, e convertem-se em outros tantos Casinos, fazendo competição desleal aos estabelecimentos que têm legitimamente essa finalidade recreativa, e fugindo a mais importante das que lhes pertencem – proporcionar todo o descanço a quem muito necessita delle. (ESTAÇÕES DE FADIGA, 1938).

O próprio modo de viver nas estâncias deveria estar alinhado a esta busca por coisas simples, ligadas à natureza e distantes da vida urbana. Os ritmos da estadia, em geral propostos pelos médicos, seguiam uma sequência de respeito às necessidades e as horas ditadas pelo próprio corpo, considerando as horas de sono dos curistas, o período da manhã antes do desjejum que deveria ser destinado à ingestão das águas, os trajetos em meio à natureza que deveriam ser feitos para fazer "passear" a água. Os deveres vitais durante a estadia eram visivelmente marcados por um encontro amigável entre as obrigações médicas e o ritmo do corpo, com uma vida que se queria natural e distante dos mais variados afazeres que a vida urbana oferecia:

> Experimentamos este forte sentimento logo após nossa chegada, ao depararmos a animação que desde as primeiras horas matinaes ali se nota: os doentes se movimentam para alcançar as fontes do "elixir da vida", sorver, a longos tragos, a milagrosa água que, na sua linda cor anelada, cantante, fluente e impetuosa, jorra as suas golfadas de saúde, de esperanças do retorno á vida, vidas que são tantas outras esperanças de porvir feliz! (LINDOYA, A ESTAÇÃO CLIMÁTICA...,1935)

Desde a manhã, já se notava um diferente ritmo daquele vivido nas cidades. A intensidade das horas urbanas, com seus afazeres que ultrapassavam os limites do dia, dava lugar a uma "animação" ocasionada pelo novo ritmo e novos ritos da estadia, pelo cotidiano pautado pelos médicos. A sequência do dia, mediada pelas fontes de águas e os horários exatos em que os pacientes deveriam sorver os goles d'água, se seguia com este sentimento acompanhante, aliado a uma esperança de cura. A felicidade era um sentimento associado à vida em contato com a natureza.

Um dos principais exercícios recomendados pelos médicos era a caminhada, a excursão a algum ponto nas montanhas ou em contato com a natureza. A aliança entre os exercícios físicos e a cura pelas águas era frequente, principalmente os exercícios fisioterápicos. Logo, as caminhadas e excursões se faziam presente nas prescrições médicas e

faziam parte também do uso do tempo livre dos curistas, enquanto não estavam em tratamento. De acordo com o jornal "A Comarca" (30/05/1935), o encantador arredor das Thermas de Lindoia, com sua vegetação exuberante, suas paisagens singelas do campo, que remetiam a um ar sertanejo, eram convites irrecusáveis aos passeios dos curistas, que se deixavam levar através das trilhas e caminhos em meio à paisagem exuberante.

Em Serra Negra as atrações para tal prática também não deixavam por menos: o Parque Caruso, com sua represa e lago artificial, a Cascata das Antas, a Fonte dos Amores, a Fazenda do Rumo, com seus passeios oferecidos pelo campo, além das pequenas cachoeiras e cascatas na sequência do Rio do Peixe (TEMPORADA..., 1947).

No trecho "Os mandamentos do Aquático" (RIZZO, 1937), que prescrevia algumas regras com relação à boa utilização das estações hidrominerais, os exercícios aparecem como condição necessária ao bom andamento do tratamento dos curistas, aliados à natureza das estâncias. Além disso, esta natureza exuberante fazia das Thermas de Lindoia o local ideal para a cura e o repouso daqueles que buscavam tais benefícios durante as férias:

> 9º - Que Lindoya, coroada de verdes montanhas, radiosa pelo ouro de seu sol, esplendida pela formosura incomparável de sua natureza privilegiada, pelo seu clima de altitude, que se caracteriza pela intensidade de seus raios solares e pureza do ar seco, famosa pelas suas maravilhosas águas, é a estação ideal de **cura** e **repouso** que substitue com extraordinárias vantagens qualquer estação nacional ou estrangeira. (RIZZO, 1937, p. 12, grifos do autor)

As excursões com carros e outros meios de transporte também faziam parte do cotidiano das estâncias. Localidades como o Morro Pelado, a Ilha dos Amores e outros bosques e parques que rodeavam estas duas cidades apareciam nas propagandas das excursões que poderiam ser feitas. As atividades a serem realizadas nestes locais variavam desde as caminhadas e exploração das trilhas até piqueniques com as famílias e crianças. Além disso, tais localidades eram indicadas também por possuírem ar puro, com clima agradável de montanha, o que tornava ainda maiores os benefícios destas excursões. (THERMAS DE LINDOIA, s/d).

Uma famosa excursão que passava pelas estâncias aqui estudadas era chamada de "Circuito das Estações de Águas", promovida pelo Touring Club do Brasil. O dr. Américo R. Netto (1934, p. 62) descreveu esta excursão:

> O typo clássico de tal contribuição [ao turismo] é a excursão conhecida pelo nome de "Circuito das Estações das Águas", e cujo percurso, de 1200 kilômetros em automóvel, constitue uma série de visitas as estâncias que se escalonam pela região sul-mineira e pela região paulosta que lhe é fronteiriça. Numa só viagem o turista conhece e aprecia essas estâncias que, pelo simples facto de recebel-os e festejal-os, recebem uma série de benefícios directos e immediatos, ligados á sua própria passagem e estadia.

De acordo com o jornal "Correio de São Paulo"[22], este circuito se iniciava em Serra Negra, passava por estâncias mineiras como Poços de Caldas e Caxambu e terminava com a volta à São Paulo. Esta excursão, promovida por uma das entidades que mais se ocupou de divulgar as estâncias hidrominerais, tinha como objetivo encher os olhos dos participantes com a natureza que perpassava o caminho. Além de movimentar a economia local, por cada cidade que passava e fazia acampamento, a excursão servia também para motivar tais turistas a voltarem outras vezes e conhecerem mais de perto as estâncias que os agradaram.

Por fim, um último aspecto a ser explorado neste subitem era a proximidade de Francisco Tozzi, o primeiro dono das Thermas de Lindoia, com o campo e as plantações.

[22]Correio de São Paulo, nº736, anno II, 26-10-1934

Fig. 18 Foto de Francisco Tozzi com produtos de seu pomar, utilizada em propaganda da estância (s/d). FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi

De acordo com Miriam Tozzi (1987), Francisco Tozzi sempre manteve um bom relacionamento com os trabalhos na terra. Um de seus maiores passatempos era plantar frutas, cuidar dos jardins e pomares, cujas frutas, muito bem cuidadas, constantemente recebiam premiações em feiras agrícolas, pela beleza e tamanho. Esta associação de Tozzi com as frutas e com o trabalho do campo foi utilizada como propaganda da estância, dando à cidade um ar ainda mais "natural". As propagandas da estância passaram a contar com fotos do proprietário cuidando de seus jardins e pomares, com a promessa de que estes alimentos fariam parte da mesa dos hotéis locais, tornando ainda melhor a dieta fornecida pelos estabelecimentos.

Após uma visita às Thermas de Lindoia[23], Mario de Andrade escreve uma crônica em que explicita o contraste dos sentimentos vividos nesta cidade, voltados aos ares de ruralidade, com aquilo que era experimentado em outras estâncias hidrominerais. Assim escreve o autor:

> Um sabor forte, sabiamente conservado de ruralidade, faz de Lindoya as únicas termas fazendeiras que existem no mundo. Há, no entremeio urbano dos hotéis, um gosto de roça, uma paisagem de mato que disfarça bem a civilização. É um balneário sem nenhuma das violências atormentadoras dos balneários, sem esporte de competição, sem ultima moda, sem jogatina, é proibido o alcool. (ANDRADE, apud RIZZO, 1937, p. 29)
> .

Este aspecto só reforçava os ares de "cidade natureza" que Lindoya queria para si, assim como Serra Negra, que já havia recebido tal título das mãos do presidente do país. A associação entre o clima, a vegetação e os tratamentos realizados com as águas termais colocaram tais estâncias como precursoras de um turismo em direção à natureza neste período.

Cabia a seus representantes manter esta marca característica, atrelada a uma alegria pueril, a um modo de vida singelo e sem luxos, aos ritmos da natureza e à contemplação, ou transformar tais cidades em polos turísticos permeados pelos divertimentos, tal qual vinha acontecendo com outras estâncias na época. Ambas possibilidades possuíam benefícios e prejuízos no que dizia respeito ao número de visitantes e à fama, e o caminho

[23] O texto utilizado aqui foi extraído da publicação do médico Vicente Rizzo, Clima de Altitude (1937). No livro, a crônica de Mário de Andrade é trazida na íntegra.

percorrido dependia deveras do posicionamento daqueles que articulavam economia e cura nestas cidades: os médicos.

No próximo item, trataremos então da evidente encruzilhada em relação aos divertimentos em que os médicos de tais estâncias estavam neste período áureo de visitação, em que a cura, a regeneração do corpo e, claro, os divertimentos, estavam presentes na busca dos curistas e turistas que a estes locais se destinavam.

Fig. 19 Franciso Tozzi em meio a seu pomar (s/d). FONTE: Acervo Pessoal Mirian Maria Tozzi

5.3 OS DIVERTIMENTOS

Os divertimentos compõem a última analise a ser feita a respeito das práticas e prescrições realizadas nas estâncias hidrominerais aqui pesquisadas. Estas práticas faziam parte de uma encruzilhada moral para os médicos responsáveis pelas estâncias: ao mesmo tempo em que os divertimentos mundanos comprovadamente "atrapalhavam" o tratamento e, portanto, deveriam ser proibidos, outras estâncias próximas faziam fama e dinheiro com cassinos, bailes e jazz-bands, e tornavam-se famosas Brasil afora por conta destes aspectos. Como conciliar o tratamento com os divertimentos, para que as estâncias não perdessem seu principal atributo, quer seja, o de serem um hiato de calmaria e saúde em meio à natureza, e ao mesmo tempo atrair mais turistas para estas localidades?

Esta questão dividia a própria categoria médica. O afluxo de turistas em Poços de Caldas, vizinha das estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia, só aumentava durante a década de 1930 (MEDEIROS, 2012), em grande parte por conta dos cassinos e da vida noturna agitada que lá acontecia. Neste cálculo, as estâncias paulistas perdiam em afluxo de turistas e visitantes, que optavam pelas noites poços caldenses. Sobre este assunto, escreveu o dr. Humberto Tozzi um comunicado à indústria hoteleira da cidade, que era preciso aumentar os atrativos da cidade, pois:

> [...] só assim poderemos justificar o número fabuloso de turistas e aquistas que procuram estar em Termas de Lindoya, para cura e repouso; pois os mesmos se queixam pela falta de atrativos para sua permanência nesta estância (TOZZI, 1952).

A questão preocupava os médicos das cidades, já que a possibilidade de perder turistas para outras estâncias poderia agravar um declínio que o termalismo já sentia no final da década de 1930. Entretanto, as diretrizes da estância de Lindoia, enquanto Francisco Tozzi era vivo, eram bem claras: os divertimentos mundanos, em especial os cassinos, deveriam passar longe de sua estância, que se destinava exclusivamente às curas através das águas termais (CAMPOS E SILVA, 2005).

Na tentativa de solucionar este impasse entre o oferecido e o desejado pelos turistas, os médicos tentavam ser os responsáveis pelos divertimentos disponíveis na cidade; divertimentos este que, claro, caberiam no receituário médico: sem excessos, sem bebidas

alcoólicas, que acabassem cedo e permitissem que os curistas pudessem aproveitar os benefícios naturais das estâncias.

O dr. Manoel dos Santos Brandão, em apresentação ao Congresso de Hidroclimatismo, sugeria os divertimentos que cada grupo social deveria usufruir nas estâncias hidrominerais:

> a) Para o operário: exercícios físicos metódicos e cultivadas as diversões instrutivas e artísticas que nos centros adiantados eles de longe ou raramente, têm ocasião de se relacionarem, em virtude mesmo de sua atividade no trabalho. [...]
> b) Para o intelectual: diversões que farão descansar o cérebro exausto e satisfazer o espírito. Diversões que estejam em nível cultural mais elevado: teatro, musica, leituras amenas, cinema, horas artísticas.
> c) Para a creança: jogos infantis, recreações esportivas, leves de maneira a dar ao organismo infantil uma educação ativa que seja um prolongamento daquela que vem sofrendo na escola, mas de aspecto diverso. (BRANDÃO, 1937, p. 45).

Em Águas de Lindoia, o doutor Francisco Tozzi se incumbia de promover festas, piqueniques, bailes e outras diversões para seus hóspedes, na tentativa de suprir esta ausência de divertimentos na cidade (TOZZI, s/d). Já em Serra Negra, os divertimentos se guiavam para o restabelecimento das energias, com as atrações em meio à natureza sendo divulgadas como os principais divertimentos possíveis na cidade (TEMPORADA...,1947).

É visível, a partir destes fatos, o impasse que esta temática gerava dentro destas estâncias. Ao mesmo tempo em que os divertimentos eram necessários, já que os curistas e principalmente os turistas em período de férias procuravam por este elemento em sua estadia, qualquer excesso em relação a esta temática iria de encontro às prescrições médicas, tão minuciosamente harmonizadas com o dia a dia dos hóspedes nas estâncias. A própria literatura médica emanava esta falta de acordo a respeito do tema.

Logo, falar dos divertimentos nestas cidades é falar, antes de tudo, da postura rígida dos médicos contra determinadas práticas frívolas e mundanas. Qualquer elemento que quebrasse a aura natural, que contrariasse a pureza que emanava do clima e a harmonia do encontro dos doentes com as águas seria de antemão banido do cotidiano nestas estâncias.

A morbidez, o esfalfamento trazido do meio urbano, que tanto deveriam ser combatidos nestas estâncias, acompanhavam os divertimentos não permitidos ali, sendo assim a justificativa para esta exclusão: “Os jogos de azar, os bailes prolongados, as noites mal dormidas e toda a inobservância dos preceitos da vida metódica, condicionam o não aproveitamento da cura de clima e cria novos estados mórbidos” (BRANDÃO, 1937, p. 45).

Logo, este era o ponto que diferenciava Lindoia e Serra Negra das demais estâncias, e, por esta vertente é que os médicos gostariam que estas cidades fossem conhecidas. A calma, a quietude que reinavam nestas cidades contrastavam com a atmosfera de outras estâncias, que promoviam os jogos de azar e o bulício (A COMARCA, 1935).

No conto "Bom dia, Lindoya", Mario de Andrade relata uma experiência na cidade, esta que chama sua atenção por diferenciar-se das outras estâncias que o autor conhecia, e valorizar mais o sossego e a regeneração do que os divertimentos mundanos. O dia, margeado pelas indicações médicas e pelo sorver das águas não oferecia fuga à receita médica: todas as atividades oferecidas na estância seguiam exatamente as prescrições e indicações para seu bom aproveitamento. O período noturno, após a última refeição do dia é que permitia uma margem para experimentar outros divertimentos na cidade. Entretanto, podemos notar com o relato de Mario de Andrade, que os divertimentos vivenciados nesta estância não ficavam muito distantes daquilo que era indicado e prescrito pelo receituário:

> Depois do jantar é o momento deliciosíssimo do footing na rodovia. Busca-se o poente que, contornado um lombo mais rotundo do morro, mostra de sopetão seu fogo-de-artifício sempre inédito. Hora perfeita de conversar viagens, literatura e vaidades; hora de política, de Bolsa, hora de anedotas suculentas; hora humaníssima de mentir aos poucos e comentar sem mal o ridículo alheio; hora enfim de recencear a saúde nova colhida durante o dia no azul da agua, e principiar o amor.[...] (ANDRADE apud RIZZO, 1937, p. 29)

Até mesmo as danças e bailes, em geral grandes atrativos das estâncias hidrominerais do período, tinham pouca força nestas cidades. De acordo com o autor, o lugar das danças era pequeno no cotidiano dos visitantes, que preferiam dar lugar a outras atividades e dormirem cedo, para aproveitarem mais a manhã seguinte, primordial no tratamento com as águas:

> Dansa-se pouco em Lindoya, ao som dum quasi-jazz bem ritmador. Dansa-se pouco. Muitos preferem ficar no passeio do ar-livre, na frente do hotel espiando a hora da lua. As vinte-e-uma horas há uma fuga rápida até os salões de comer, por causa do chá. E a volta dispersa mais todos, porque o tempo do sono chegou. (ANDRADE apud RIZZO, 1937, p. 29).

Entretanto, para além das prescrições médicas e dos divertimentos que seguiam tais prescrições à risca, existiam as apropriações feitas tanto pelos turistas quanto pelos comerciantes dos ditames a respeito dos divertimentos. Nos meandros das recomendações, havia hiatos em que os visitantes se apoiavam com a finalidade de aproveitar mais o período de estadia nestas cidades. Principalmente no que diz respeito à vida noturna, as regras não

eram seguidas à risca, e outras formas de divertimentos, distantes do convívio no saguão dos hotéis ou nas mesas de jantares eram praticadas pelos que nestas cidades se hospedavam.

Dentre as possibilidades de divertimentos existentes em Lindoia, os salões de festas dos hotéis, a jazz-band e os esportes se faziam presentes (JORNAL DO ESTADO, 1933). Já em Serra Negra os hotéis dominavam as possibilidades de divertimento, com salões de dança, cassino, bar americano, mesas de bilhar, playground para as crianças (ALMEIDA, 1943), além de um Cine Teatro, que funcionava também como casa de shows para bandas e espetáculo de dança (TEMPORADA..., 1947). A jazz-band da cidade de Serra Negra era muito famosa na região, e suas apresentações no coreto da praça central atraiam muitas pessoas. A respeito da banda, dizia-se que era uma "Optima philarmonica, com 22 figuras, sob a competente regência do Sr. Maestro Antônio Bernardi, que amenisa os domingos Serra Negrenses" (CALDEIRA, 1935, p. 186).

Fig. 20 Jazz-band de serra negra (1935). FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

Os bailes, realizados principalmente nos saguões dos hotéis, atraiam um grande número de participantes, e se tornavam já tradicionais nestas cidades. É preciso notar que este tipo de divertimento imperou muito mais após a morte dos médicos pioneiros das cidades, como a morte de Francisco Tozzi em 1938. Após a primeira geração de médicos, que prezavam muito mais pelas questões da saúde dos visitantes e da comprovação da cientificidade das águas, outras preocupações tornaram-se mais relevantes, como o conforto e bem-estar dos turistas. Houve um abrandamento nas proibições, como veremos a seguir a respeito dos cassinos. Ambas cidades continuaram voltadas às curas e regenerações como

principais produtos oferecidos, mas pouco a pouco os divertimentos foram tomando lugar no cotidiano dos turistas.

Fig. 21 Baile do Havaí no Serra Negra Hotel, 1947. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

Além dos divertimentos proporcionados exclusivamente aos turistas e curistas, que tinham vez principalmente na época de maior procura das estações, existiam aqueles que faziam parte do cotidiano da cidade, como divertimentos da própria população que atraíam também o público de fora. Os memorialistas relatam que, na época de 1930 e 1940, diversos festejos religiosos, procissões e missas eram realizados na cidade e contavam com um grande contingente de pessoas. Inclusive, o hábito de ouvir a jazz-band de Serra Negra tocar no coreto da praça central surgiu com os católicos que ficavam na praça após a missa aproveitando as músicas da banda (FELIX, 2012).

As piscinas do Radio Hotel e das Termas de Lindoia eram uma possibilidade a parte nos divertimentos dos visitantes. Criadas para o maior aproveitamento do tratamento com as águas minerais e potencialização das curas, elas serviam também aos divertimentos dos frequentadores, possibilitando inúmeras práticas corporais.

Fig. 22 Piscina do Radio Hotel, s/d. FONTE:Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme.

A piscina das Termas de Lindoia era famosa não só no estado de São Paulo como também em diversos lugares do Brasil, por ser, à época, uma das maiores piscinas existentes no país. Ela era assim descrita:

> Vasta piscina de água thermal corrente, fornecida pela fonte, situada no meio de elegante parque, esta piscina é uma das mais bellas e luxuosas installações no seu gênero, mede 18x25 com capacidade de 700 mil litros, tornando-se assim uma das maiores piscinas da América do Sul (ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOIA, s/d).

Sua primeira utilização era para fornecer banhos complementares aos curistas em tratamento, já que a água da piscina vinha diretamente das fontes termais e era trocada a cada 24 horas. Este uso ajudava a estância a aliviar o uso das duchas dos banheiros, que ficavam lotadas nos períodos de grande procura da estação termal. A piscina contava ainda com um segundo uso indicado pelos médicos: os banhos de sol. A helioterapia era um agente complementar à cura através das águas, indicado e recomendado nas receitas médicas. Esta ação complementar do sol era aproveitada à beira das piscinas, nas tardes livres que os curistas obtinham no tratamento (BOURROUL, 1929).

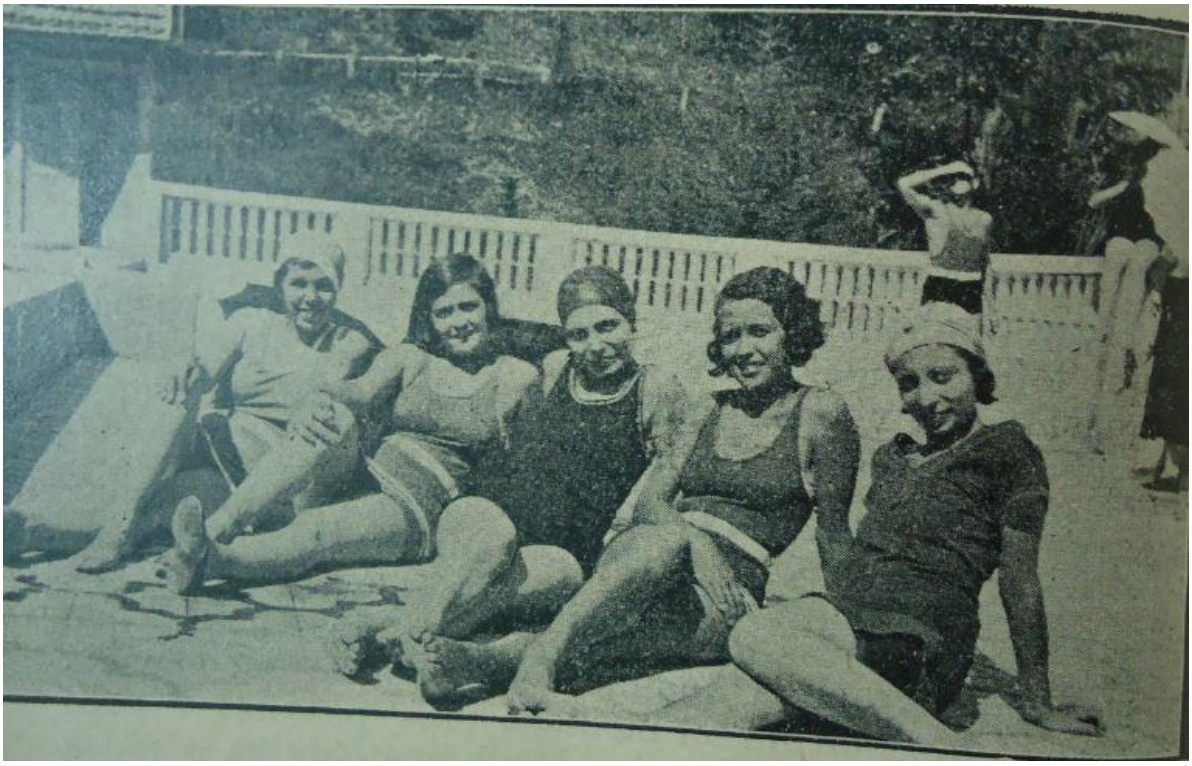


Fig. 23 Piscina das Thermas de Lindoya e banhistas realizando hidroterapia no "Solarium" FONTE: RIZZO, 1937.

O tratamento prescrevia ainda uma outra forma de utilizar as piscinas: através da natação, esporte divulgado como benéfico à saúde e auxiliar das curas:

> A propósito do emprego dos banhos em piscina – criação balneária ideal – são accordes todos os especialistas em procamal-o como vigorosa contribuição ao sucesso da cura, ainda mais quando seja possível o sport da natação e é o caso de Lindoya – provocando um exercício physico sobremodo salutar, principalmente se um pouco prolongado (ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOYA, s/d)

Não foi descrito, nas fontes aqui pesquisadas, nenhum período ideal para a prática da natação enquanto esporte, tampouco a reserva de raias para esta prática específica. Cabe questionar se a prática descrita e promovida aqui era de fato a natação ou o nado, o movimentar-se dentro d´água, o que por si só também caberia aos intentos médicos.

Os divertimentos na piscina, as brincadeiras entre crianças ou adultos, o tempo de não fazer nada boiando sobre a água, o nado em geral não foi descrito como uma das possibilidades de usufruto da piscina pelos ditames médicos. Entretanto, através das fotografias podemos observar que a piscina era um dos locais de maior divertimento dos visitantes das Termas, que o reinventavam em favor de seu próprio uso, não considerando,

muitas vezes, os pedidos e indicações dos médicos. Os divertimentos se faziam ali presentes e subvertiam as indicações médicas do "correto" uso das piscinas.

Os esportes também eram indicados como divertimentos adequados nestas cidades. A ginástica através dos alongamentos e da mecanoterapia, somada às massagens e à fisioterapia, era praticada e indicada como auxiliar do tratamento médico, sendo oferecida dentro das Termas de Lindoia como um dos serviços básicos locais. (BOURROUL, 1929).

Em propaganda das Termas, os esportes eram vistos como uma das principais atrações da estância, principalmente a natação, praticada na piscina que por seu tamanho e profundidade já agradava aos olhares dos visitantes; a equitação e a ginástica. Em item separado aparecia o tênis e sua quadra, com a legenda: "Bom "court" de tennis, organisado com a observância das regras do fidalgo Sport, proporciona aos hospedes das "Thermas" um entretenimento saudável e útil" (ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOIA, s/d)

Os esportes agradavam tanto ao público que visitava a estância, que ganhavam um aliado a mais na difícil tarefa de passar o tempo em observância ao tratamento, e agradavam também aos médicos, que os recomendavam sem contraindicações nas práticas das estâncias hidrominerais:

> Diversões esportivas que sejam lenitivos para aqueles que mais usam o cérebro como arma de combate na luta pela vida, como poderão ser o camping, o excursionismo, a caça, a pesca, a peteca, o tênis, a natação, a dansa e outros esportes que se coadunam com a idade, o desenvolvimento físico, o hábito esportivo, etc. de cada organismo em particular. (BRANDÃO, 1937, p. 45)

Além dos esportes praticados no cotidiano das estâncias, alguns festivais esportivos ocorriam em determinados períodos e agitavam a vida local. Foi assim com a competição de corrida de motocicletas e com o passeio de bicicletas, que tiveram lugar na estância de Serra Negra na década de 1940. Embora sem muitas informações adicionais, já que não constam em jornais e nem nos relatos dos memorialistas, é possível notar, através das fotografias, que tais eventos atraiam inúmeros observadores e também participantes, o que mobilizava a cidade em favor dos esportes que aconteciam naquelas datas.

Fig. 24 Passeio de bicicletas pelas ruas de Serra Negra. [1940 – 1949]. FONTE:Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

Fig. 25 Competição de motocicletas nas ruas de Serra Negra. [1940 – 1949]. FONTE: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

Por fim, o último divertimento a ser tratado aqui é também o mais polêmico deles: os cassinos. De acordo com Campos e Silva (2005), o dr. Francisco Tozzi sempre foi contrário à instalação de cassinos nas Termas de Lindoia, mesmo sabendo dos retornos financeiros que estes estabelecimentos geravam às demais estâncias que se rendiam ao jogo.

Porém, como já relatado no início deste subitem, as regras rígidas a respeito dos divertimentos foram pouco a pouco sendo afrouxadas após a morte de Tozzi. O lucro trazido por este tipo de estabelecimento, aliado a uma necessidade de aumentar o número de visitantes na estância permitiram que algumas brechas fossem abertas para a instalação deste tipo de estabelecimento.

No "Album de Serra Negra" (CALDEIRA, 1935), na parte destinada a contar a história de Francisco Tozzi e das Termas de Lindoia, há uma página de propaganda do "Casino Familiar". De acordo com a propaganda, o dono do Cassino era Orestes Mantovani, que, na época, já estava à frente do negócio há sete anos. Se notarmos, a data de inauguração do cassino antecede o início da década de 1930, o que mostra que o cassino existia já enquanto Tozzi estava vivo, tornando sua afirmação contestável.

Ainda na propaganda, o cassino é descrito como possuidor de um andar térreo, onde se localizava o estoque de bebidas alcoólicas, artigos para fumantes, sala de bilhares, salão de barbeiro e cabeleireiro. E, no pavilhão superior funcionava o Cassino, onde ocorria o jogo propriamente dito.

A proibição do jogo nas Termas deveria gerar certa repulsa à instalação do cassino, e sua inauguração não deve ter sido sem opositores tampouco sem controvérsias. Logo, uma certa moralidade, que acompanhava os divertimentos da cidade, deveria acompanhar também a presença de um cassino local; era preciso transformar este local, tão associado aos divertimentos mundanos, em um centro de diversões que tivesse aspecto familiar, tão somente para a diversão e passatempo daqueles que se hospedavam em Lindoia. Assim, a propaganda se segue apontando a rigidez dos modos e da moralidade locais: "Casa em que predomina a mais rigorosa moralidade, é o centro para onde convergem nas horas de descanço as mais distinctas famílias que buscas as Thermas de Lindoya para cura ou simples repouso". (CALDEIRA, 1935, p. 46). Por fim, o nome completo do dono do estabelecimento, seu endereço, filhos e esposa são mencionados, conferindo, certamente, a hombridade com que o negócio era tocado.

De acordo com Campos e Silva (2005), no início da década de 1940 outro cassino teria funcionado no Lindoia Hotel, comandado por Alberto Quatrini Bianchi, um magnata dos jogos de azar no país.

Em Serra Negra também figurou um cassino na década de 1940, situado no interior do Grande Hotel Serra Negra (ALMEIDA, 1943). O cassino figurava como um dos principais atrativos do hotel, na tentativa de confrontar com a piscina do Radio Hotel, seu maior concorrente local. O memorialista Nelson Dallari (1966) afirmou em seu trabalho que este cassino fora fechado em 1942, com a proibição do jogo por parte do Governo Federal. Campos e Silva (2005) afirma que os cassinos lindoienses foram fechados com o decreto governamental de Eurico Gaspar Dutra, que proibiu os jogos de azar em toda a extensão nacional em 1946.

Esta proibição alterou em muito o panorama de estâncias que davam ao jogo um lugar privilegiado nas relações de divertimento dos turistas e curistas. Entretanto, a diminuição na visitação das estâncias de Lindoia e Serra Negra não pode ser associada a isto. Este declínio pode ser associado muito mais à diminuição nas pesquisas a respeito das águas e um aumento na produção de medicamentos alopáticos (MARRICHI, 2015), a busca pelo mar e o aumento na visitação do litoral ou mesmo um declínio na "moda" das estâncias termais (MARRAS, 2004).

5.4 EDUCAÇÃO DO CORPO E AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS: DA CURA AO DIVERTIMENTO, MÚLTIPLAS FACETAS DOS DITAMES MÉDICOS

Após este diálogo com as fontes a respeito daquilo que denominamos educação do corpo nas estâncias hidrominerais, algumas questões ficam claras e outras ainda permanecem em busca de respostas. Ao tratarmos desta educação do corpo, mediante os três elementos aqui eleitos - curas, regenerações e divertimentos -percebemos que as indicações médicas procuravam dar conta de todas elas: cuidar do curista desde o momento em que ele chegava à estância, sua hospedagem, suas malas, a ingestão das águas, o contato com a natureza, quais os divertimentos possíveis dentro do receituário.

Com relação às curas, consideramo-las como a principal faceta de uma determinada educação do corpo nestas estâncias, dada a prioridade com que eram tratadas nos

relatos médicos e propagandas. Baseadas nas análises científicas das águas, que conferiam certa notoriedade às publicações e receitas, as ações voltadas ao curismo estampavam a primeira preocupação dos médicos. Suas indicações procuravam definir como e quando usufruir das águas, qual a forma correta de se alimentar, a quantidade ideal de sono e repouso. Ainda, pontuava-se de que forma as mudanças no ambiente auxiliavam os curistas nas curas procuradas nestas cidades.

A regeneração dos corpos através de um contato renovador com a natureza dar-se-ia já durante o percurso da viagem, com o aproveitamento das paisagens do caminho e do ar puro. O clima, a vegetação e os exuberantes panoramas das estâncias auxiliavam os visitantes a se regenerarem frente aos excessos da vida urbana, e permitiriam que os visitantes voltassem curados depois de uma estação. Entretanto, para que saíssem de fato regenerados, os visitantes precisavam se portar de forma diferente da vida na cidade, abandonando os excessos e divertimentos mundanos, e deixando-se levar pelas relações permeadas pela natureza. Os exercícios em meio à vegetação e as excursões eram auxiliares das mudanças desejadas e indicadas pelos médicos.

Por fim, os divertimentos foram tratados no capítulo, apontados como o percalço dos médicos: de um lado, chamarizes de visitantes; de outro, degeneradores da imagem quista para as cidades. Dever-se-ia incentivá-los ou proibi-los?

Em sua maioria, os divertimentos descritos foram associados aos ditames médicos, sem excessos e permitidos dentro do receituário médico emitido a cada curista. As piscinas, banhos de sol e os esportes foram alguns dos divertimentos citados que serviam aos dois intuitos: distração dos visitantes e auxílio aos tratamentos. Porém, embora proibidos em ambas cidades, os cassinos estiveram presentes nas décadas aqui estudadas, sendo um dos elementos de divertimento da população.

A partir dos três eixos aqui citados, foi possível percorrer um panorama dos cuidados, indicações e prescrições aos curistas e turistas que visitaram tais estâncias em seu esplendor, nas décadas de 1930 e 1940. Foi possível também compreender as relações estabelecidas no período que marcaram estas cidades em sua íntima identificação com as águas. Entretanto, seria importante lembrar que desde fins da década de 1930, o movimento termalista vinha perdendo forças e, nos anos de 1940, apresentou um franco declínio em todo o país.

6 ANTES DE CONCLUIR, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS

> As novas práticas do banho e da água no final do século supõem uma total conversão do imaginário das cidades, bem como uma total conversão do imaginário do corpo. Supõem uma profunda redistribuição do espaço também: uma nova maneira de fazer o corpo passar por fluxos que o mantêm, o "reconfortam", seja na intimidade das moradias da elite, seja na funcionalidade dos estabelecimentos para todos.[24](VIGARELLO, 2005, p. 312).

Este trecho, em que Georges Vigarello sintetiza o significado que os banhos passaram a ter no fim do século XIX, na Europa, abre caminho para finalizarmos o percurso das águas neste texto. As águas, que se prestavam aos preceitos higiênicos em sua redescoberta do papel dos banhos na Europa, passam pelo desenvolvimento das estâncias balneárias e os significados sociais a elas atribuídos, terminando em práticas corporais e suas representações nas estâncias de Águas de Lindoia e Serra Negra.

As águas aqui estudadas passaram de elementos de higiene à cura. Foram estudadas, analisadas, medidas e comparadas. A partir destas análises, as águas se ofereceram como uma nova possibilidade econômica às cidades, ocupando o posto de principal produto explorado no lugar do café.

Legislações, implementações arquitetônicas, hotéis, balneários: diversas foram as transformações para que estas cidades se tornassem estâncias hidrominerais, aptas a receberem curistas e turistas de diversas partes do país em busca de suas águas ou apenas de divertimentos. As alterações que se iniciaram já na década de 1910 em Lindoia, com a chegada de Francisco Tozzi, somadas às pesquisas que legitimaram o uso destas águas ao longo dos congressos e publicações nas décadas de 1920 e 1930, transformaram estas cidades já no início da década de 1930 em estâncias conhecidas e divulgadas em diversas partes do país, fazendo com que elas conhecessem seu período áureo.

Nossa pesquisa aqui se insere, assim, procuramos observar os traços da educação do corpo espalhados entre a cura e o divertimento nestas cidades, no período de seu apogeu. As festas, bailes, excursões e, por outro lado, os banhos de sol, o uso das piscinas, a

---

[24] No original: <Les nouvelles pratiques du bain et de l'eau à la fin du siècle supposent une totale conversion de l'imaginaire du corps. Une profonde redistribuition de l'espace aussi: une nouvelle manière de faire traverser le corps par des flux qui l'entretiennent, le « réconfortent » soit dans l'intimité des logements de l'élite, soit dans la fonctionnalité des établissements pour tous.>

hospedagem nos hotéis. Diversos foram os vestígios deixados que, conduzidos no texto, puderam narrar um momento diferenciado de educação dos corpos dos frequentadores destas estâncias.

Entretanto, colocamos como limite desta pesquisa a década de 1940, pois, como apresentam Mourão (1961), Marrichi (2009) e Marras (2004), já nesta década o termalismo apresentava seu declínio, e as estâncias hidrominerais acompanhavam-no com a diminuição na visitação. Dentre os motivos possíveis, listaremos alguns dos que fizeram parte do declínio destas estâncias no fim do período aqui delimitado.

Em primeiro lugar, é preciso acentuar que, como narra Mourão (1961) o esgotamento do curismo já vinha se dando na estância de Poços de Caldas desde a década de 1930. Isto significa que o aumento na visitação desta cidade se deu muito mais pelo viés do turismo do que especificamente voltada às curas das águas. Assim, se as cidades de Serra Negra e Águas de Lindoia queriam ser conhecidas exatamente com relação às curas que suas águas proporcionavam, já na década de 1940 elas experimentaram os ecos desta tendência. Um crescimento imensurável na alopatia, o descobrimento de novas fórmulas químicas de remédios e fármacos impulsionou cada vez mais este mercado, deixando o ramo das curas pelas águas em segundo plano no desenvolvimento tecnológico-científico.

Com o menor investimento nas pesquisas a respeito das curas através das águas, o curismo acaba por dar lugar ao turismo, este que já vinha numa crescente principalmente em cidades que abandonaram sua vocação terapêutica e investiram na chegada dos divertimentos. As cidades aqui estudadas procuraram preservar suas características primordiais, entretanto, como vimos, cassinos e divertimentos fizeram parte do cotidiano das estâncias. Com o tempo, e o fim da novidade e diferenciação que estas estâncias proporcionavam, os turistas deixaram de ser frequentadores destes locais, optando, em sua maioria, pelas praias que cada vez mais se tornavam destinos em voga. As estâncias hidrominerais perdiam o glamour que as cercaram no início, quando ainda eram novidade e importavam este gosto da Europa.

Restavam, às estâncias, seus antigos curistas, que procuravam as águas e sua radiatividade, os banhos e vapores emanados. Com a diminuição do investimento nestes aspectos, os curistas também deixam de frequentar as cidades, estes que seriam e deveriam sempre ter sido os principais destinatários dos investimentos. Desta forma, de uma só vez os turistas abandonaram a visitação a estas cidades e os curistas, que ainda conviviam com as águas e seus benefícios, viam-se preteridos nos quesitos de infraestrutura e investimentos,

apoiando-se cada vez mais em novas e eficazes formas de tratamento distantes das estâncias hidrominerais.

Toda a infraestrutura proporcionada no período áureo e os investimentos feitos deveriam ser aproveitados de alguma forma; se a visitação às estâncias diminuía cada vez mais, outros usos das águas minerais deveriam ser feitos. Em cidades como Poços de Caldas, que possuía águas sulfurosas, um grande deslocamento fora feito para a indústria da beleza com a produção de sabonetes, cremes e loções. Esta industria foi intensificada, principalmente, a partir da ligação entre as águas, a beleza e a estética necessária ao corpo durante uma estadia nesta estância (MARRICHI, 2015). Nas cidades de Águas de Lindoia e Serra Negra dois foram os destinos dos investimentos: o envasamento de água mineral e a indústria de cosméticos.

As águas radioativas de Lindoya começaram a ser envasadas já no período de suas primeiras análises, na década de 1930. Com o passar do tempo, a vocação para exportação das águas cresceu ao mesmo tempo em que a visitação às fontes diminuía. Era uma forma de continuar divulgando as propriedades destas águas mesmo que os curistas não fossem ao encontro das fontes. No ano de 1969, de acordo com Tozzi (1987) a água fornecida por Lindoia foi escolhida para abastecer a Apolo 11, que fez a primeira viagem à lua[25]. Deste período até hoje, multiplicam-se na cidade as empresas que fazem o engarrafamento das águas lindoienses[26].

[25] Ainda hoje, no balneário da cidade, encontra-se exposta a nota fiscal NF no 20.218, emitida em 02 de abril de 1969, pouco tempo antes da chegada do homem à lua. De acordo com o documento exposto, foram embarcadas na espaçonave cem dúzias de garrafas de 500 ml retiradas da fonte Santa Filomena.

[26] Dentre estas empresas citamos: Bioleve, Lindoya, Legitima Lindoia, Genuína.

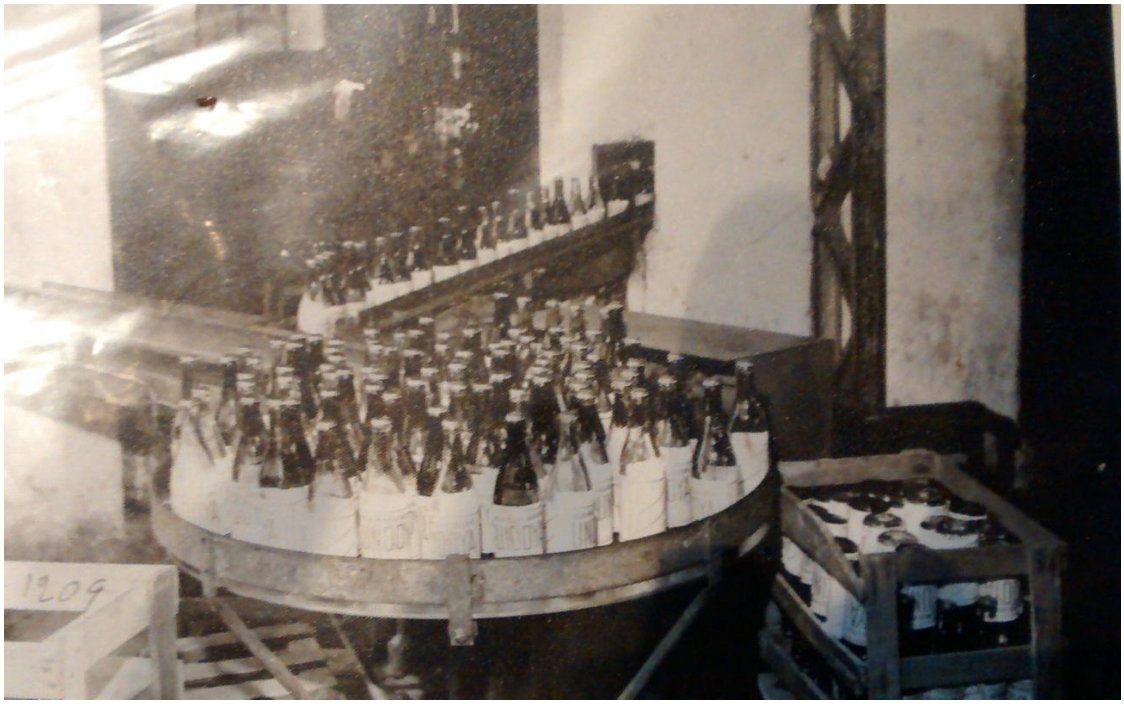


Fig. 26 Foto do engarrafamento de águas em Lindoya. s/d. FONTE: Acervo Pessoal Miriam Maria Tozzi

Já a questão da beleza também se tornara um atrativo econômico, como ocorrido com outras estâncias (MARRICHI, 2015). Humberto Tozzi, em livreto publicado com informações e divulgação da estância, publicação esta posterior à morte de Franscisco Tozzi (ocorrida em 1938), exalta a criação da empresa "Produtos Estância Azul Dr. Tozzi", laboratório que produzia os seguintes itens: sabonete, loção facial, loção para os cabelos, loção para as mãos e pés, creme de pepino, "dama da noite" e shampu. Além dos itens cosméticos listados, o laboratório preparava ainda: Hepatose, para doenças do fígado; Elixir sagrado do Dr. Tozzi, para doenças do intestino; Emoliente Estância Azul, para dermatoses em geral, e outros produtos, sob a responsabilidade do dr. Humberto Tozzi.

A mesma propaganda ressalta que esta guinada na produção de cosméticos fora estimulada pela Mme. Curie em sua visita, no ano de 1926. De acordo com Tozzi, a química aconselhou os responsáveis pela estância com relação à produção de produtos para a pele, como já era comum em estâncias balneárias europeias.

Outra propaganda encontrada na Biblioteca Municipal de Águas de Lindoia aponta o "Creme Lindoya" como uma loção de "formula scientífica, única no Brasil, insubstituível, elimina rapidamente rugas, espinhas, cravos, manchas da pelle, resultado maravilhoso". Somado ao texto, uma imagem das Thermas de Lindoya com o Hotel Gloria e a piscina, e dizeres sobre a água "mais poderosa e mais radiactiva das águas até [então]

analysadas". Por fim, as palavras de ordem aos novos rumos da estância: mocidade e beleza. Era esta a nova aliança a qual se propunha a cidade, investindo em novas frentes de exploração das águas medicinais.

Fig. 27 Propaganda do Creme Lindoya. s/d. FONTE: Acervo da Biblioteca Municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia.

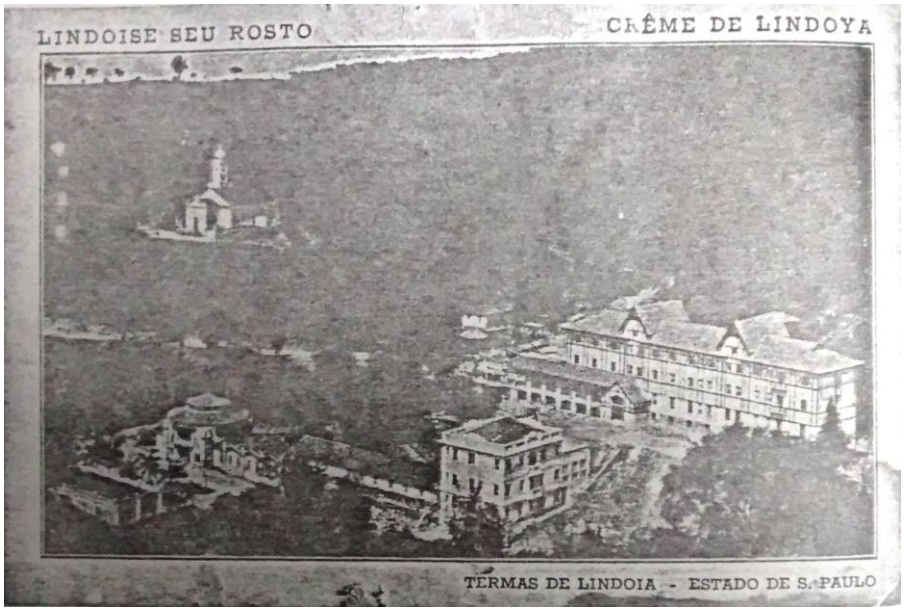


Fig. 28 -Propaganda do Creme Lindoya. s/d. FONTE: Acervo da Biblioteca Municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia.

Embora as cidades, como visto, tenham passado a se dedicar a outras vertentes econômicas, os curistas e alguns turistas ainda se dedicavam a aproveitar a estrutura da cidade

para passar os veraneios e finais de semana. Entretanto, os cuidados com os elementos urbanos, como balneários, piscinas e hotéis deixaram de ser prioridade para os empresários e mesmo para a prefeitura. Em Lindoia, a preeminência de Francisco Tozzi, que durou até sua morte em 1938, fez com que até este ano tudo fosse cuidado de acordo com a forma que o idealizador havia planejado. Melhorias frequentes, novos investimentos, hotéis e criação do balneário foram alguns dos resultados obtidos na cidade até este momento. Entretanto, após sua morte, o zelo sobre a estância diminuiu, e os investimentos nestes aspectos diminuíram na mesma medida.

Em 1943, 20 alqueires do município, que incluíam a construção do balneário, foram comprados por Benjamin Finenberg, que criou a empresa "Thermas de Lindoya S/A". Porém, mesmo com este investimento, o passar do tempo fez com que o balneário, aclamado como pioneiro nos investimentos da área e reconhecido nacionalmente, tenha se tornado obsoleto e com poucos reparos; os investimentos recebidos também não permitiam que a troca dos materiais suprisse o desgaste que ocorria, como visto na crítica da revista Vida Médica (1948). A própria higienização do estabelecimento, impecável no princípio e entendida como um dos principais procedimentos para as curas fora criticada neste artigo.

Embora tido como ultrapassado já na década de 1940, foi só em 1954 que um novo balneário passou a ser construído, sendo inaugurado em 1959 (CAMPOS E SILVA, 2005). Este balneário foi propriedade do Estado de São Paulo durante décadas, e a falta de visibilidade da hidroterapia e crenologia neste período fizeram com que os investimentos no local fossem cada vez mais reduzidos, além das alegações do Estado de que o estabelecimento não gerava lucros, apenas despesas. Apenas em 2010 a cidade conseguiu a doação do balneário, que passou a ser administrado pelo próprio município, que conseguiu retomar, desta forma, a vocação para as águas que tanto se orgulhava[27].

Fato é que a perda do número de visitantes nos fins das décadas de 1940 ocasionou uma quebra no desenvolvimento das cidades como estâncias hidrominerais, aptas a receberem turistas e curistas e que agora viviam de outras formas de exploração das águas. Embora a frequência às estâncias tenha continuado a existir, fica claro que a "época de ouro" destas cidades chegava ao fim. Os festejos, aparições nos jornais, publicações em revistas

[27]Esta última informação fora recebida através de conversas na própria cidade, e confirmada pelo site do balneário www.balnearioaguasdelindoia.com.br. Acesso em 01/02/2016.

científicas: tudo isto ficava para trás e a "moda" das cidades termais dava lugar apenas a aqueles que continuavam investindo no estudo das águas.

As cidades de Serra Negra e águas de Lindoia viveram sempre na tênue linha entre a cura e o divertimento; ora pendendo para a segunda, mas sempre puxadas de volta pelos investimentos dos médicos locais, que lembravam sempre qual a verdadeira vocação das cidades. Não é possível afirmar que estas estâncias não proporcionaram divertimentos mundanos dentre as práticas corporais lá realizadas, mas é possível afirmar que a vocação destas cidades para as curas e a regeneração sempre se sobressaiu nas relações lá estabelecidas.

Ao tratarmos do período aqui demarcado e falarmos destas estâncias, foi possível concluir que, de fato, as décadas de 1930 e 1940 foram responsáveis por compor um misto de emoções aos que elas visitavam: histórias, narrativas, divertimentos, prazeres, paisagens. Nos meandros das curas, regenerações e divertimentos, muitas histórias puderam ser narradas a respeito destas cidades na aurora do termalismo brasileiro.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 ARQUIVOS CONSULTADOS

Biblioteca municipal Germano Gelmini – Águas de Lindóia

Arquivo pessoal do memorialista José Paulo de Campos e Silva – Águas de Lindóia

Arquivo pessoal do historiador Francisco Goulart – Águas de Lindóia

Arquivo pessoal da memorialista Miriam Tozzi – Águas de Lindoia

Arquivo do balneário municipal de Águas de Lindóia

Biblioteca municipal de Serra Negra

Museu municipal Casco de Ouro de Serra Negra

Arquivo pessoal do jornalista Nestor de Souza Leme – Serra Negra

Biblioteca Dr. Orozimbo Correia Netto – Thermas Antônio Carlos– Poços de Caldas

Coleções Especiais da Biblioteca da Faculdade de Educação Física – Unicamp

Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp

Arquivo Público do Estado de São Paulo – São Paulo

7.2 FONTES DE PESQUISA

7.2.1 REVISTA VIDA E SAÚDE

CONSTOCK, B. Em véspera de férias. *Revista vida e saúde*, Santo André-SP, n. 11, p. 5, ano 6, nov., 1944

CORREIA NETO. Os banhos intestinais de água termal sulfurosa em poços de caldas pelo Suda Bad. *Revista Vida e Saúde*, Santo André-SP, n.11, p. 18, ano IV, Nov., 1942.

HARTER, B. Que é a hidroterapia. *Revista Vida e Saúde*, Santo André-SP, n.04, p. 04, ano IV, 1942.

MARSH, E. Haverá proveito nas férias? *Revista vida e saúde*, Santo André-SP, n. 06, p. 14, ano VI, jun., 1944.

SALLES, N. Caldas de Cipó. *Revista Vida e Saúde*, Santo André-SP, n.10, p. 09, ano VII, out., 1945.

TRATAMENTO da surdez pelos vapores sulfurosos de poços de caldas. *Revista Vida e Saúde*, Santo André-SP, n.04, p. 14, ano IV, abr., 1942.

7.2.2 REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA

AZAMBUJA, O.; SILVA, F. Excursionismo e montanhismo – cinco grandes conquistas. *Educação Physica,* Rio de Janeiro, n. 87, p. 11-14, jul-ago, 1945.

BOIGEY, Mauricio. A influencia hygienica do mar e dos banhos de mar. *Educação Physica***,** Riode Janeiro, n. 13, p. 70-73, dez. 1937.

DRESCHER, B.Volta à natureza. *Educação Physica,*Rio de Janeiro, n. 17, p. 67, abr., 1938.

FEINNMAN, E. Vida ao sol. *Educação Physica,* Rio de Janeiro, n. 41, p. 21-22, abr. 1940

GOULART, G. A marcha na montanha. *Educação Physica,* Rio de Janeiro, n.30, p. 12, jan. 1940.

KEHL, Renato. A luz solar. *Educação Physica***,** Rio de Janeiro, n. 55, p. 44. jun. 1941.

_____. O banho. *Educação Physica***,** Rio de Janeiro, n. 61, p.26-28, dez. 1941.

PATHAULT, A técnica do banho *Educação Physica,* Rio de Janeiro, n. 41, p. 58,abr., 1940.

SCOLNIK, J. A respeito de turismo e turistas. *Educação Physica,* Rio de Janeiro, nº67, p. 34, ago, 1942.

SPES. Férias nas praias. *Educação Physica,* Rio de Janeiro, n. 74, p. 36, mai-jun. 1943.

7.2.3 OUTRAS FONTES

A FONTE DE AGUAS THERMAES RADIO-ACTIVAS DE LYNDOIA: Conferencia feita pelo dr. Francisco Tozzi na Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. *Jornal a Nação,* São Paulo, 19 jul 1915, n. 47

A SRA. CURIE em São Paulo. *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo, 14 ago 1926.

ÁGUAS DE LINDOIA. S/l, s/e, s/d.

AIROSA, Manoel. *A propósito dos 21 dias.* Trabalho oficial de Hidrologia apresentado ao II Congresso Nacional de Hidro-climatismo no Rio de Janeiro. Nova edição, 1947.

ALMEIDA, S. V. As principais águas minerais do Brasil (histórico e indicações). In: Associação Paulista de Medicina, 1943, São Paulo. *Anais...*São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, p. 1-77.

Anais do 1° Congresso Brasileiro de Hidro-climatismo realizado em São Paulo de 12 a 14 de agosto de 1935. São Paulo: Editora limitada Imprimiu, 1937.

AS ÁGUAS MEDICAMENTOSAS naturaes. In: II Congresso Nacional de hidro-climatismo, 1943, Poços de Caldas. *Anais...* p. 6 – 12.

BOURROUL, C. *Águas radio-activas de Lindoya*. Conferência realizada pelo Dr. Celestino Bourroul, na sociedade de medicina e cirurgia em 22 de abril de 1920. Migy-Mirim: Casa Cardona, 1929.

_____. Estudo clínico das Aguas de Lindoia. In: I Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. *Anais...* p 733-747.

BRANDÃO, M. S. *Termoclimatimo social.* In: I Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. *Anais...* p 31-45.

CALDEIRA, J. N. *Álbum de Serra Negra.* São Paulo: organização Cruzeiro do Sul, 1935.

CONGRESSO DE HYDRO-CLIMATOLOGIA: O programa desta convenção scientífica. *Jornal Correio de São Paulo*, São Paulo, 1 ago 1935, ano IV, n.967.

CORREIA NETTO, O. As aguas thermaes brasileiras na pratica da hidrologia medica. Poços de Caldas: s/e, 1916.

CREDÍDIO, B. As águas de Lindoya e as moléstias alérgicas. In: Annaes paulistas de medicina e cirurgia, 1948, São Paulo. *Anais...* p. 26-47.

ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOYA. S/l, s/e, s/d.

ESTAÇÕES DE FADIGA. S/l, s/e, s/d.

GONSALVES, A. D. *Águas mineraes do Brasil.* 1937.

GUIMARÃES, Ranulpho Queiroz. *As águas mineraes medicinais de São Paulo***.** São Paulo: Officinas do Diário Official, 1923.

LINDOYA: a estação climática que é um manancial de esperanças e de energias no embate do bem contra o mal. *A comarca*, Mogy-Mirim, 30 mai 1935,n.3769.

LINDOYA e Serra Negra. (crônica). *Revista Vida Médica*, junho, 1948.

LOBO, J. B. Ocorrência de radiothoro nas Águas de Lindoia. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE BIO-FÍSICA, 1936, Rio de Janeiro. *Anais...* 1936.

LOMBARDI, A. *Almanak de Serra Negra.* Serra Negra: Typographia D'O Serrano, 1913.

LOPES, R. S. *Águas mineraes do Brasil.* In: II Congresso Nacional de hidro climatismo, 1943, Poços de Caldas. *Anais...* p. 13-51.

MATTOS FILHO, B. *Estações climatéricas de Sâo Paulo* (Campos do Jordão, Prata, Lindoya, etc). São Paulo: Secretaria da agricultura, indústria e comercio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade, 1928.

MOURÃO, B. M. A decadência do termalismo em Poços de Caldas. In: Conferência na secção regional de Poços de Caldas da Associação Médica de Minas Gerais. *Folha de Poços*, Poços de Caldas, p. 25, 17 a 27 ago. 1961.

MOURÃO, M. Lindoya e a epopeia de um centauro. *Jornal do commercio,* Poços de Caldas, 20 mar 1938

NASCIMENTO, T. *O valor de nossas águas minerais*. Relatório apresentado ao Governo de Minas Gerais, 1931.

_____ A riqueza hydro-mineral do Brasil. *Revista de hydrologia e climatologia medicas*. Suplemento da Medicamenta. Rio de Janeiro, Ano 1, Num. 1, jan-mar 1931.

POÇOS DE CALDAS – XXVII aniversário de sua elevação a comarca: número especial sob o patrocínio da Prefeitura Municipal e da Associação Comercial. Poços de Caldas, jan., 1944.L

PROCURE o ar puro dos campos. *Viver*: mensário de saúde, força e beleza. São Paulo, n.18, p. 18, ano II, 1940.

REVISTA BRASILEIRA DE FISIOTERAPIA. Rio de Janeiro, ano IX, n. 70/71, abr/mai 1948.

REZENDE, P. As águas mineraes do estado de Minas Geraes. Paris: Impasse Ronsin, 1920.

RIZZO, V. Cura da diurese pelas águas de Lindoya (algumas observações clínicas). In: Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. *Anais...* p. 783 – 796.

_____. Clima de altitude. Poços de Caldas, 1937.

R. NETTO, A. Contribuição do turismo para o progresso das estancias hydro-mineraes e climáticas. In: I Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. *Anais...* p 61-63.

SANTOS, O. P. Contribuição ao estudo das Águas de Lindoia. In: Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. *Anais...* p. 749-782.

SERRANO, O. Serra Negra, São Paulo: 1923.

TEMPORADA DE VERÃO DE 1947. São Paulo: Exprinter do Brasil, 1947

TERMAS DE LINDOIA: estância de repouso e sanatório. *Jornal do Estado,* São Paulo, 25 mar 1933.

TOZZI, H. *Estudo sobre Águas Minerais*. S/l, s/e, 1952.

UM RECANTO do paraíso. *Jornal A tarde*,[Bahia], s/d, p.5

7.3 MEMORIALISTAS

CAMPOS E SILVA, J. P. *Guia Histórico de Águas de Lindóia*. Campinas, SP: Editora Átomo, 2005.

CUNHA, S. *Serra Negra*: Seu povo e suas epopeias.Genesis Creações, 1986.

DALLARI, N. *Sob o céu azul da estância de Serra Negra.* Serra Negra: Editora Artes Gráficas "O Serrano". 1966.

FELIX, Alcebíades. *Alcebíades disse e a história confirma:* a história de Serra Negra por Alcebíades Felix. Amparo: Gráfica Foca, 2012.

JOSÉ, J. A. *A história de Serra Negra como deve ser contada*. São Paulo: Gráfica Editora Ltda., 1978.

TOZZI, M. *A cidade das águas azuis*. 1. Ed. Niteroi: Zoomgraf, 1987.

7.4 LEGISLAÇÃO

BRASIL, Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. *Dispõe sobre as Consolidações das Leis do Trabalho* - CLT – Disponível em <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 Abr 2015.

BRASIL. Decreto-lei nº 7.841, de 8 de agosto de 1945. Código de Águas Minerais. In: Bastone, P. e Dumont. H. P. *Legislação Mineral do Brasil*, 1965. p. 107-122.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.661, de 3 de dezembro de 1955. *Dispõe sobre a regulamentação do parágrafo 4º do artigo 153 da constituição federal*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L2661.htm>. Acesso em: 14 Abr 2015.

SÃO PAULO. Decreto Estadual n. 6501, de 19 jun 1934. Cria na divisão administrativa do Estado os municípios destinados a estâncias de tratamento ou de repouso, e dá outras providências**.** *Diário Oficial do Estado de São Paulo,* 20 jun. 1934.

SÃO PAULO. *Decreto Estadual n. 9731*, de 16 nov. 1938. Cria a estância hidromineral de Lindoya.

7.5 BIBLIOGRAFIA

ALVES, M. I. M. *Raízes da Ramalhada*: histórias da Serra Negra rural. Amparo/SP: Editora Foca, 2012.

ALVIM, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, F. A. (coord.); SEVCENKO, N. (org.) *Historia da vida privada no Brasil 3:*Republica: da Belle Epoque à época do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BLOCH, M. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

BOYER, M**.** *História do turismo de massa.* Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CHARTIER, R. *A história cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CORBIN, Alain. *O território do vazio*– a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras,1989.

_____. A fadiga, o repouso e a conquista do tempo. In: CORBIN, A.; CSERGO, J. *História dos tempos livres:* o advento do lazer. Lisboa, Portugal: Teorema, 2001.

_____. Do lazer culto à classe de lazer. In: CORBIN, A. ; CSERGO, J. *História dos tempos livres:* o advento do lazer. Lisboa, Portugal: Teorema, 2001.

DALBEN, A.; SOARES, C. L. A revista Vida e Saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940 – 1950). *Pensar a prática.* Goiás, v. 11, p. 239 – 250, n. 03, 2008.

DALBEN, A. SOARES, C. L. (orient.). *O discurso da beleza presente no pensamento médico-higienista da revista "Vida e Saúde"(1940 – 1950)* [S.l.: s.n.], 2006. 47p.

DALBEN, A. *Mais do que energia, uma aventura do corpo:* as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950). 2014. 389 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

_____. *Educação do corpo e vida ao ar livre:* natureza e educação física em São Paulo (1930-1945). 2009. 170 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Fisica, Campinas, SP.

EDLER, F. C. . A Medicina Brasileira no Século XIX: um balanço historiográfico. *Asclépio Revista de Historia de La Medicina y de La Ciencia*, Espanha, v. L, n.2, p. 169-186, 1998.

FUINI, L. L. *Manifestações da governança territorial no Brasil*: uma análise do 'Circuito das águas paulista' e do 'Circuito das malhas do sul de Minas Gerais'. 2010. Tese (doutorado). Instituto de Geociência e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

GLEYSE, J. ; DALBEN, A. ; SOARES, C. L. . Estudo comparativo da recepção do Método Natural de Georges Hébert no Brasil e na França. In: XIII Congress of the International Society for the History of Physical Education and Sport and XII Brazilian Congress for the History of Physical Education and Sport, 2013, Rio de Janeiro. *Esporte e Educação Física ao Redor do Mundo:* Passado, Presente e Futuro. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2013. v. 1. p. 107-117.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e Feminina*: imagens da mulher da revista Educação Physica. 1999. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GÓIS JÚNIOR, E. Higienismo. In: GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). *Dicionário crítico de educação física***.** Ijuí: editora Unijuí, 2005.

GÓIS JUNIOR, E. ; LOVISOLO, H. R. . Descontinuidade e Continuidades do Movimento Higienista no Brasil do Século XX. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (Online), Campinas/SP, v. 25, n.setembro, p. 41-55, 2003

GOULART, S. *Sob a verdade oficial:* ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo, SP; [Brasília]: Marco Zero: MCT/CNPq, 1990.

HASSE, M. *O divertimento do corpo:*corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o XX, em Portugal. Lisboa: Ed. Temática, 1999.

KINOSHITA, C. T. *Um d. Quixote científico a pregar para uma legião de panças:*os manuais escolares de higiene à sombra da eugenia (1923-1936). 2013. 192p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LENOBLE, R. *Historia da ideia de natureza.* Lisboa: Edições 70, 1969.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, C. B. (org.), *Fontes históricas*. Editora Contexto, São Paulo-SP, 2005.

LUZ, M. T. *Medicina e ordem politica brasileira*: politicas e instituições de saude, (1850-1930). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1982.

MARRAS, S. *A propósito de águas virtuosas:* formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2004.

MARRICHI, J. M. O. *A cidade termal*: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. 2009. 157 p. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. Memórias Médicas sobre as águas termais brasileiras e européias entre 1902 e 1950: relatos de viagem e apropriação do meio natural.. *Revista de História da UEG*, v. 1, p. 41-62, 2012.

_____; DE DECCA, E. S. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. *Vilegiaturas de prazer e a*

formação de uma cultura burguesa na cidade balneária de Poços de Caldas entre os anos de 1930 e 1940. [tese]. Campinas, SP: s.n.; 2015.

MARTIN-FUGIER, A. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, M. *História da vida privada 4*: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista:* imprensa e praticas culturais em tempos de republica, São Paulo (1890-1922). São Paulo, SP: Edusp; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MEDEIROS, D. C. C; SOARES, C. L. (orient.). *Por que procuras a natureza?* a educação do corpo e as viagens de férias às estâncias hidrominerais (1930-1940). [S.l.: s.n.], 2012. 68p.

MORENO, A.; SEGANTINI, V. C. Educação do Corpo na e pela linguagem da lei: potencialidades da legislação como fonte. *Pensar a Prática* – UFG, v. 11, p. 71-81, 2008.

NUNES, C. M. F. A. *Figueira da Foz (1930-1960):*Apontamentos sobre Turismo Balnear. 2009. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra/ Portugal. 2009.

OLIVEIRA, M. A. T. de; VAZ, A. F. Educação do corpo: teoria e história. *Perspectiva,* Florianópolis, p. 13-20, jan. 2004. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10335/9600>. Acesso em: 14 Abr. 2015.

QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). *História, Ciências, Saúde: Manguinhos,* vol. 11 (suplemento 1): 239-60, 2004.

_____.Cura Termal: entre as práticas "populares" e os saberes "científicos". In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004*, Anais...* Coimbra: Portugal, 2004, p. 1-22.

RAGO, Luzia Margareth.*Do cabare ao lar:* utopia da cidade disciplinar, Brasil : 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

RAUCH, A. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). In: CORBIN, A. ; CSERGO, J. *História dos tempos livres:* o advento do lazer. Lisboa, Portugal: Teorema, 2001.

RICHEZ, J. C.; STRAUSS, L. Um tempo novo para os operários : as férias pagas (1930-1960). In: CORBIN, A. ; CSERGO, J. *História dos tempos livres:* o advento do lazer. Lisboa, Portugal: Teorema, 2001.

RIO, João do. *A correspondência de uma estação da cura*. São Paulo: IMS/Scipione, 1992.

ROCHA, H. H. P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo.* Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.

SANT'ANNA, D. B. de. *O prazer justificado:* historia e lazer: (São Paulo, 1969/1979). São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.

_____.*Cidade das águas:* usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo, SP: SENAC, 2007.

SANTOS FILHO, J. O turismo na era Vargas e o departamento de imprensa e propaganda – DIP. *CULTUR: Revista de cultura e turismo*, v. 2, n. 2, p. 102-115, jul., 2008.

SILVA, A. L. S. *A perfeição expressa na carne:* A educação física no projeto eugênico de Renato Khel – 1917 a 1929. 2008. 141p. Dissertação (mestrado) –Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOARES, C. L. *O pensamento médico higienista e a Educação Física*: 1850 a 1930. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1990.

_____.*Educação física***:** raizes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

_____. *Imagens da educação no corpo:* estudo a partir da ginastica francesa no seculo XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (org.). *Corpo e história*, Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. Educação do corpo. In: GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). *Dicionário crítico de educação física***.**3ª edicaçõ.Ijuí: editora Unijuí, 2014.

SOUSA, J. P. de. A cólera, a tuberculose e a varíola: as doenças e seus corpos.. In: PRIORE, M; AMARANTINO, M. (Org.*). História do corpo no Brasil.*. 1ed.São Paulo: Unesp, 2011, v. , p. 223-249.

TOTA, A. P. *O Estado Novo***.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação a plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo.*São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Higiène du corps et travail des apparences. In: Corbin A, Courtine J, Vigarello G. Histoire du corps. Paris: Seuil; 2005.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade***:** na história e na literatura. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2011.

ZUCON, O. *Da corporalidade*: concepções médicas sobre a forma corporal. 2006. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.